AO VIVO: MONSTERS OF ROCK, NEW ORDER

SHOWBIZZ

Para quem gosta de música

R$ 5,00

Editora Abril

GRÁTIS!
Suplemento especial
DISCOTECA BÁSICA VOL. 2
Os 100 CDs que você precisa ter em sua coleção

O culto à Legião
Bandas cover e itens de colecionador enlouquecem os fãs

MARILYN MANSON
O homem mais polêmico do rock provoca: "Sou hermafrodita"

Reportagem especial
ORGULHO NEGRO SOB A DITADURA
Conheça a história dos pioneiros do som black brasileiro

Gilberto Gil
Investe no baião e prepara homenagem a Bob Marley

ALANIS MORISSETTE

Desiludida com a fama, ela quase parou de cantar

"Cansei de ver artistas se esfaqueando. Pensei em abrir um bar"

ANO 14 Nº 10
OUTUBRO 1998

AIRWALK

SÓ EM LOJAS MUITO RADICAIS.
Fone: (051)563.1655 - R: 328 - e-mail: dilly@dilly.com.br

Editorial&Sumário

Esta SHOWBIZZ traz seis seções novas. Duas delas são espaços a ser ocupados diretamente por você: **SHOWBIZZ Responde** vai tirar suas dúvidas sobre música, trazer fichas biográficas e discografias de seus artistas favoritos; **Entre Leitores** é o espaço para trocar correspondência e itens de colecionador, divulgar seu fã-clube ou mesmo encontrar aquele baixista que estava faltando na sua banda.

Equipamentos De Som vai dar orientações sobre novos modelos e tecnologias, traduzindo informações técnicas para você, que simplesmente adora ouvir música. Da mesma forma, **Instrumentos Musicais** não se destina só a quem toca alguma coisa: vai ajudar a explicar a mágica de sons que você aprecia.

Minha Coleção vai bisbilhotar a estante de discos de gente famosa que, como você, tem uma ligação forte com a música, trazendo sempre belas dicas para a sua CDteca. **Som Independente** amplia o conceito da antiga seção Democracia, aumentando também o espaço para novos talentos.

Nossa matéria de capa é uma entrevista exclusiva com Alanis Morissette, a mulher que mais vende discos no planeta. Infeliz e decepcionada com "as mentiras" do show business, ela pensou em parar de cantar. Mas volta agora, destilando mágoas com ironia.

Outra reportagem de destaque nesta edição, Senhores Tempo Bom, lembra de cantores e músicos brasileiros que falavam em orgulho negro na época da ditadura militar e animavam inesquecíveis bailes que conciliavam diversão e conscientização.

Pedro Só

16 Alanis Morissette – O sucesso dói
Decepcionada com a falsidade do meio artístico, ela quase parou de cantar

24 Senhores Tempo Bom
Eles fizeram história na música black brasileira: Tony Tornado, Gérson "King" Combo, Paulo Diniz...

34 Gilberto Gil
Baião, rap e a negritude brasileira

40 Marilyn Manson
Perseguido pelos conservadores americanos, ele segue provocando

42 Legião insaciável
O culto ao grupo de Renato Russo

46 A voz do mundo livre
Fred 04 pega no cavaquinho para atacar a MPB estabelecida

sempre em showbizz

6 CARTAS
Leitor lamenta a postura dos Racionais

8 SHOWBIZZ RESPONDE
Dúvidas, fichas, discografias

10 INFORME BIZZ
D2 solo, o novo baiano Lucas Santana

52 SOM INDEPENDENTE
A seção *Democracia*, revista e aumentada

54 LETRA TRADUZIDA
"Fake Plastic Trees", do Radiohead

56 MINHA COLEÇÃO
Arnaldo Antunes e seus CDs favoritos

59 DISCOS
Lauryn Hill, Elis Regina, Beth Carvalho, Rita Lee, Frank Zappa, Sugarcubes

70 AO VIVO
Reading Festival, Monsters Of Rock, Jota Quest

76 MEU INSTRUMENTO
O violão slide de Ben Harper

78 EQUIPAMENTOS DE SOM
Gravadores de CD

80 ENTRE LEITORES
Fã-clubes, trocas, vendas e correspondência

82 DISCOTECA BÁSICA
Songs The Lord Taught Us, dos Cramps

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Banda Black Rio – *Série Aplauso*
"Saci-Pererê" e outros grandes momentos da fusão entre samba, jazz e música negra americana.

Bruce Dickinson – *Chemical Wedding*
O ex-vocalista do Iron Maiden fez o disco que sua antiga banda está devendo há anos.

Jay-Jay Johanseh – *Tattoo*
Um sueco pra lá de *cool* canta MPB com tendências eletrônicas. A mistura, genial, tem até Taiguara.

Bezerra Da Silva – *Eu Tô De Pé*
O rei do partido alto volta à forma em hilariantes sátiras, como "Garrafada Do Norte".

rebellion

LEVI'S

Cartas

Escreva para SHOWBIZZ:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
email: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Leitor aplaude o trabalho de Mano Brown e dos Racionais MC's, mas lamenta seu discurso segregacionista

Jorge Rosenberg

Carta do mês

Tenho acompanhado o trabalho dos Racionais, e não há como negar que eles conseguem transmitir pela música uma visão autêntica das situações vividas pelos "manos" no dia-a-dia de um país repleto de desigualdades sociais. Mas o que aconteceu na noite da entrega do Video Music Brasil da MTV, e que pôde ser visto pelo Brasil inteiro, podemos classificar como sendo, no mínimo, uma infelicidade para os Racionais MC's e para a sua vasta legião de fãs.

A música é a única linguagem universal. E essa linguagem universal se faz acessível a toda e qualquer pessoa, seja ela branca ou negra, faça ela parte deste ou daquele grupo social ("manos" ou "playboys"). Não é opção ser um "mano" ou um "playboy". Se fosse dado a cada pessoa o direito de escolher sua condição social, certamente viveríamos todos em perfeita harmonia, sendo inclusive desnecessária a existência da música de protesto dos Racionais.

Ser "mano" ou ser "playboy" é uma consequência histórica. Ainda assim, face a esta realidade de desigualdades sociais, as massas convivem pacificamente, alimentadas pela esperança de um futuro melhor. Incitar a segregação (sim, ironicamente e irracionalmente os Racionais incitam a segregação) significa motivar um colapso de proporções inimagináveis, e o Brasil não precisa disso. Lamentável, pois os Racionais são muito bons naquilo que fazem.

Marcos Coila – Pato Branco, PR

Marley, prós e contra

Até que enfim tivemos o nosso grande Rei do Reggae na capa da SHOWBIZZ *(edição de setembro)*. Espero que vocês possam continuar privilegiando os amantes do ritmo jamaicano com matérias espetaculares como essa e consigam tirar da cabeça de algumas pessoas a idéia equivocada de que reggae é tudo igual.

Fernando Temporão – Rio de Janeiro, RJ

Não acredito que vocês estão falando de reggae de novo! Um estilo banal, datado, com a mesma lengalenga pseudopolítica. Quem já teve a oportunidade de ler a própria SHOWBIZZ não se importa mais com reggae (ou com lambada)... A revista precisa ser democrática, mas isso às vezes enche o saco.

Leandro Gontijo – Juiz de Fora, MG

Sensacional a SHOWBIZZ de setembro *(edição 158)*, ao enfocar, na matéria de capa, a maior expressão mundial do reggae. Que vocês continuem honrando o novo slogan da revista ("Para quem gosta de música").

Eduardo Medina – Juiz de Fora, MG

Reginaldo, meu amor

O que vocês acham destas pérolas da MPB?
"O cachorro me sorriu latindo", Roberto e Erasmo.
"Vem meu amor, vem fazer gluglu, mon amour", Sérgio Mallandro.
O cantor pernambucano Reginaldo Rossi tem pelo menos uma para cada outra que vocês lembrarem, tão geniais quanto estas. Só para ilustrar:
"Dizem que o seu coração voa mais que avião, dizem que o seu amor só tem gosto de fel, vai trair seu marido em plena lua-de-mel". É pouco ou quer mais?

Luiz Marcelo Vieira – São Paulo, SP

Uaaaau!!! Não acreditei quando vi o nosso rei na SHOWBIZZ. O Reginaldo Rossi é unanimidade em Recife, ele é o verdadeiro rei das farras da rapaziada. Só queria informar que nos anos 70 ele integrava o grupo de rock (iê-iê-iê) chamado Silver Jets... que demais, hein?!

Matheus Cabral – Jaboatão dos Guararapes, PE

Monstros do rock

Gostaria de dar os parabéns para vocês pela ótima reportagem que fizeram sobre a volta do Ozzy Osbourne (melhor vocalista do mundo para mim) para o Black Sabath.

Henrique Rocha – Campinas, SP

O festival Monsters Of Rock foi demais!!! *(veja seção Ao vivo na página 72)* Foram mais de dez horas só de rock... Não sei se todos que foram concordarão comigo, mas o melhor foi o Manowar. Confesso que eu não conhecia muito bem essa banda, mas já ganharam um novo fã! Queria também parabenizar os produtores por não permitirem a venda de bebida alcoólica. Claro que eu bebo, mas achei legal da parte deles. Foi só pura diversão!

Mário Pereira – Santos, SP

SHOWBIZZ no mundo

Sou do fanzine *Pandora's Box*, que é 100% sobre Madonna, e gostaria de informar que despachamos dezessete exemplares da edição de agosto da SHOWBIZZ, em que a diva aparece na capa, para vários fãs amigos nossos por todo o mundo. Eles adoraram tudo, principalmente o look da capa, pois era uma foto pouco divulgada. Parabéns!!!

Bruno Urbanavicius – Vitória da Conquista, BA
panboxzine@hotmail.com

Preço do CD

Outro dia vi na TV uma propaganda sobre a pirataria de CDs. Acho que os artistas estão totalmente certos no que diz respeito aos direitos autorais de suas obras, mas existe um fato relevante que me fez pensar. Por mais que um CD pirata tenha uma qualidade inferior, seu custo não deve ser menor assim. Ele custa em média (para o consumidor) 5 reais, enquanto o original beira os 20 reais. Os piratas devem ter seu lucro, que não deve ser baixo, tendo em vista a quantidade de gente envolvida e toda a segurança que um negócio ilegal exige. Será que as pessoas que não podem pagar 20 reais por um CD de seu artista preferido vão ficar sem ouvir suas músicas só porque o encarte não tem a letra ou não é de boa qualidade? Acho que não basta só combater a pirataria, tinha de haver uma vigilância sobre o preço dos CDs.

Angelo Pavan – Ferraz de Vasconcelos, SP

Saudades

No dia 11 de outubro completaram-se dois anos que perdemos Renato Russo. É muito doloroso saber que o maior sonho da sua vida não pode ser realizado: o meu era assistir a um show da Legião Urbana. Renato deixou uma coleção de canções que nasceram do talento de um grande contador de histórias. Ásperas ou suaves, não importa, não foi tempo perdido. Saudades.

Adelton de Oliveira – Feira de Santana, BA

Revoltado

Fiquei revoltado ao ler a reportagem sobre a homenagem negada pelo prefeito de São Paulo, Celso Pitta, a Renato Russo. É um desrespeito contra a lembrança dele, e contra nós, fãs. Mesmo assim, continuo ouvindo suas músicas todo dia e não deixo a chama da Legião Urbana apagar.

Eder Picoli – Santa Fé do Sul, SP

Novo nível

Gostei bastante do novo formato da SHOWBIZZ. Aquele tamanho anterior não me agradava muito, e, pelo jeito, a vocês também não. Nunca tinha escrito para a SHOWBIZZ, nem para a BIZZ, mas tinha de dar os parabéns a vocês. Melhorou muito a revista de uns tempos pra cá.

Voltaire Lemos – Belo Horizonte, MG

Sou leitora da SHOWBIZZ desde 1985 e adorei o retorno ao tamanho original da revista!!!

Aida Fernandes – via e-mail

Nas primeiras páginas, Nara Leão e Elis Regina (*Informe Bizz, setembro*)?! Caramba, o nível subiu muito! Também gostei do especial "Discoteca Básica". Pena que CD no Brasil ainda seja tão caro, senão dava para comprar todos. Quanto ao show acústico dos Paralamas, quem viu sabe que dispensa comentários! O fato de o repertório ser composto por músicas menos ou nada conhecidas do público em geral já abala qualquer saudoso fã. E a decoração do palco com móveis antigos, somada aos lugares pequenos onde acontecem as apresentações, dá o toque final, o charme!

Fernanda Lemos – Niterói, RJ

Números Atrasados:
Tel. (011) 810-4800 ou pelo email:dinap.na@email.abril.com.br
Central de Atendimento ao Assinante
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE E EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomanik
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Egberto de Medeiros
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Heron Kobata
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Mathias Suzuki Jr.
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Milton Longobardi

SHOWBIZZ

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Nicolino Spina

REDATOR-CHEFE: Pedro Só
EDITORES: Bernardo Araujo e Sérgio Martins
REPÓRTER: Letícia Calmon
EDITOR DE ARTE: Renato Yada
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Roberto Morgan Lopes
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Ana Paula Freire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: (TEXTO) André Barcinski, Avelon Magnum Jr., Carlos Eduardo Oliveira, Carlos Freitas, Carlos Marcelo, Celso Masson, Celso Pucci, Claudia Lima, Daniel Oliveira, Danilo Monteiro, Edgard Reymão, Giovana Halbach, Hagamenon Brito, Helio Gomes, Luciano Vianna Luciano Marsiglia, Márcio Pinheiro, Mario Ferreira, Paulo Cavalcanti, Rodrigo Salem, Sérgio Barbo, Thomas Pappon, Valeria Rossi, Vitor Panhozzi (ARTE) Rudolpho Vasconcellos Neto (FOTOS) Alex Silveira, Armando Prado, Daniela Duarte, Jorge Rosenberg, Marcelo Ximenes, Marcos Muzi, Robin Gibson, Rui Mendes (ILUSTRAÇÃO) Rodrigo Leão (REVISÃO) Jorge Cotait

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo; ABRIL PRESS: José Carlos Augusto; NOVA YORK: Grace de Souza; PARIS: Pedro de Souza

COMERCIAL
DIRETORA COMERCIAL: Angela Marsiaj

PUBLICIDADE
DIRETORA DE PUBLICIDADE: Thais Chede S. B. Barreto
GERENTE DE VENDAS: Renato Fonseca Scolamieri
EXECUTIVOS DE CONTAS: Júlia Maria G. Farina, Márcia Regina Braga
GERENTE DE MARKETING PUBLICITÁRIO: Elizabeth Rocha Simone de Souza

ASSINATURAS
DIRETOR DE OPERAÇÕES E SERVIÇOS: Antonio Almeida
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira

PLANEJAMENTO E CONTROLE
Glauco C. Barros
PROCESSOS
Gilson Del Carlo

DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Venturoso
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões

Grupo Abril

PRESIDÊNCIA: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Fatima Ali, Geraldo Nogueira de Aguiar, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenthal

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

O trio americano Green Day prepara sua primeira vinda ao Brasil em novembro

Dias verdes virão

Quero a discografia do Green Day.

Fabio da Silva – Joinville, SC

Anote aí, Fabio: 1.000 Hours *(EP, de 1989),* 39/Smooth *(1990, relançado em CD com várias faixas-bônus, com o nome de* 1.039/Smoothed Out Slappy Hours*),* Kerplunk *(1992, na versão CD inclui o EP* Sweet Children*, de 1990),* Dookie *(1994),* Insomniac *(1995),* Bowling Bowling Bowling Parking Parking *(1996, mini-LP ao vivo) e* Nimrod *(1997).*

Peço a publicação da discografia dos Smashing Pumpkins. E quando o Green Day pode tocar aqui no Brasil?

Carlos Silva – Guararema, SP

O Green Day deve vir em novembro, com datas e locais a confirmar. A discografia do Smashing é Gish *(1991),* Siamese Dream *(1993),* Pisces Iscariot *(1994),* Mellon Collie And The Infinite Sadness *(1996) e* Adore *(1998).*

A voz de Russo

Sou fã recente da Legião Urbana e queria saber se Renato Russo se submeteu a aulas de canto para gravar o seu primeiro disco solo.

Elias Antonio Berni Neto – Americana, SP

Não houve nenhuma preparação vocal antes de *The Stonewall Celebration*, primeiro solo de Renato. Ele também não teve aulas de canto para *Equilíbrio Distante*, mas uma professora lhe ensinava a pronúncia correta do idioma italiano.

Belos e ordinários

Gostaria de saber alguma coisa sobre a banda Pretty Boy Floyd.

William da Costa Soares – Guapimirim, RJ

O nome foi retirado do codinome de um famoso ladrão americano do início do século. Fundada em 1990, o grupo lançou no mesmo ano Leather Boys With Eletric Toys*, único álbum da carreira. O Pretty Boy Floyd ficou inativo por muito tempo, mas no início deste ano voltou a excursionar com seu hard rock inspirado em bandas do gênero dos anos 70. Corre o boato de que o grupo roubou algumas canções, sem dar o devido crédito aos seus autores. Outra curiosidade: o Ugly Kid Joe criou seu nome a partir de uma gozação com o Pretty Boy Floyd.*

Ex-Bon Jovi sumido

Por onde anda meu querido Alec John Such, ex-baixista do Bon Jovi, que foi substituído pela múmia Hugh McDonald?

Luciene Pavanelo – São Paulo, SP

A última notícia que tivemos de Alec foi que ele montou uma banda de jazz em New Jersey.

Mapa da maluquice

Publiquem a discografia do Raul Seixas.

Antônio Ventura – Campinas, SP

Entre discos de carreira e coletâneas (a maioria delas saiu depois da morte de Raul, em agosto de 1989), a discografia do Maluco Beleza consiste em: Raulzito E Os Panteras *(1967),* Sociedade Da Grã-Ordem Kavernista *(com Miriam Batucada, Edy Star e Sérgio Sampaio, 1971),* Krig-Há Bandolo *(1972),* Os 24 Maiores Sucessos Da Era Do Rock *(1973, relançado em 1975 como* Vinte Anos De Rock*),* Gita *(1974),* Novo Aeon *(1975),* Há Dez Mil Anos Atrás *(1976),* Raul Rock Seixas *(1977),* O Dia Em Que A Terra Parou *(1977),* Mata Virgem *(1978),* Por Quem Os Sinos Dobram *(1979),* Abre-te Sésamo *(1980),* A Arte De Raul Seixas *(1980),* Raul Seixas/Caritmbador Maluco *(1983),* Raul Seixas Ao Vivo, Único E Exclusivo *(1983),* Metrô 743 *(1984),* Let Me Sing My Rock'N'Roll *(1985),* Raul Rock Seixas Vol. II *(1985),* Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Bém-Bum *(1987),* Pedra Do Gênesis *(1988),* Panela Do Diabo *(com Marcelo Nova, 1989),* Baú Do Raul *(1992),* Raul Vivo *(1993),* Se O Rádio Não Toca... *(1994),* Os Grandes Sucessos De Raul Seixas *(1994),* Metamorfose Ambulante *(1994),* Caminhos *(1994),* Raul Rock Vols. I e II *(1994),* Documento *(1998).*

Bowie completo

Quero saber a discografia do David Bowie.

Patrícia Xavier – Blumenau, SC

The World Of David Bowie *(1967),* Man Of Words, Man Of Music *(1970),* Hunky Dory *(1971),* The Rise And Fall Of Ziggy Stardust And The Spiders From Mars *(1972),* Alladin Sane *(1973),* Pin Ups *(1973),* Images 1966-67 *(1973),* Diamond Dogs *(1974),* David Live *(1974),* Young Americans *(1975),* Station To Station *(1976),* ChangesOneBowie *(1976, coletânea),* Low *(1977),* Heroes *(1977),* Stage *(1978),* Lodger *(1979),* Scary Monsters *(1980),* ChangesTwoBowie *(1981, coletânea),* Christiane F *(trilha, 1981),* Cat People *(trilha, 1982),* Baal *(1982),* Let's Dance *(1983),* Golden Years *(1983),* Ziggy Stardust *(1983),* Fame And Fashion *(1984),* Tonight *(1984),* Never Let Me Down *(1987),* Sound + Vision *(1989, caixa com três CDs),* ChangesBowie *(1990, coletânea),* Black Tie White Noise *(1993),* The Buddha Of Suburbia *(trilha,1994)* e Earthling *(1997).*

Com a banda Tin Machine, David Bowie gravou Tin Machine *(1989) e* Tin Machine II *(1991).*

Queen na TV

Que música do Queen é o tema de abertura da série de TV *Highlander*?

David Cunha – Manaus, AM

A canção é "Masters Of The Universe", do disco Kind Of Magic *(1986).*

Batidas asiáticas

O novo álbum do grupo inglês Kula Shaker sai ou não sai? Queria também saber a discografia do Transglobal Underground.

Saulo Araújo – Itaquaquecetuba, SP

Kula Shaker, que fez barulho com sua estréia em K (1996), está ainda preparando o próximo disco. O Transglobal começou em 1992 e lançou Chant Of 1.000 Nations *(1994),* International Times *(1995),* Psichic Karaoke *(1997) e* Rejoice Rejoice *(1998). A cantora Natacha Atlas, colaboradora constante nos vocais do grupo, fez dois álbuns solo,* Diaspora *(1996) e* Halim *(1997).*

Ficha: KRAFTWERK

O grupo alemão Kraftwerk põe a música na era digital

Todo mês, em **SHOWBIZZ RESPONDE**, publicaremos fichas com resumos biográficos e discografias das bandas favoritas dos leitores. Na estréia da seção, foco no grupo germânico Kraftwerk, atração do festival Free Jazz, a pedido de **Luiz Amaro Gondim** (São Paulo, SP).

Importância

A revista americana *Spin* exagerou, perguntando, em chamada de capa: "Mais influentes do que os Beatles?" O fato é que techno, drum'n'bass e todas as tendências eletrônicas contemporâneas devem tudo ao pop robótico do Kraftwerk. Depois de influenciar, inicialmente, David Bowie, em sua trilogia de discos com Brian Eno (*Low*, *Heroes* e *Lodger*) no final dos anos 70, o trabalho do grupo alemão também ecoou na música negra americana (funk, rhythm & blues, e rap), no New Order e na cena dance britânica, além, é claro, do tecnopop de Duran Duran, Soft Cell e Human League.

Biografia

• Em 1969, os estudantes de arte Ralf Hutter (Düsseldorf, Alemanha, 20/8/46) e Florian Schneider Esleben (Düsseldorf, 7/4/47) começam a tocar juntos no quinteto Organization, em Düsseldorf.

• No ano seguinte, os dois criam o Kraftwerk, com Klaus Dinger e Andreas Homann. Todos os integrantes executam programações eletrônicas, além de tocar vários instrumentos acústicos. Essa formação é responsável pelos discos *Kraftwerk 1* e *Kraftwerk 2*.

• Com Dinger e Homann fora do grupo, gravam o LP *Ralf And Florian*, em 1973.

• Dois novos integrantes são incorporados em 1974: Wolfgang Flur e Klaus Roeder. No mesmo ano, sai *Autobahn*. A faixa-título tem 22 minutos, mas uma versão editada ganha as rádios de todo o mundo. O álbum alcança o quinto lugar nos EUA.

• *Radioactivity*, de 1975, marca a entrada de Karl Bartos no lugar de Klaus Roeder, e a retomada da veia experimental.

• Em 1977, sai o histórico *Trans-Europe Express*, com o hit "Hall Of Mirrors". A contagiante faixa-título fornece as bases para "Planet Rock", rap revolucionário gravado por Afrika Bambaataa em 1982.

• "The Model", faixa do igualmente inspirado álbum *Man Machine* (1978), chega ao primeiro posto da parada inglesa.

• Voltam com *Computer World*, em 1981, passando o bastão para o tecnopop emergente da época em hits como "Pocket Calculator" e a clássica "Computer Love".

• *The Mix* (1991) traz novas roupagens para clássicos como "Musique Non Stop".

• Voltam em 1997, no festival Tribal Gathering (na Inglaterra).

Discografia

Kraftwerk 1 (1971), *Kraftwerk 2* (1972), *Ralf And Florian* (1973), *Autobahn* (1974), *Radioactivity* (1975), *Trans-Europe Express* (1977), *The Man-Machine* (1978), *Computer World* (1981), *Electric Café* (1986), *The Mix* (1991), *The Model* (coletânea, 1992)

Informe Bizz

D2 deixou os instrumentos de lado e recheou seu CD solo de samplers nacionais

Onda diferente

Quem vê **Marcelo D2** na capa de seu recém-lançado disco solo, *Eu Tiro É Onda*, de boné de malandro e cordão no pescoço, pensa que o rapper carioca virou sambista. E foi o que aconteceu, à maneira de Marcelo. "Fiz questão de que todos os samplers do disco fossem de música brasileira", conta ele, fã de artistas como Bezerra da Silva e o cantor *benjoriano* Bebeto. Inteiramente hip-hop, o CD foi gravado na casa de D2 – onde um estúdio foi montado – e mixado em Los Angeles e Nova York. "Era exatamente isto que eu queria: gravar sem ter horário, podendo compor na hora, como sempre fiz, e mixar com um engenheiro que entendesse de hip-hop." O escolhido foi Carlos Boss, responsável pelo serviço em CDs de artistas de hip hop, como o Wu-Tang Clan e o Jazzmatazz. Marcelo não acha que o estilo rap'n'roll do Hemp imponha limites às composições (o que o teria levado ao trabalho sozinho), pelo contrário. "No disco solo tinha mais limites, porque eu queria fazer uma coisa estritamente hip-hop." *Eu Tiro É Onda* tem participações de veteranos músicos, como o pianista João Donato, o percussionista Dom Um Romão e o quarteto vocal As Gatas, além dos jovens Black Alien, Zé Gonzales e Jackson, integrantes do Planet Hemp. "Só o Formigão (baixista) e o Bacalhau (baterista) ficaram de fora", conta D2, informando que o primeiro está montando uma banda de hardcore e o segundo, estudando engenharia de gravação. Marcelo pretende passar o verão em turnê, promovendo o disco solo, e em março entrar em estúdio (ou em casa) com a banda.

Rap pelo Timor

Mano Brown canta pela liberdade

Apesar de todo o mau humor, os **Racionais MCs** são chegados a uma solidariedade. No último dia 27 de setembro, o grupo compareceu – ao lado de outros artistas de rap – a um ato-show pela libertação do Timor Leste. A ex-colônia portuguesa foi invadida pela vizinha Indonésia em 1975 e um terço de seu povo foi assassinado. Entre outras coisas, os soldados indonésios não permitem que os timorenses falem português (sua primeira língua) ou exerçam a fé católica, mesma opção religiosa dos Racionais. O cantor Mano Brown, que conheceu o drama dos asiáticos por intermédio de bandas de rap de Portugal, concluiu: "Vivemos em guerra como no Timor, por isso pedimos liberdade ao povo de lá e dignidade para a comunidade do hip-hop". Tá falado.

O Cidade Negra lança CD com versões dub após shows na Europa

Cidade viaja

Na esteira do recém-lançado *Quanto Mais Curtido Melhor*, o **Cidade Negra** está finalizando outro projeto: um disco só com versões dub (vertente do reggae que privilegia ecos e distorções sonoras) para seus maiores sucessos. Ainda sem título, e com previsão de lançamento para janeiro do ano que vem – quando o quarteto retornar de shows pela Europa –, o CD trará na produção mestres do estilo, como a dupla Sly & Robbie, Mad Professor e Augustus Pablo, bamba do reggae-raiz jamaicano. "Estamos viajando com as versões que têm chegado, é de entortar a mente", comenta o cantor Toni Garrido, que acaba de filmar *Orfeu Negro*, dirigido por Cacá Diegues, em que interpreta o papel-título.

Djavan está na TV e em palcos pelo mundo

Tricampeão de novela

Djavan já pode entrar para o livro *Guinness* de recordes. O alagoano acaba de emplacar pela terceira vez uma mesma música, "Meu Bem Querer", em novelas da TV Globo. "A primeira vez foi em *Brilhante*, de 1980, e depois na *Indomada*, em 1996", conta ele, que regravou a canção para a abertura da novela homônima, das 19h. "Foi um desafio gostoso, e fiz questão de mudar bem a canção", garante. "Meu Bem Querer" é uma das doze músicas de *Bicho Solto XIII*, novo CD do autor de "Sina" e "Oceano". O disco, um pouco mais dançante do que de hábito, levará Djavan a shows pelo Brasil, Europa, Estados Unidos e Japão.

IMAGINE O DA JAMAICA

O que há em comum entre o pagodeiro **Netinho**, do **Negritude Jr.**, e **Buju Banton**, o maior astro jamaicano do reggae atual (ex-homofóbico radical)? Tudo, basta olhar para o rosto dos dois e ver que só falta o Netinho deixar crescer a barba.

Buju Banton (esq.) e Netinho: *brothers*

Lucas pilota o violão ao lado de feras em seu disco de estréia

Promessa baiana

Uma nova geração baiana começa a mostrar a cara com o disco *Eletro Bem Dodô*, de **Lucas Santana**. Ex-flautista da banda de Gilberto Gil e filho do produtor Roberto Santana –, o homem que apresentou Caetano Veloso a Gil –, Lucas, de 27 anos, juntou sua turminha no estúdio Neandertal, que divide com dois sócios em Ipanema, no Rio. Entre os músicos estão os guitarristas Davi Moraes (da banda de Marisa Monte) e Pedro Sá (que acompanha Lenine), os percussionistas Marcos Suzano e Ramiro Mussoto e o saxofonista Carlos Malta. "No início pretendia gravar apenas uma demo, mas o Chico (*Neves, produtor*) foi gostando das músicas e acabamos registrando o disco inteiro, com treze músicas e uma vinheta", conta o estreante. Ele canta e toca violão em canções como "Itapoã Ano 2000", "Deixa O Sol Bater" e versões para "Fricote", de Luiz Caldas, "Mensagem De Amor", dos Paralamas, e "Funky Good Time", de James Brown. "Meu som é um funkão baiano, com muita percussão", define, simples, o cantor.

De costas para o rádio

Nem todo mundo ficou sabendo, mas o quarteto americano alternativo **Superchunk** passou pelo Brasil em setembro, tocando para pequenas multidões em São Paulo, Curitiba, Maringá, Belo Horizonte e São Bernardo do Campo. O Broadway, na capital paulista, foi pequeno para o quarteto liderado pelo guitarrista e cantor Mac McCaughan, apesar da noite de terça (dia 13 de setembro) chuvosa e fria. Respeitados no circuito universitário americano – eles trabalham longe do esquema de grandes gravadoras há uma década –, Mac, a baixista Laura Ballance, o guitarrista Jim Wilbur e o baterista Jon Wurster esquentaram o final do inverno com o punk-pop de canções como "Slack Motherfucker", "My Noise" e "The Question Is How Fast". "Nossa principal intenção é não soar como nada que toque no rádio", avisou Mac.

Mac e o Superchunk sacudiram SP

Os Titãs misturam violões e guitarras

Levemente elétrico

O novo show dos **Titãs**, que estreou em Porto Alegre, traz de volta os instrumentos elétricos, mas mantém o clima de *Acústico*, que ficou em cartaz por um ano e meio e foi apresentado pela última vez no dia 18 de setembro, no Metropolitan, Rio. "Agora não tocamos mais sem os sopros ou o quarteto de cordas", anuncia o guitarrista Tony Bellotto. A nova empreitada ao vivo do septeto incluirá mais um guitarrista, Emerson. "Haverá uma parte acústica e outra elétrica, mas não são dois shows diferentes", analisa Bellotto. Os instrumentos serão ligados a pequenos amplificadores, nada parecido com as turnês antigas (de discos como *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* e *Titanomaquia*), quando a distorção das guitarras comandava a festa.

Valentim e o CBJ: do metal ao ska pesado

Vida pregressa

Curiosidade sobre o quinteto santista **Charlie Brown Jr.**: antes de abraçar o ska pesado, o grupo compunha em inglês e fazia uma linha rap metal. Alguns de seus ex-integrantes (Vini Cesar, guitarra, e Fernando Bassetti, bateria) e o atual guitarrista Valentim também faziam firulas instrumentais no Mr. Green e Last Joker, representantes do heavy metal caiçara. Confira o visual...

Túnel do tempo

Há dez anos, quando era apenas corista nos shows de Michael Jackson, **Sheryl Crow** freqüentava o mesmo cabeleireiro que o jogador colombiano Valderrama.

Sheryl Crow: ex- loura, atual morena

frases

"Toda vez que vejo minha mãe, tenho que pagar-lhe 20 dólares pra ela parar de reclamar das minhas tatuagens."
Lars Frederiksen, vocalista e guitarrista do grupo punk Rancid, na revista inglesa Q

"Se há uma banda brasileira que pode se dar bem nos EUA, no seio da geração de esportes radicais, é esta."
Da revista americana de reggae The Beat, sobre o Planet Hemp

"Não sou a Natassja Kinski pra ficar pensando nisso."
Chico César, sobre uma possível saturação de sua imagem, no jornal Zero Hora, de Porto Alegre

Jards acelera fundo em 98

"Este ano meu ritmo até que está acelerado."
Jards Macalé, na Folha De S.Paulo, sobre o fato de estar gravando seu primeiro disco de estúdio em onze anos

"Nunca curti a Jovem Guarda, mas o Erasmo, pra mim, era o próprio desacato à autoridade. Ele era roqueiro de verdade."
Rita Lee sobre Erasmo Carlos, na Folha De S.Paulo

"O cara tem nome de mulher e usa maquiagem. Que idéia original!"
Alice Cooper, sobre Marilyn Manson, na revista Rolling Stone

"Amor não correspondido sempre deixa seqüelas emocionais, mas nosso relacionamento está ficando mais fácil."
O cantor Boy George, sobre o batenista do Culture Club, John Moss, antiga paixão com quem voltou a tocar após catorze anos, em turnê pelos Estados Unidos ao lado do Human League

Como nossos pais

Uma segunda geração musical desponta mostrando talento hereditário

FLÁVIA VIRGÍNIA

Filha mais velha de Djavan (irmã dos músicos Max e João), ela cursou seis meses de Filosofia antes de ingressar na profissão do pai. Gravou com ele aos 17 anos e depois trabalhou com Marisa Monte, Maria Bethânia e Gal Costa. Agora, aos 26, prepara o CD *O Livro-Mãe*, com canções da própria lavra. "Pedi uma música para meu pai, ele me enrolou e não deu", ri.

CHRIS STILLS

Ele carrega o sobrenome de Stephen Stills (Crosby, Stills, Nash & Young), lenda viva do rock. E, aos 23 anos, estréia em disco com *100 Year Thing*, passando longe de mero carbono do pai. Um pouco rock'n'roll, um pouco clássico, letras complexas, um registro apaixonado de voz e habilidade nas guitarras, teclados e percussão, o moço tem assinatura e futuro.

EMMA TOWNSHEND

Quando disse "espero morrer antes de ficar velho" em "My Generation", Pete Townshend, guitarrista do Who, não pensava que isso pudesse acontecer antes da estréia como cantora da filha Emma, de 28 anos, no CD *Winterland*. A moça é chegada a baladas com leve acento trip-hop.

TC ISLAM

Filho de um dos pioneiros do rap, Afrika Bambaataa (DJ americano que mudou o pop ao lançar "Planet Rock", em 1982), TC é hoje um nome respeitado no hip hop americano. Ele produziu uma faixa do novo disco do Câmbio Negro, grupo de rap brasiliense. "É Nova York batendo um papo com o Brasil", adianta.

BETO LEE

Formada por amigos de infância, a banda Larika tem guitarrista de sobrenome famoso. Filho de Roberto de Carvalho e Rita Lee, Beto, 21 anos, acompanhou a mãe nos shows de abertura dos Stones, em 1995. Agora, acaba de gravar em família o *Acústico MTV* de Rita. Beto assume influências caseiras ("Prefiro o som do Tutti Frutti ao dos Mutantes") e também a corujice: "O melhor da música é tocar com meu velho".

Fim do estaleiro

O cantor **Steven Tyler**, do **Aerosmith**, já está pronto para outra. Após romper os ligamentos do joelho em um show no Alasca, ele passou um mês de molho e voltou ao palco para um show curto no lançamento do filme *Armageddon*, que tem sua filha Liv como estrela e várias canções do Aerosmith na trilha. A balada "I Don't Wanna Miss A Thing" ("Eu Não Quero Perder Nada", que Tyler rebatizou de "I Don't Wanna Kiss Your Thing", ou "Eu Não Quero Beijar Sua Coisa") rendeu ao grupo o prêmio de melhor clipe tirado de uma trilha sonora no décimo quinto MTV Awards. Perguntado a respeito da boa aceitação de baladas e da rejeição ao rock, o guitarrista Joe Perry ironizou: "Sempre teremos que compor coisas acessíveis para as massas, mas quem for nos ver terá que aturar muito rock'n'roll até chegar 'I Don't Wanna Miss A Thing' ". O quinteto levou também o prêmio de melhor vídeo de rock com a música "Pink", outra canção "acessível".

Steven Tyler voltou aos palcos e já ganhou prêmios

A volta dos que não foram

Após ameaçar o trono do Guns N' Roses como banda mais instável do mundo do rock, o Alice In Chains finalmente entrou em estúdio para gravar novas canções. O cantor Layne Staley, pivô de toda a espera, apareceu, aparentemente livre das drogas. Apesar da turnê solo que faz – com o baterista Sean Kinney –, abrindo shows do Metallica, o guitarrista Jerry Cantrell conseguiu uma folga para se reunir à banda, completa pelo baixista Mike Inez. Ainda não há previsão de lançamento do CD, mas vem aí uma caixa do AIC, intitulada *Men In A Box*.

Sem drogas, Staley (*de capuz*) voltou para o AIC

notas

Terror punk

Dexter, do Offspring

O novo disco do Offspring, *Americana*, sai no fim de novembro com uma cover de "Feelings", de Morris Albert (o compositor brasileiro Maurício Alberto). A banda também vai estrear no cinema, na comédia de terror *Idle Hands*. "Digo uma fala antes de ser morto", adianta Dexter Holland, líder do quarteto punk, que gravou "I Wanna Be Sedated", dos Ramones, para a trilha do filme.

Enigmática

Adriana Calcanhotto disse à *Folha de S. Paulo* do dia 24 de setembro – em entrevista com o título "Calcanhotto tenta superar o desânimo" – que uma contusão no joelho e outros problemas de saúde a levaram a "questionar o papel da música" em sua vida, e que a depressão estava passando. Na *Veja Rio* publicada três dias depois, ela garantia: "Estou ótima, curtindo meu momento popstar. Estou light".

U2 lança coletâneas

Vem aí uma série de três compilações do U2. A primeira sai no exterior dia 2 de novembro e se chama U2: *The Best Of 1980-1990*. Uma edição especial, limitada, trará um segundo CD com catorze canções que o quarteto irlandês gravou ao longo da década passada e não lançou, como "Sweetest Thing", da época de *The Joshua Tree*. O disco principal tem clássicos como "Pride (In The Name Of Love)" e "With Or Without You". Para autorizar o lançamento, Bono, The Edge, Adam Clayton e Larry Mullen Jr. embolsaram nada menos que 50 milhões de dólares.

Contra Courtney Love

Em seu primeiro CD solo, *Transcendental Medication*, a ex-cantora do grupo The Nymphs, Inger Lorre, dedicou à viúva de Kurt Cobain a canção "She's Not Your Friend" ("Ela Não É Sua Amiga").

O SUCESSO DÓI (MAS ELA É FORTE)

Aos 24 anos, três depois de lançar um disco que vendeu 27 milhões de cópias, recorde de todos os tempos entre cantoras, ALANIS MORISSETTE volta cantando desilusões – sem pose de moça frágil

Por Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA
Foto Robin Gibson

Alanis vem ao Brasil em novembro para uma turnê promocional

"Me lembro bem desses momentos", diz Alanis Morissette, sorridente, folheando a SHOWBIZZ com a reportagem de sua turnê no Brasil, há dois anos. Com os cabelos ainda secando de uma chuveirada matinal, a cantora está numa suíte do luxuoso hotel Bel-Air, em Los Angeles. Não há um pingo de maquiagem em seu rosto, como sempre. A roupa simples e o tênis colorido combinam mais com uma garota comum de classe média do que com uma jovem estrela idolatrada no mundo inteiro. Está no livro *Guinness* dos recordes: nenhuma outra mulher (ou menina) vendeu tantas cópias de um álbum quanto ela. *Jagged Little Pill*, seu terceiro disco, lançado em 1996, foi comprado por 27 milhões de pessoas deste planeta.

Filha de pai canadense de língua francesa com mãe húngara, Alanis batalhou muito para atingir o estrelato. Nascida em 1974 no Canadá, morou na Alemanha quando pequena e iniciou carreira artística em Toronto, apresentando o programa infantil *You Can't Do That On Television* (Você Não Pode Fazer Isso Na Televisão). Aos 9 anos, lançou no Canadá o compacto independente *Fate Stay With Me*. Gravou ainda dois "ingênuos" álbuns pós-adolescentes: *Alanis* (1991) e *Now Is The Time* (1992). Ambos trazem um pop dançante com letras mais superficiais do que as confissões sexuais relatadas em *Jagged Little Pill*. "Me mantive virgem por um tempo porque me achava um exemplo de garota católica. Depois compensei isso tudo", contou ela à *Playboy* australiana.

Alanis foi tentar a sorte em Los Angeles aos 19 anos. Justamente nessa época encontrou o rapaz que, depois de se tornar seu namorado, a inspirou a escrever a letra furiosa e ousada do sucesso "You Oughta Know" ("Você Precisa Saber") – em que pergunta se a atual namorada dele lhe proporciona sexo oral quando vão ao cinema, como ela, Alanis, fazia.

Na batalha por oportunidades, conheceu o produtor Glen Ballard, *hitmaker* que já havia trabalhado com Michael Jackson (é autor de "Man In The Mirror") e Quincy Jones. Impressionado com o talento da jovem, Glen levou-a para seu estúdio e os dois compuseram juntos *Jagged Little Pill*. Uma demo parou na gravadora Maverick, comandada por Madonna, e o contrato veio em seguida. "Ela me lembra de mim mesma quando era garota: um pouco desajeitada, mas extremamente determinada", disse Madonna à revista *Rolling Stone*.

A assessora de imprensa pergunta meio sem graça: "Dá pra fotografar mais tarde? Precisamos arrumar um maquiador...". Para Alanis, que não estava preocupada com esse detalhe, a música está acima da imagem. "Me mostro muito mais em minhas composições do que usando saias curtas", costuma dizer. Em seu novo álbum, *Supposed Former Infatuation Junkie* (Suposta Ex-Viciada Em Paixão), ela traduz seus sentimentos em letras introspectivas e interpretações emocionadas. A roda-viva do sucesso lhe trouxe algumas desilusões – amorosas e "não-amorosas" –, expressas em baladas construídas com acordes menores. Em busca de paz, Alanis passou até uma temporada na Índia (citada na letra do novo hit "Thank U" *(veja tradução da letra na pág. ao lado)* Mas que ninguém ouse compará-la à sua chefe, Madonna. "Nunca converso com ela. Somos bem diferentes e tenho total liberdade para cuidar da minha carreira", rebate. Alanis definitivamente não faz o gênero mocinha frágil: mete o bedelho em política (foi a Cuba recentemente), está lançando um disco cheio de hits em potencial e vai estrear como atriz representando ninguém menos do que Deus, numa comédia de humor ácido com tudo para virar polêmica: *Dogma*, de Kevin Smith, que deve chegar aos cinemas na metade do ano que vem. Em novembro, Alanis vem ao Brasil para uma turnê promocional, rever, olhos nos olhos, nossa gente "cheia de espírito e coração".

"Fiquei muito triste. Parei e observei o que enfrentei: a fama, os artistas dando facadas uns nos outros, amor confundido com medo... Eu queria me livrar de tudo"

Depois de seu estouro, a indústria fonográfica não parou de lançar cantoras jovens – e o mercado americano não pára de comprar os discos delas com avidez. A que se deve esse sucesso?

A interação entre os seres humanos tem conseguido mudar bastante o mundo, dando uma nova consciência à sociedade. Tem havido um bom equilíbrio entre os sexos. Como resultado, as pessoas estão interessadas em ouvir o que as mulheres têm a dizer. Os próprios cantores estão explorando a feminilidade ao invés de ser machões. Essa situação é um reflexo da mentalidade do mundo hoje.

Courtney Love diz que "Alanis destruiu a noção da música feminina". Qual é sua opinião sobre isso?

Entendo que essa é a perspectiva dela, mas não acredito nisso.

Você fica chateada com críticas assim?

Não. Se alguém julga outra pessoa, está julgando a si próprio.

Madonna é a proprietária de sua gravadora. Você lhe pede conselhos?

Nunca converso com ela. Falo com outras pessoas. Eu e Madonna somos bastante diferentes. Tenho total liberdade para cuidar da minha carreira, independentemente da gravadora.

Com exceção de "Front Row" e "So Pure", as músicas do seu novo disco são mais tristes. De onde veio sua inspiração?

Muitos dos acordes que escolhi tiveram a ver com meu lado introspectivo. Música em escala menor *(que em geral forma melodias tristes)* faz meu gosto. Prefiro ouvir músicas com acordes que invoquem introspecção, confusão e busca de respostas. Acordes maiores são muito óbvios.

Houve situações pessoais que a motivaram a compor assim?

Sim, andei muito triste após descobrir mentiras em coisas que achava verdadeiras. Dei uma boa parada após a loucura em torno de meu último disco. Refleti sobre quem eu era, passei a curtir minha personalidade e a respeitar outras pessoas. Procurei entender as origens e diferenças do medo e do amor.

Ironia e mágoas

No novo sucesso "Thank U", Alanis Morissette exorciza antigos relacionamentos e menciona a viagem que fez à Índia para fugir da "loucura do sucesso"

Três músicas do novo disco falam sobre ex-namorados

"Thank U"
("Obrigado")

Que tal largar os antibióticos? • Que tal parar de comer quando estou me sentindo cheia? • Que tal aquelas tentadoras cenouras transparentes? • Que tal a ilusão da glória?

Obrigado, Índia • Obrigado, terror • Obrigado, desilusão • Obrigado, fragilidade • Obrigado, conseqüência • Obrigado, obrigado, silêncio

Que tal eu não te culpar por tudo? • Que tal eu aproveitar o momento uma vez? • Que tal o prazer que me dá finalmente te perdoar? • Que tal lamentar uma coisa de cada vez?

Obrigado, Índia • Obrigado, terror • Obrigado, desilusão • Obrigado, fragilidade • Obrigado, conseqüência • Obrigado, obrigado, silêncio

O momento em que larguei foi • O momento em que peguei mais do que podia • O momento em que pulei fora foi • O momento em que toquei o chão

Que tal não ser mais masoquista? • Que tal recordar tua divindade? • Que tal berrar contigo desavergonhadamente? • Que tal não achar que uma parada é a morte?

Obrigado, Índia • Obrigado, providência • Obrigado, desilusão • Obrigado, vazio • Obrigado, clareza • Obrigado, obrigado, silêncio

É contratada do selo de Madonna, mas esnoba: "Tenho total liberdade para cuidar da minha carreira. Nunca converso com ela"

A música "Uninvited", da trilha do filme *Cidade Dos Anjos*, segue o estilo do disco novo. Ela teria sido o ponto de transição?

Talvez. Compus "Uninvited" quando voltei da Índia. Fiquei sozinha e isolada. Esta música tocou numa parte de minha personalidade que eu não quis explorar em *Jagged Little Pill*. Quis continuar a compor logo depois que terminei essa música.

Você buscou reflexão e equilíbrio espiritual na Índia?

O fato de ter sido a Índia não fez muita diferença. Eu só queria um ambiente que me deixasse longe de tudo. Queria parar e observar o que enfrentei, a indústria musical, a fama, os artistas dando facadas uns nos outros, a falta de união, o amor e o medo. Eu queria me livrar de tudo. Pensei seriamente em abrir um bar, uma cafeteria. Mas, na viagem, descobri quem eu realmente era.

Quando aconteceu a viagem?

Janeiro do ano passado. Foi o momento perfeito, pois eu queria parar com tudo.

Glen Ballard produziu *Jagged Little Pill* e *Supposed Former Infatuation Junkie*. Você não teme ser considerada uma artista fabricada por um produtor, como aconteceu com a Sheryl Crow?

Não, pois sei que não é o caso. Fiz coisas com o Glen, mas também trabalhei sozinha. Optei por ele porque somos amigos, curto os resultados de nossa união. Complementamos um ao outro. Essa colaboração vem por escolha, não por necessidade.

Por que você não compõe com sua banda de turnê?

Minhas músicas são tão introspectivas que é mais fácil eu compor sozinha ou com alguém que me desperte interesse.

Em 1996, quando esteve no Brasil, você elogiou bastante os músicos de sua banda. Por que o baterista Taylor Hawkins e o guitarrista Jessie Tobias saíram?

Na época, aquela banda era fantástica em relação à minha personalidade. Mas, quando as pessoas mudam, as coisas ao nosso redor também acabam mudando. Hoje sou mais feliz com outros músicos. Jessie se casou e está trabalhando com a esposa dele.

Taylor está hoje no Foo Fighters. Dave Grohl *(cantor do grupo)* ironizou a mudança dizendo que o "salvou" de sua banda. O que você acha disso?

É apenas uma opinião. Temos estilos completamente diferentes.

Quem está tocando com você agora?

Chris Chaney *(baixista)* e Nick Lashley *(guitarrista)* ainda estão comigo. Gary Novak é meu baterista. Falta só um tecladista.

A música "One" traz o verso: "Sou uma grande hipócrita, indiscutivelmente ciumenta". É verdade?

O fato de eu admitir essas coisas me permite mudar. Se eu fingisse não ser ciumenta, estaria mentindo para mim e não poderia curar esse defeito.

Como "You Oughta Know", as músicas "Are You Still Mad", "Unsent" e "Sympathetic Character" falam de ex-namorados. Por que explorar isso novamente?

Esses relacionamentos passados ainda me afetam. Quero colocar meus sentimentos para fora e essas experiências me ajudam a lidar com meus relacionamentos de hoje.

Você fez uma participação no novo filme de Kevin Smith *(jovem cineasta americano, responsável pelas comédias* Procura-se Amy *e* O Balconista*)*, *Dogma (uma comédia maluca sobre dois anjos banidos do céu que precisam aprontar o diabo para ser readmitidos – Alanis faz o papel de Deus e os últimos 20 minutos do filme são carnificina)*. Tem vontade de ser atriz?

Prefiro me expressar pela música. Mas o Kevin é um grande amigo e me mandou o roteiro quando eu havia terminado minha turnê. De uma olhada, não queria fazer nada na época. Um ano depois, quando ele começou a filmar, eu lhe disse que havia gostado do roteiro. É bastante sarcástico e intrigante.

Você participou dos últimos discos de Ringo Starr e Dave Matthews. É mais gratificante cantar com uma lenda do rock *(Ringo)* ou um destaque contemporâneo *(Dave)*?

Foram duas situações parecidas e as curti igualmente. Achei que seria divertido fazer essas participações.

Você e Leonardo DiCaprio viajaram a Cuba...

Sempre quis ir a Cuba. Obviamente o embargo está afetando os americanos *(referindo-se às restrições diplomáticas impostas por Cuba contra os EUA e à relação do embargo econômico promovido pelo governo americano contra a ilha)*, mas como sou canadense, pude ir na boa. Adoro conhecer culturas diferentes. Sou uma observadora.

Mas o que vocês foram fazer lá?

Os políticos convidaram pintores, fotógrafos, atores, cantores e escritores para um intercâmbio cultural, para que voltassem com uma visão de Cuba pouco conhecida na América do Norte. Os cubanos queriam que compartilhássemos com outras pessoas o que presenciamos.

Você pretende sempre se envolver com política?

Se a situação for apropriada, sim. Se acreditar em alguma briga, certamente estarei envolvida. Minha música sempre expressará quem sou e o que penso, seja num ambiente político ou musical.

Andaram falando que você e Leonardo tiveram um caso na viagem...

(Risos) Não.

Você tem namorado agora?

(Mais risos) Prefiro não responder a essa pergunta!

Você ficou impressionada com duas coisas no Brasil: a água-de-coco e a pobreza. Essas são suas maiores lembranças do país?

Tenho muitas outras lembranças. Acima de tudo, os brasileiros têm muito espírito e coração.

Como assim?

Encontrei pessoas abertas com seus sentimentos. Gosto de culturas onde posso olhar na cara das pessoas. Por isso gostei do Brasil. Nos EUA, as pessoas abaixam a cabeça quando você olha para elas.

Nos shows de Ozzy Osbourne, o telão usa imagens de seu clipe "Ironic", editadas de forma a parecer que o cantor lhe mostra um pênis artificial. O que você achou disso?

Vi e achei muito engraçado. Nunca ri tanto.

Musa das musas

Um disco da cantora e compositora americana Tori Amos mudou a vida de Alanis. "Eu já gravava no Canadá desde os 9 anos, mas não tinha coragem para cantar coisas como as que Tori canta. Ao ouvir seu álbum *Little Earthquakes*, me identifiquei e perdi a vergonha de me expressar mais abertamente", lembra ela.

Björk também é fã deste CD lançado em 1992. *Little Earthquakes* foi uma segunda chance na carreira de Tori, depois de um fracassado disco de estréia no gênero pop metal, à frente de um grupo chamado Y Kant Tori Read (Matt Sorum, ex-Guns N Roses, era o baterista). Baseadas no piano que a própria Tori toca, as canções de *Little Earthquakes* misturam sexualidade e religião ("Crucify": "Tenho procurado um salvador nestas ruas su as/ Tenho procurado um salvador entre estes lençóis sujos/ Tenho levantado minhas mãos/ Crave mais um prego/ Tenho culpa o suficiente/ Para começar minha própria religião") e levam a confessionalidade a extremos.

Na faixa "Me And A Gun" ("Eu E Um Revólver"), Tori canta, à *capella* (sem instrumentos no acompanhamento), sua experiência real num estupro. O tom, nada pesado, inclui até ironia: "Eu ainda não conheço Barbados *(uma ilha do Caribe)*, então preciso sobreviver a essa (...) Essas coisas passam pela sua cabeça quando tem um homem nas suas costas e você é empurrada, isso encostado no seu estômago não é um Cadillac preto".

Começam exatamente aí as obras de Alanis, de Fiona Apple (que também foi estuprada – e fala naturalmente sobre a experiência), de Liz Phair (que surgiu em 1993, falando sobre sexo casual "como um homem") e de outras mulheres que abordam diretamente temas sexuais e, mesmo sofrendo o preconceito e a violência (sexual), não querem ficar de coitadinhas na História.

Cortesia

As confissões de Tori inspiraram uma nova geração de cantoras

MAIOR CAÇAMBA
MAIOR CABINE
MOTOR ZETEC 16V
AIR BAG DUPLO
SISTEMA PATS
ANTIFURTO
DIREÇÃO HIDRÁULICA
TAMPA TRASEIRA
REMOVÍVEL
JANELA TRASEIRA
DESLIZANTE
REDE PORTA-OBJETOS
GANCHOS DE FIXAÇÃO
NA CAÇAMBA
MENOR NÍVEL DE
RUÍDO INTERNO
MAIOR ESTABILIDADE
VAZIA OU CARREGADA

FORD COURIER 99.
A MAIS COMPLETA EM
TODAS AS VERSÕES.

FORD COURIER
PICK-UP DE VERDADE

0800-17-2000

Tony Tornado no *Programa Silvio Santos*, em 1972: vozeirão afirmando o orgulho de ser negro

SENHORES TEMPO BOM

Nos anos 70, em meio à ditadura, eles falaram em orgulho negro e fizeram o Brasil dançar a música *black* americana misturada a temperos nacionais

por Giovana Hallack

Um negro magro e comprido dançando passos marcados ao som de James Brown não era novidade nos subúrbios cariocas por volta de 1975. Só que aquele homem elegante gingando com as canções do mestre do funk era Delegado, o mais badalado mestre-sala da Estação Primeira de Mangueira, tradicionalíssima escola de samba. A música negra americana dançada e admirada desde o começo dos anos 70, já estava misturada com referências nacionais. Os bailes de periferia começavam a ganhar importância na cultura nacional, numa trajetória contada no recente sucesso "Senhor Tempo Bom", de Thaíde & DJ Hum.

A dupla, pioneira do hip hop paulistano, faz nessa canção o elogio a artistas hoje esquecidos, como Tony Tornado, Gérson King Combo, Banda Black Rio, Toni Bizarro, Dom Salvador. Eles, mais os *soulmen* Paulo Diniz, Dafé e Hyldon, marcaram uma época que, a despeito do clima político pesado, ficou na memória popular como um tempo de excelentes festas. E também de descoberta e valorização da negritude – alta subversão, sob a pele de "modismo importado", numa época em que a censura recomendava (em cartilha) o veto a filmes que mostrassem casais inter-raciais.

Cultuada hoje em festas como as do DJ carioca Maurício Valladares – particularmente fã de "Bochechuda" e "Podes Crer Amizade", do Tony Tornado –, aos poucos essa geração vai reaparecendo. DJ Hum é o responsável pela produção do novo disco do Lady Zu, que chegou a emplacar 1 milhão de cópias vendidas de "A Noite Vai Chegar". "O CD dela é mais um passo na redescoberta dessa turma", avalia o DJ, lembrando das recentes regravações de pérolas de Hyldon ("Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda", pelo Kid Abelha, e "As Dores Do Mundo", pelo Cidade Quest), Paulo Diniz ("Pingos De Amor", também pelo Kid Abelha) e Cassiano (Arnaldo Antunes fez uma bela releitura de "Cinzas" em seu novo disco). E do interesse que esses artistas têm despertado entre DJs, músicos e colecionadores de países como a Inglaterra e o Japão.

O movimento, inicialmente batizado Black Rio, deixou marcas permanentes na música e na cultura do Brasil. Gilberto Gil, sempre atento, registrou nos versos de "Refavela", escritos logo depois de uma viagem à África: "A refavela revela o passo com que caminha a geração do black jovem, do Black Rio, da nova dança no salão".

Em Salvador, como atesta Antônio Risério no livro *Carnaval Ijexá*, a mobilização do soul foi o primeiro passo para a revalorização do afoxé e a fundação do bloco Ilê Ayê, pilar da revolução de batuques que sacudiu a Bahia e que ganhou o Brasil a partir dos anos 80. Em São Paulo, deu origem aos bailes de samba rock e, mais tarde, à cena hip hop que agora começa a mexer com todo o país.

Em Londres, as mais descoladas feiras de discos do mundo vendem LPs de Gerson por até 100 libras (220 reais)

GÉRSON KING COMBO

O "trovão" que cativou Stevie Wonder

Calor de 33 graus em Vila Valqueire, subúrbio do Rio, um senhor de terno entra no Ultra 93. Seu destino: a subprefeitura de Madureira, onde trabalha como diretor de eventos. Seu nome: Barry White. Pelo menos é assim que ele é conhecido por lá. "Prefiro me esconder atrás do pseudônimo. Se você chegar à prefeitura e perguntar pelo Gérson, ninguém vai saber que sou eu. Muito menos que sou King Combo", diz.

Vinte anos atrás, ele desfilava pelo Centro do Rio de capa e chapéu peludo. "As pessoas gritavam: 'Tá maluco, nego?!' " Sua resposta: "Tô maluco, mas e você, quem tá andando de ônibus?" Homens, mulheres e crianças faziam fila para beijá-lo. Hoje, aos 53 anos, Gérson passa incógnito pelas ruas do subúrbio.

Nos anos 70, porém, ele esteve no topo das paradas com músicas como "Single Black" (seu único disco de outro) "Mandamentos Black" e "O Rei Morreu". Como artista solo, gravou dezoito discos, entre compactos simples e duplos, e LPs. "Foi uma época muito feliz. Imagina: andar com doze crioulos atrás de você, lhe obedecendo. Tinha um deles que era pago só para colocar a minha capa e calçar minhas botas. Outro só para costurar e criar as minhas roupas. Ganhavam dinheiro mole!"

Carioca de Madureira, King Combo era Rodrigues Côrtes antes de ganhar o novo nome. A ideia era homenagear o King Curtis Combo, grupo do saxofonista de soul e jazz. A entrada no mundo artístico aconteceu pelas mãos do irmão Getúlio Côrtes (autor de "Negro Gato"), que sempre o incentivou. Primeiro, o colocou para trabalhar no programa *Jovem Guarda*, de Roberto Carlos. "Eu coreografava as bailarinas e me apresentava dançando com a minha futura esposa, a Angela", conta.

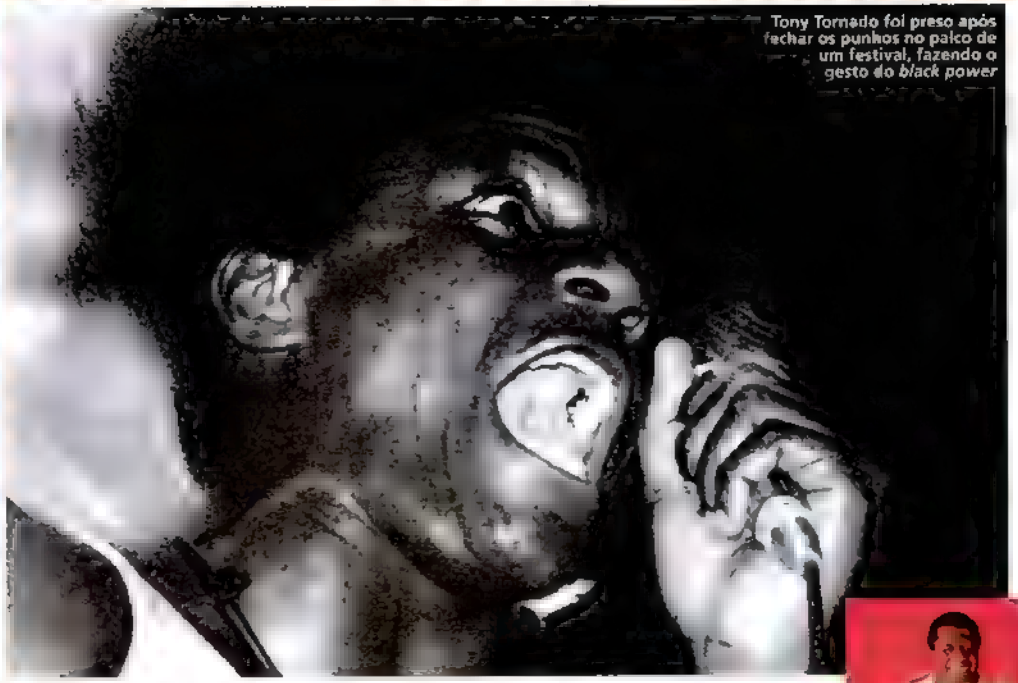
O primeiro trabalho como músico de Gérson conseguiu graças ao irmão. "Cantava no Renato e seus Blue Caps, depois fui dos Fevers. Foi quando conheci o Stevie Wonder. Os Fevers foram ser apresentados a ele e eu fui na aba. O Stevie gostou de mim e até me apelidou de Thunder Voice, voz de trovão."

Seu primeiro disco trazia, na contracapa, um telegrama de felicitações do próprio James Brown. "A gravadora era a mesma e eu mandei a fita para ele escutar, nos EUA", explica. Gérson reclama para si o pioneirismo do rap: "Isso que o Gabriel O Pensador faz eu comecei. Eu já falava em cima das músicas".

Mas os anos 80 vieram. "Em 1983 gravei uma música chamada 'Mão Branca'. Em 1986, fiz outro disquinho sem-vergonha e fui desanimando, procurando outros caminhos para sobreviver." A viuvez, no começo dos anos 90, foi o que faltava para ele deixar a música.

Mês passado, depois de uma canja no show da banda Clave de Soul encabeçada por Paulinho Black, ex-Black Rio, o cantor soltou o grito: "Sei que dentro de mim ainda tem um vulcão. Sou como fênix, vou renascer das cinzas".

Sucessos: "Sing e Black", "O Rei Morreu" e "Mandamentos Black"
Importância: Gérson disseminou o orgulho negro em balanços irresistíveis, hoje cultuados por DJs e colecionadores londrinos. E, segundo ele próprio, foi precursor do rap.



Tony Tornado foi preso após fechar os punhos no palco de um festival, fazendo o gesto do *black power*

TONY TORNADO

Um desobediente furacão negro

Gerson King Combo se recusa a pronunciar o nome de um certo negro alto que gravou um sucesso de Tiberio Gaspar que poderia ter sido dele: Tony Tornado. Ele foi descoberto em 1969 por Tiberio e Antônio Adolfo, numa boate em Copacabana, a New Holiday. A dupla o convidou para interpretar "BR-3" no Festival Internacional da Canção. "Eu cantava naquele interminho e eles ficaram sabendo que lá tinha um negão diferente, que sabia dançar", lembra Tornado, que ganhou o festival.

Antônio Vianna Gomes – que adotou o nome artístico porque "dançava como um furacão" – nasceu em Miranda de Paranaíba/Inema (SP), e foi para o Rio sozinho, aos 11 anos, logo após perder o pai. Vendeu doces na Central do Brasil, engraxou sapatos e dormiu na rua até ser resgatado por uma escola e, mais tarde, um quartel, que fez dele um para-quedista.

Os primeiros passos na carreira de cantor foram dados na Rádio Mayrink Veiga, no programa *Hoje É Dia De Rock*. Em 1965, saiu do Brasil, por causa do golpe militar. "Cansei de ser levado para um quartel na Praça XV, me deixavam lá o dia inteiro, sentado, e à noite falavam que eu podia ir para casa. Uma vez, meu apartamento em Copacabana foi invadido por militares. 'Eu estava lendo um romance e um deles disse: 'Nunca vi preto comunista!' Eles achavam que negão tinha que ficar dançando samba e batucando."

Tony andou por Cuba, Uruguai, Angola, Tchecoslováquia ("não sei o que fui fazer lá"), França. A última escala aconteceu em Nova York, mais precisamente na 125th Street, no Harlem, onde morou três anos, frequentou palestras do movimento negro no teatro Apollo e conheceu Tim Maia.

Voltou ao Brasil em 1969, para cantar com Ed Lincoln. "A figura de Tony Tornado", na época, era um assombro. "O cabelo era *black power*, ficava parecendo um marciano. E quanto maior a 'redoma', mais bonito o cabelo, que ainda podia ganhar várias cores. Os sapatos roxos eram de três andares, as calças eram coloridas. Aquilo era uma desobediência total", define. "Na época, ninguém se ligava em marcas. A gente via as roupas em revistas e as costureiras de Madureira e Vaz Lobo copiavam. E o perfume era aqueir Lancaster, argentino, ledido."

A dança de Tornado era uma atração à parte. "Sempre fui um *brutuco*, isto é, um seguidor de James Brown. Mas, outro dia, ligue a TV e meu nome foi mencionado num debate. Falaram que eu imitava o Michael Jackson. Me deu um ódio."

Apesar de toda a preocupação com o visual, Tornado frisa a força social do movimento. "Baile não era só pra dançar. Senão bastava comprar o disco e ficar fazendo os passos em casa. No meio da festa a gente parava o som para falar. Eu dizia que as pessoas tinham que estudar, contava o meu exemplo, mostrava como tinha conseguido sair da favela", explica.

A postura incomodava. "Me lembro de um baile em Guadalupe. Toda a negrada cantando 'Podes Crer Amizade' e entram os policiais com metralhadoras. Falaram que iam fechar o baile porque 'ali não tinha nenhum branco'. Lembra Tony, achando graça. Ele frisa que o movimento Black Rio nunca foi racista. "Se tinha um louro dançando no meio do baile, ele era mais negro que todos os outros. Por isso tinha que ser respeitado."

Uma cena que marcou: "Num festival, a Elis Regina cantou 'Black Is Beautiful', do Marcos Valle, que considero o mais preto dos brancos. Quando ela cantou o refrão 'eu quero um homem de cor', não tive dúvidas. Subi no palco e fiz o símbolo dos Panteras Negras (*punho fechado levantado*). Quando desci o braço, já saí algemado". Outro incidente: num festival, em Guarapari (ES), ele deu um pulo do palco para a plateia – antecipando o *stagediving*, hoje comum em shows de rock – e caiu sobre uma fã, que ficou gravemente ferida.

Em 1972, Tony recebeu um convite e virou ator da novela *Jerônimo*, da TV Tupi. Hoje, contratado da Globo, participa da novelinha *Caça-Talentos*, do programa *Angel Mix*, na Globo, e não tem planos para voltar a cantar. "Quando ouço ET & Rodolfo no rádio, dá um desânimo."

Clássicos: "BR-3", "Podes Crer, Amizade" e "Bochechuda"
Importância: Tony foi a cara do movimento *black power* e soul no Brasil. É uma vergonha seus discos não serem relançados em CD

BANDA BLACK RIO

Funk e samba para entortar o preconceito

Na entruzilhada da música popular brasileira com o movimento black, surgiu a Banda Black Rio. "Ela veio para entortar tudo", traduz o saxofonista João Batista, o Tinho, que tocou com Tony Tornado e na Vitória Régia, de Tim Maia.

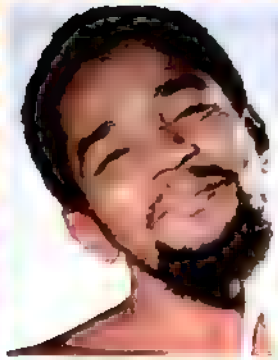
Em se tratando de samba, a Black Rio estava em casa. Os pais do saxofonista Oberdan Magalhães, o mentor do grupo, que morreu em 1984, eram fundadores do Império Serrano. Mas Oberdan não tinha nada de purista, pregava a fusão total. "A música popular brasileira precisa ser remexida sem preconceito. Pixinguinha começou a tocar sax porque se ligou no som de Coleman Hawkins (*saxofonista americano*), não tem sentido ficar falando de raízes. Tudo é som", liberou na época.

Mais de quinze músicos passaram pela Black Rio. "A ideia da banda era ser uma escola de música", conta o baterista Paulinho Black, que fez parte da terceira formação do grupo gravando o disco *Saci-Pereré*. Antes de entrar, ele integrava o Copa Sete, outra banda de sucesso nos subúrbios cariocas da época. Uma noite no Portelão, em Madureira, Paulinho acabou sendo convidado a dar uma canja. "O resto do grupo falou que eu estava numa roda. 'Você vai tocar com eles essas músicas complicadas?!', lembra. "Mas eu ia fazer o que, né?!" Alguns shows depois, era convidado a entrar para o time, que era exigentíssimo: quem não se empenhava, era sacado.

A Black Rio acabou com a trágica morte do saxofonista Oberdan em um acidente de carro na Lagoa Rodrigo de Freitas, em 1984. Na virada da década, o grupo começou a ser cultuado pelos DJs que buscavam os *rare grooves* (raras levadas musicais), na Inglaterra. Tiveram até uma coletânea lançada pelo selo Universal Sound. E o filho de Oberdan, William Magalhães, que toca hoje com Cassiano, tem sérios planos de promover uma volta da banda, influência decisiva em grupos novos, como o Farofa Carioca.

Clássicos: "Maria-Fumaça", "Saci-Pereré", "Melô Do Figueiredo"...
Importância: É referência internacional na fusão do funk com música brasileira, sendo cultuada por sua criatividade e excelência instrumental. O álbum *Maria-Fumaça*, de 1977, é discoteca básica.

Banda Black Rio. Jazz, funk e samba, sem preconceito



Dafé foi um dos pioneiros black em São Paulo

CARLOS DAFÉ

Garganta moldada na prisão

O movimento Black Rio não demorou a ser "exportado" para outras cidades. Em São Paulo, bateu forte. "Só de lembrar, me arrepio. Os bailes pegavam fogo e depois todo mundo ia se encontrar lá no Sujinho *(bar tradicional na Avenida Consolação)*, conta Carlos Dafé que, apesar de carioca de Vila Isabel, foi estourar na Paulicéia.

Sua carreira começou de modo pouco convencional. "Minha marca de voz foi adquirida no cárcere", revela ele, dramático. Foi em 1970, auge da ditadura militar. "Tudo por causa de uma travessura: fui pego com maconha. Eu poderia ter corrompido a polícia e saído ileso, mas não quis entregar meu gravador. Na época, era um luxo. Tinha acabado de comprá-lo a prestação."

Oito meses depois, foi solto e começou a tocar na noite. Em 1972, gravou o primeiro compacto, "Venha Me Matar De Saudades", "O Tim (*Maia*) gostou e mandou me buscar para a banda dele. Dafé também tocou no Hotel Nacional, então um dos mais glamourosos do Rio. Lá conheci Liza Minelli, Frank Sinatra e Michael Jackson. Quando ele ainda tinha cabelo de negão!"

Naquela época, Dafé viu de perto um episódio trágico: o suicídio de uma bailarina que trabalhava no show do hotel. Foi daí que fiz 'Passarela', meu segundo compacto *(1974)*, que depois foi regravada pela Nana Caymmi.

Apesar do bom salário, ele preferiu largar o emprego para se apresentar com o grupo Senzala (embrião da Banda Black Rio) no bar Preto 22, em Ipanema. Além da base da Black Rio, o espetáculo tinha participações da cantora Maria de Fátima (que depois adotaria o nome Joanna), humoristas como Chico Anysio e Miéle, e shows da Maria Creuza e Jackson do Pandeiro. Mas foi só em 1977 que a fama chegou pra valer, com o grande sucesso Pra Que Vou Recordar O Que Chorei", que já teve 23 regravações.

Dos anos 80 para cá, Dafé só conseguiu lançar três discos. O último deles, *O Seu Jeito De Olhar*, foi gravado há dois anos e produzido por Gabu, ex-integrante do grupo Raça Negra. Mas Dafé assegura que não quer seguir a linha do pagode: "Tento fazer a minha leitura do samba". E, hoje, trabalha agitando rádios comunitárias, de Copacabana à Favela da Maré. "Estou criando o Clube Do Swing, um movimento para divulgar os bailes que acontecem nos subúrbios." De volta às raízes.

Sucesso: "Pra Que Vou Recordar O Que Chorei"
Importância: Aproximou o soul brasileiro, inicialmente muito igual ao americano, de elementos da MPB e do samba.

Paulo Diniz, voz inconfundível e elogios de Carlos Drummond de Andrade

PAULO DINIZ

Aprovado pelo poeta Drummond

Uma das grandes vozes do soul brasileiro, Paulo se recuperou há poucos anos de uma deformação da medula óssea, que deixou para sempre sua perna direita. A deficiência não permite extravagâncias, mas tampouco o impede de fazer shows pelo interior do Nordeste e aparições especiais em bares do Recife. Morando na capital pernambucana, num modesto, porém confortável apartamento em Boa Viagem, a 100 metros da praia, ele não tem queixas. "Minha vida sempre foi difícil. Sou modesto por índole e estou muito feliz", diz, enquanto aprova uma de suas grandes paixões, os charutos.

A infância foi pobre em Pesqueiro (PE). Depois de completar o ginasial, se mandou para o Recife, sonhando em ser locutor de rádio. "Durante o dia eu era engraxate. À noite vivia na boemia, entre radialistas, tocando percussão para levantar um trocado", recorda. Daí veio um emprego como locutor e ator de novelas na rádio Jornal do Commercio.

Em 1964, foi trabalhar na Rádio Globo do Rio. Dois anos depois, começou a tomar gosto pelo iê-iê-iê e gravou "O Chorão". "Oportunismo puro", admite. Sua carreira começou de verdade em 1969, com o compacto "Brasil Brasa Brasileiro", primeira parceria com Odibar (compositor de sucesso até hoje, gravado pelo Molejo). "Ele me ajudou a alcançar um ideal de união da *black music* com minhas raízes nordestinas, do coco com o soul de Otis Redding, meu grande ídolo." A opção soul definiu-se quando ele conheceu Cassiano e Tim Maia. "Cassiano me deu grandes dicas, carinho e força."

O sucesso chegou de novo em 1971 com "Quero Voltar Para A Bahia", uma homenagem a Caetano Veloso, à época, exilado em Londres. "Compus depois de ler uma entrevista do Caetano no *Pasquim*, em que ele dizia que estava com saudades da Bahia." Em 1973, Paulo musicou o poema "E Agora, José?", de Carlos Drummond de Andrade. Alguns jornais o malharam, mas a vingança veio logo. "Recebi uma carta do próprio Drummond, dizendo que não consegui a mais ler o poema sem cantar minha música. Foi muito bacana."

No auge da fama, porém, deu uma parada para ficar mais tempo com a família. "Estava meio aboiado com minha esposa e a menina (*a filha*)."

Com dez discos de carreira, Paulo tem coletâneas de seu trabalho lançadas regularmente, mas não grava desde 1985, quando fez Estradas (selo Polydisc, de Recife). Preparando um novo CD, ainda sem contrato com gravadora, ele avisa: "Estou começando tudo do zero."

Rodrigo Salem

Clássicos: "Pingos De Amor", "Quero Voltar Para A Bahia" e "Um Chope Para Distrair"
Importância. Garganta privilegiada, Paulo Diniz deixou clássicos que misturam bem o soul, o samba praieiro e outros sons. Quando Caetano estava exilado em Londres, compôs "Quero Voltar Para A Bahia", em homenagem ao tropicalista. Mas somente "Debaixo Dos Caracóis", que Roberto e Erasmo Carlos fizeram para Caetano na mesma época, é lembrada por essa importância histórica."

Hyldon misturou soul e Bahia

HYLDON

Sucessos clandestinos

O cantor e instrumentista baiano Hyldon Souza formou com Tim Maia e Cassiano a triade mais popular da *soul music* brasileira, em meados dos anos 70. Até gravar pela primeira vez, em 1975, Hyldon morou no célebre Solar Da Fossa, reduto de artistas iniciantes no Rio. Tocou, entre outros, com Wilson Simonal, Tony Tornado e Tim Maia e produziu discos de Jerry Adriani, Erasmo Carlos e Odair José. Acumulava sucessos para os amigos, mas não conseguia gravar seu próprio material. Aprove tou, então, um momento de distração dos diretores de uma gravadora para utilizar um na pé de cordas e a banda Azymuth, que serviram de base para seu disco, juntamente com os vocais de Sheila Wilkerson, americana que acompanhava Stevie Wonder. A pequena falcatrua resultou em vários compactos no topo das paradas, com canções como "As Dores Do Mundo" e "Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda (Casinha De Sapê)". O sucesso o habilitou a gravar mais seis discos, que não fizeram muito sucesso.

Ultimamente, Hyldon reapareceu numa curiosa onda de regravações. O Kid Abelha ganhou disco de platina (500 mil cópias vendidas) pelo seu último álbum, *Meu Mundo Gira Em Torno de Voce*, cujo carro-chefe foi uma versão de "Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda (Casinha de Sapê)". O Jota Quest surgiu regravando "As Dores do Mundo". Além desses hits, Hyldon recebeu versões de grupos de funk, pagode e dos românticos Wando e Richard Clayderman, o que levou a gravadora PolyGram a relançar seu primeiro álbum. Hoje, vivendo no interior do Rio de Janeiro, ele ouve drum'n'bass e compõe para um CD que sai no ano que vem.

Sergio Barbo

Sucessos: "Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda (Casinha De Sapê)" e "As Dores Do Mundo"
Importância: Além da importância como nome popular do soul brasileiro, foi integrante do grupo Os Diagonais (com Cassiano), e sua canção "Casinha de Sapê" ajudou a levantar a carreira do Kid Abelha.

LADY ZU

Discoteca à brasileira

Em 1976, a bancária paulistana Zuleide Santos da Silva trocou as sílabas de seu nome e surgiu Lady Zu lançada pelo produtor Roberto Menescal. Com apenas 17 anos, ela estourou no Brasil inteiro com "Hora de União", um funk de tirar o fôlego. "O 'samba-soul' era um estado de espírito, uma maneira de mesclar e mostrar a força e o sentimento do artista negro no mundo." Logo veio "A Noite Vai Chegar", que vendeu 1 milhão de cópias, e Zuleide passou a reinar nas pistas, abusando de roupas de lurex, saltos altíssimos, maquiagem e coreografias sensuais.

Depois de gravar *Fêmea Brasileira* em 1979, Lady Zu sumiu do mapa. Aparentemente. "Eu não aparecia tanto na TV, mas tinha um público fiel", garante ela. "Mas não quero ser lembrada sempre como rainha das discotecas, nem gosto de bater nessa tecla."

Em 1989, ela gravou *Alma Negra*, coletânea com um time campeão da *black music* brasileira: Tony Tornado, Luis Wagner e Toni Bizarro. Fã de Racionais MC's, Lady Zu regravou "Hora Da União" para um novo disco. Ela acha que chegou a hora de a música *black* brasileira se impor. "O que falta é a galera se juntar para trocar experiências e informação. Se isso acontecer, ninguém nos segura."

Claudia Lima

Grandes sucessos: "A Noite Vai Chegar" e "Hora Da União"
Importância: Ótima voz, ela arrasou na febre disco, mas foi brilhante no encontro genial do samba com o soul. Infelizmente, presa à imagem de diva das pistas, não pôde se aprofundar muito nessa linguagem híbrida.

Já vem com tic-taquicardia.

Coleção Ranger-Pro
Não bate, dá porrada.

RELÓGIOS Condor

PATENTE CONCEDIDA

Casa-Grande e Senzala

Lançando [illegible] que retoma [illegible] se preparando para gravar outr[illegible] de Bob Marley, [illegible]tre Gilberto Gil [illegible]serta sobre música e negritude e dá uma aula de ritmos brasileiros

Por Danilo Monteiro
Fotos Marcelo Ximenez

[illegible] sombra de um[illegible] fazenda em [illegible] (SP): "O baj[illegible] e samba são os dois pólos principais da música brasileira"

Depois de uma feijoada, a varanda e a prosa. Para o lançamento do CD *O Sol De Oslo*, foi escolhido um lugar nada convencional: uma fazenda em Louveira, a uma hora da capital paulista. O disco, que foi gravado na Noruega há quatro anos, é um projeto paralelo na carreira de Gil, já que não está sendo lançado pela gravadora com quem ele tem contrato (a WEA). Foi inicialmente concebido pelo contrabaixista Rodolfo Stroeter, contando também com a parceria de Marlui Miranda, cantora e compositora. O parto foi adiado para não atrapalhar as carreiras individuais dos envolvidos, principalmente a de Gil, que nesse meio tempo fez seu *Unplugged*, *Quanta* e o "ao vivo" *Quanta Gente Veio Ver*. O tempo serviu também para que fosse arquitetada a distribuição mundial de *O Sol De Oslo*.

O álbum está sendo lançado simultaneamente no Brasil, na Europa, nos EUA e no Canadá, devendo sair no Japão também em breve. Por enquanto, não há nenhuma turnê programada. "Vamos esperar a resposta do público, talvez demore mais quatro anos, até porque na banda há um músico que mora na Alemanha, outro na Noruega", diz Rodolfo Stroeter. Enquanto isso, o compositor baiano tem outro projeto, um disco só com músicas de Bob Marley – curiosamente, o maior sucesso comercial de sua carreira foi um compacto com "Não Chore Mais", versão de "No Woman, No Cry", do repertório de Marley em 1979. "Ele é meu maior ídolo", proclama Gil.

O Sol De Oslo já nasceu com uma proposta internacional, de gravar na Noruega e lançar em vários países?

Sim. O projeto é isso: levar o Brasil para dialogar com outras linguagens. Na banda, temos gente da Índia *(o percussionista Trilok Gurtu)* e da Noruega *(o pianista Bugge Wesseltoft)*. Nosso disco quer afirmar o que é nosso, ao mesmo tempo com o pé no rap, no funk, no tecno.

Em _O Sol De Oslo_, vocês acorreram ao baião e às toadas nordestinas para trabalhar com um dado brasileiro. Por que não o samba?

Poderia ser. Os dois pólos principais da música brasileira são o samba e o baião. E delas derivaram o axé – mesmo o maracatu, o coco e a bossa nova são misturas dos dois. Até samba-enredo hoje é mistura de baião com samba. O que se distingue um pouco é o sertanejo. Eu tenho o pé em ambos os pólos, a própria Bahia está no meio do Brasil: tem os dois.

E tanto o samba quanto o baião têm origens africanas.

Não só africanas. Orientais, ibéricas também. O baião vem do *baión*, que é um traço ibérico que passou do México para o Caribe e veio dar no Brasil.

Certos gêneros musicais brasileiros nunca constam da "cara do Brasil", como o vanerão gaúcho. Por quê?

Talvez o que caracterize mais a música do Sul seja a presença menor de traços africanos. Mas a guarânia, que vem da fronteira com o Paraguai, está na base da identidade rural brasileira: não é à toa que o sertanejo faz sucesso no Brasil inteiro. O acordeom está presente tanto no Nordeste quanto no Sul, só que no vanerão é o que veio da Áustria, e no baião, é o que veio de Portugal e Espanha.

> "Vou gravar 'Rebel Music', que simboliza a intenção maior de Bob Marley, de denunciar a crueldade da escravidão"

Neste disco, você está mais voltado para o lado tradicional e rural da sua música do que nos últimos trabalhos. O que levou a isso?

É como se você comparasse *Refazenda* a *Realce* *(dois álbuns de Gil, o primeiro, próximo as raízes nordestinas, o segundo mais pop)*. Mas quem deu essa direção foi Rodolfo Stroeter, que me convidou para o projeto e já queria isso. A música nordestina está ligada à base da minha formação e à de Marlui, que é cearense.

Você, que gravou "Rep" em um disco *(O Sol De Oslo)* mais voltado à cultura brasileira, acha que o rap feito no Brasil já tem uma cara local?

Escuto rap no mundo inteiro. Ainda há pouco estive no Benin *(na África)* e tocava muito lá. Cada lugar tem sua tradução. Acho que o Gabriel O Pensador já tem muito de ginga brasileira. Até "Língua" do Caetano Veloso, que foi o primeiro que escutei em português, já tinha um nível maior de integração com o samba e o baião do que os grupos atuais do gênero. Em São Paulo, a batida é mais quadrada, mas mesmo o samba paulista já é mais suingado.

Você acha que a música de origem negra – samba, reggae, rap – tende a dominar a música brasileira em um futuro próximo?

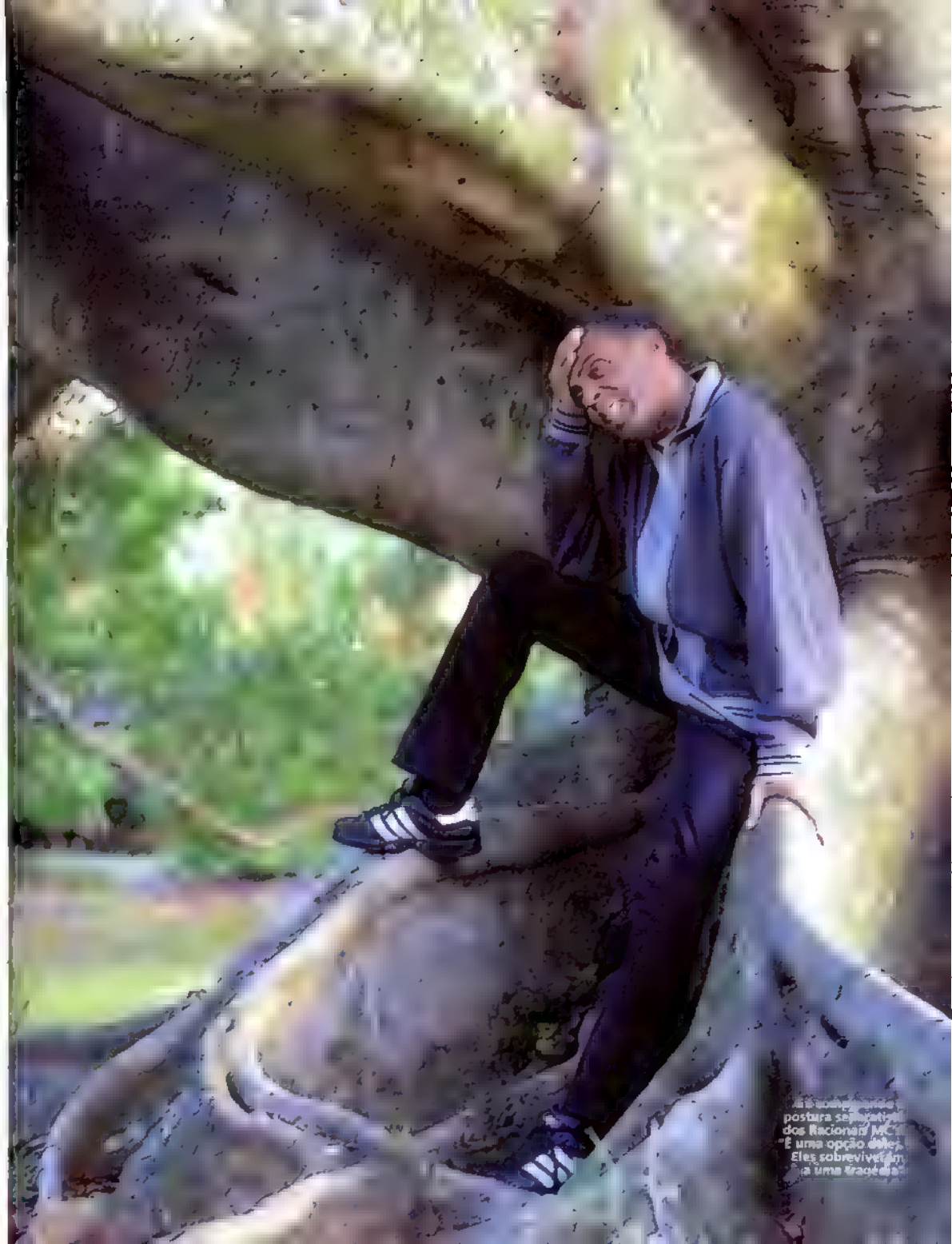
Oitenta por cento da música brasileira é constituída por elementos africanos; o restante é europeu. No Brasil, a tendência é que as coisas fluam mais, não há barreiras como nos EUA ou na África do Sul. Mas no mundo inteiro a música tem uma presença negra forte: a diáspora negra da escravidão levou a África para as Américas.

Você vai fazer um álbum só com músicas de Bob Marley?

João Araújo, diretor da gravadora Som Livre *(e pai de Cazuza)* é que sugeriu a idéia. Eu achei que fazia sentido. Sempre adorei Marley, ele é responsável pela consolidação daquele que se tornou o último grande gênero do século, o reggae, que se tornou planetário. Suas músicas são referências para duas gerações já. A cultura brasileira, por exemplo, misturou-o com vários outros gêneros, como no samba-reggae. Acho que já chegou a hora de alguém fazer uma leitura reverencial do seu trabalho, uma homenagem mesmo. Mas eu quero fazer uma leitura diferente das músicas, principalmente porque não sou jamaicano, nem sou da língua inglesa. Sou de uma cultura que absorveu outros traços da africanidade, diferente do que aconteceu na Jamaica. Espero fazer um trabalho bem-feito.

Há alguma canção que não pode faltar?

"Rebel Music" vai ter de estar presente, porque simboliza a intenção maior do trabalho dele, de denunciar a crueldade da escravidão, com uma tonalidade de rebeldia e messianismo. E a música é belíssima, alguns trechos ele canta como se grunhisse ao modo de um bárbaro ou um extraterreno *(Ri)*. É também possível que eu regrave "No Woman No Cry" *(cuja versão "Não Chore Mais", gravada em 1979, no disco* Realce, *foi o maior sucesso comercial da carreira de Gilberto Gil)* para esse disco.



Como você vê a postura separatista dos Racionais e de outros rappers, ligados a uma facção dentro da militância negra que é contrária à miscigenação com os brancos?

É uma adoção política para se diferenciar, é busca de identidade própria. Não há nada de errado. Em geral, são meninos que emergem de uma tragédia social. A questão é a seguinte: como é que alguém presta atenção em mim no meio da multidão? As diferenças não existem, elas são escolhas. O escravo escolheu ser escravo. Ou ele morria ou se submetia, ele preferiu ser escravo. É isso que os Racionais fazem! A vida escolheu para os escravos a escravidão naquele momento, é preciso agora que os descendentes de escravos escolham a não-escravidão. O mesmo se dizia do rock, era algo dos jovens contra o que era convencional. É a eterna rebeldia, só que agora são os Racionais, não os Beatles.

Você acha que o conflito entre Racionais e Carlinhos Brown, na entrega do prêmio Video Music Brasil, foi um embate entre o separatismo e a miscigenação?

Os Racionais queriam dizer que não são Carlinhos Brown. É uma escolha não fazer aliança com ele, pode ser que no futuro eles venham a se aliar. Talvez agora não interesse para os Racionais se aliarem com quem quer que não seja eles, para aprender a andar com as próprias pernas. É como na política, você não faz alianças até o momento em que, se você não se aliar, você desaparece. Só tem três opções na vida: você mata, morre ou convive. A maior parte das vezes eu optei por conviver, porque é da minha natureza. O bloco afro baiano Ilê Aiyê, por exemplo, é um bloco de negros para negros, é uma forma afirmativa de, em uma sociedade que discrimina os negros, dar o troco, cobrar a conta. É a mesma coisa que os Racionais fazem.

> "Os Racionais MC's fazem o mesmo que o bloco afro Ilê Aiyê: dão o troco numa sociedade que discrimina os negros"

O Tropicalismo foi a mistura de gêneros e culturas (a popular tradicional, a erudita, a pop). Essa postura separatista dos rappers lhe incomoda?

A mim? Por que iria incomodar? Se fosse assim, eu não teria respeito pelo outro. E eles também não podem se incomodar comigo. Eu sou gelatinoso, quem é rígido o tempo todo que seja, eu não sou. Os Racionais estão propondo uma briga com tudo o que não seja o que eles representam, o Tropicalismo não excluía ninguém. Os grupos que estavam contra o Tropicalismo é que agiam assim.

Quando você estava exilado em Londres, em 1970, o Museu da Imagem e do Som carioca lhe ofereceu um prêmio pela música "Aquele Abraço" e você recusou...

Pois é, foi a hora do troco. Isso partiu de um grupo que antes atacava o Tropicalismo, que fazia parte da MPBzona ortodoxa. Depois quis se aliar conosco, através do prêmio, contra a ditadura, porque eu estava exilado. Então, um pouco por ressentimento e um pouco por orgulho, eu recusei. Como quem diz: "Agora não é hora de fazer aliança com vocês: metam seu prêmio no rabo".

Negro em vários matizes

Ao longo de sua carreira, Gilberto Gil abordou a questão da negritude em muitas de suas músicas. Confira os tons...

Gil sempre militou com lirismo

"Nego caiu no samba sem parar/ Pulou daqui pulou pra lá/ Mas não pediu licença pra sambar/ Cortado do nego, o nego vai apanhar/ (...) Toda vida trabalhando, se virando/ E o capitão da mata procurando/ Um jeito de evitar que o nego bote pra quebrar/ Pois ele é rei do maracatu"
"Rei Do Maracatu"
Primeira parceria de Gil e Jorge Ben, de 1968, que o baiano não gravou.

"Omolu, Ogum, Oxum, Oxumaré/ Todo o pessoal/ Manda descer para ver/ Filhos de Gandhi"
"Filhos De Gandhi", *Gil e Jorge* (1975)
Homenagem a um bloco tradicional do Carnaval da Bahia, ligado ao candomblé, que passou por um momento de crise antes de ser apadrinhado por Gil.

"Cura dessa doença de branco/ de querer cabelo liso já tendo cabelo louro/ Cabelo duro é preciso/ Que é para ser você, crioulo"
"Sarará Miolo", *Realce* (1979)

"O branco inventou que o negro/ Quando não suja na entrada vai sujar na saída/ Imagina só que mentira danada/ Na verdade a mão escrava/ passava a vida limpando o que o branco sujava/ (...) Mesmo depois de abolida a escravidão/ Negra é a mão de quem faz a limpeza lavando a roupa encardida, esfregando o chão"
"A Mão Da Limpeza", *Raça Humana* (1984)
Gil: "Eu queria responder, no mesmo tom, a um desaforo, o ditado 'negro, quando não suja na entrada, suja na saída'."

"Se o rei Zulu já não pode andar nu/ salve a batina do bispo Tutu (...)/ Senhor, irmão de tupã, fazei com que o chicote seja por fim pendurado/ Revogai da intolerância a lei"
"Oração pela libertação da África do Sul", *Dia Dorim Noite Neon* (1985)

"Quando os povos d'África chegaram aqui/ não tinham liberdade de religião/ Adotaram Senhor do Bonfim/ Tanto resistência quanto rendição/ Quando, hoje, alguns preferem condenar o sincretismo e a miscigenação/ Parece que o fazem por ignorar os modos caprichosos da paixão"
"De Bob Dylan A Bob Marley – Um Samba – Provocação", *O Eterno Deus Mu Dança* (1989)

"Eu sou hermafrodita"

Cada vez mais esquisito, MARILYN MANSON segue chocando os conservadores americanos com sexo bizarro, drogas e rock'n'roll

por Daniel Oliveira,
de Los Angeles, EUA

Surgido há cerca de três anos no cenário pop-rock americano, o cantor Marilyn Manson tem-se mostrado um mestre na arte de chocar a conservadora sociedade americana. Manson (o "sobrenome" artístico vem do psicopata Charles Manson), que se chama, na realidade, Brian Warner e é membro de uma igreja satânica, capa das principais revistas de música dos EUA, ele virou ídolo da garotada ao se cortar no palco e espalhar histórias sobre sua sexualidade confusa e hábitos mórbidos, como o de fumar ossos humanos. De cabelo laranja, cara lavada e óculos escuros, o cantor recebeu SHOWBIZZ no hotel Sunset Marquis, em Los Angeles, para divulgar seu álbum novo, *Mechanical Animals*, e conversar sobre seus problemas com o governo americano.

Você aparece na capa do novo disco nu, com seios e sem órgão sexual. Que tipo de imagem você quer passar?

Me considero hermafrodita, pelo modo como encaro minha personalidade. Atualmente tenho uma namorada (a atriz Rose McGowan, de *Pânico*), mas já vi outras possibilidades.

O título de seu novo álbum, *Mechanical Animals* (Animais Mecânicos), indica um confronto entre homem e tecnologia?

O álbum é uma alucinação, uma fantasia na qual o mundo me pertence. O título se refere a pessoas que parecem seres humanos, mas não possuem alma e agem como se fossem máquinas.

A música "The Dope Show" tem uma letra forte sobre o uso de drogas. Você não se preocupa em passar uma imagem negativa aos fãs?

Não dá para esperar que as pessoas entendam sempre o que quero dizer. Apenas componho, a interpretação é responsabilidade do ouvinte. Há outra música, "I Don't Like The Drugs But The Drugs Like Me" (*Eu Não Gosto Das Drogas Mas As Drogas Gostam De Mim*), que conta com a participação do guitarrista Dave Navarro (ex-integrante do Jane's Addiction e Red Hot Chili Peppers). Ele é famoso por seu envolvimento com drogas.

A andrógina capa do novo CD

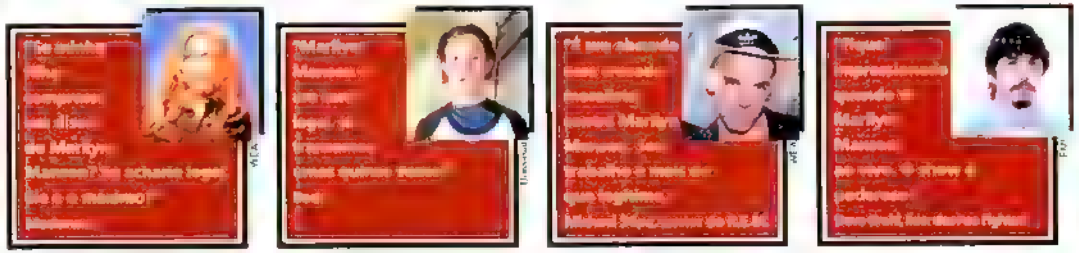
Por que o guitarrista Zim Zum saiu da banda após o fim da gravação?

Nós o substituímos (*por John Lowery, ex-Two e David Lee Roth Band*) porque ele não estava se dedicando tanto quanto o resto da banda. Ele ajudou a compor algumas músicas, mas não demonstrou interesse em terminá-las. Ainda sou amigos. No final, o baixista Twiggy Ramirez acabou gravando a maioria das guitarras. (*N. do E. Em uma reportagem na revista inglesa* Kerrang!, *Zim Zum disse que deixou amigavelmente a banda por não querer encarar uma turnê de um ano e meio de duração. Na mesma matéria, Manson responde que ele foi sacado do grupo e que não queria vê-lo nem pintado.*)

Recentemente foi derrubada uma lei que proibia menores de idade de vê-lo cantar e um produtor que havia cancelado um de seus shows foi obrigado a pagar 30 mil dólares. Você acha que pode vencer o *establishment* americano?

Não, sempre haverá brigas porque estou ultrapassando fronteiras. O novo álbum será ainda mais polêmico, mas de modo diferente. Não falo sobre religião tanto quanto falo sobre a alma das pessoas e a sexualidade humana. Sempre enfrentarei problemas enquanto estiver provocando o pensamento das pessoas. Quando tentaram nos proibir de tocar ao vivo, comprei uma briga que é de todo o movimento musical.

E ELES GOSTAM...



O novo visual de Manson: cabelos curtos e pintados de laranja para a turnê *Mechanical Animals*

Legião insaciável

Dois anos após a morte de Renato Russo, o culto à sua obra gera mercado para bandas cover profissionais e artigos de colecionador

Por Danilo Monteiro e Letícia Calmon

A banda Legião Urbana Cover, de Campinas, interior de São Paulo, foi formada nove dias após a morte de Renato Russo. Durante um ano ensaiou o repertório e hoje faz [illegible] três shows por semana para plateias de mais de mil pessoas no interior de São Paulo e no sul de Minas, cobrando cachê de 1 500 reais, no mínimo. Por conta disso, os integrantes estão abandonando suas atividades profissionais paralelas, como o gerente de banco e guitarrista Ricardo Alvarez, de 36 anos. "A procura [illegible] tanto grande, pedem muitos autógrafos para o Renato", conta o baterista Daniel Padovan. O Renato, no caso, é um professor de História que atende pelo sobrenome Nascimento.

Daniel diz que alguns fãs ficam muito comovidos com a semelhança entre Russo e Nascimento, na aparência, no modo de cantar e até de conversar. "Em Bragança Paulista teve uma moça que ficou na porta do palco imóvel assistindo ao show. [illegible] desmaiou, ficou 20 minutos chorando, olhando para ele, dizendo que não acreditava, que não era possível."

Após os shows, o público pede para ser fotografado ao seu lado, conversar com ele, abraçá-lo. "Muitas pessoas dizem que não tiveram a oportunidade de assistir à Legião ao vivo e falam que nós conseguimos preencher essa lacuna em suas vidas", revela Renato Nascimento.

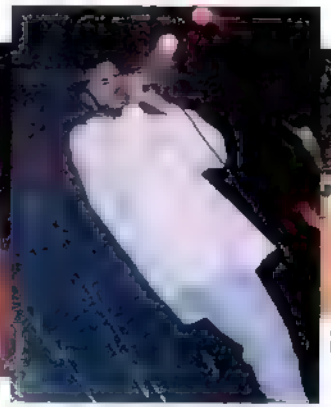
Dado Villa-Lobos, que viu a banda em vídeo, comentou: "Realmente, o cantor é a cara do Renato". [illegible] do interior de São Paulo, a Legião Urbana Cover tenta a carreira com trabalho próprio, usando [illegible] de Renato Nascimento. "As composições [illegible] influência da Legião".

A banda carioca Mais Do Mesmo, que também faz covers da Legião Urbana, não conta com um sósia de Russo nos vocais, mas tem estrutura profissional em suas apresentações: uma equipe de onze pessoas, com seis músicos, mais os operadores de som e luz, os seguranças e os *roadies*.

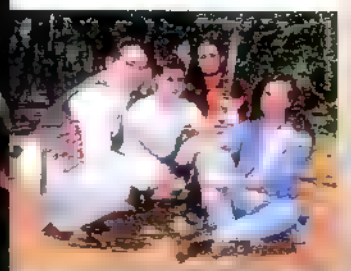
"Fazíamos apenas [illegible] com músicas deles, mas vimos que era possível ▶

A semelhança do vocalista da Legião Urbana Cover com Renato Russo já causou crises de choro em fãs mais ardorosas

O cantor da Vitimas Do Sistema e Marcelo Bonfá

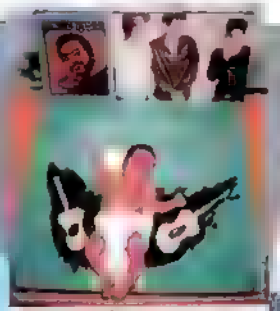


Renato Nascimento é a cara de Russo



A Mais Do Mesmo tem uma carreira lucrativa tocando os hits da Legião

Mauricio tem uma vasta videoteca sobre Renato



Renata Nathália nasceu em berço esplêndido

Reginaldo, ex-*roadie* da Legião e assistente de Renato

gostava muito", conta o vocalista Márcio Moreira. Todo fim de semana eles são requisitados para animar bares e festas de faculdades no Rio de Janeiro e região.

O carioca Frederico Morato Nery também não guarda nenhuma semelhança física com Russo, mas sua voz é incrivelmente parecida com a do ídolo. Fred é presidente do fã-clube Conexão Urbana e vocalista da homônima banda cover. Já tocou em muita festa-homenagem (de graça), mas agora pretende seguir caminho próprio, a conselho de Bonfá. "Ele diz que sou jovem e devia começar algo novo."

Fred apronta uma demo de seu grupo Vítimas Do Sistema. "Tenho meu estilo mas me inspiro no Renato", confessa.

Reginaldo Ferreira da Costa, amigo de Frederico, era presidente do fã-clube Por Enquanto e seguidor fanático da Legião até ser convidado para virar *roadie* da banda. Depois, o ótimo relacionamento com Renato rendeu convites para trabalhar nos discos solo do cantor.

Hoje Reginaldo é *roadie* de Cássia Eller e promove festas nos subúrbios do Rio de Janeiro (ele mora em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense), a maior delas no dia do aniversário de nascimento de Renato. Ali se juntam sócios e fãs que vendem camisetas, adesivos, pôsteres e fotos para arrecadar dinheiro. A entrada é gratuita. Camisetas desenhadas por Bonfá podem ser compradas em sua loja de locação de CDs, em Caxias. "O Reginaldo é uma enciclopédia da Legião. Conto com ele para achar qualquer material da gente", elogia Dado.

O carioca Maurício Castro é outro colecionador contumaz de material da Legião Urbana. Tem 28 fitas de vídeo, com aparições em TV e vários shows (também em vídeo), que diz ter conseguido com *roadies*, câmeras de TV e funcionários da gravadora EMI. Possui também 63 cassetes e centenas de recortes de revistas e jornais. Não empresta nada para ninguém com medo de o material ser comercializado: "Pode cair na mão de uma pessoa de má-fé, que queira só ganhar dinheiro". Como a maior parte dos fãs, também não vende. No máximo, troca por gravações que não possua – o que, convenhamos, é difícil. "Só não tenho vídeo do Aborto Elétrico, que eu sei que existem porque passou no *Jornal Nacional* um trecho de show quando Renato morreu."

As trocas, muitas vezes, são internacionais. "Um brasileiro que mora no Japão me mandou um EP do Nirvana por um vídeo que enviei", conta Helder Hoth, que mora em Guaraí, em Tocantins. Ele garante que cobra só "para pagar as despesas com fitas e correio".

David Obadiah, presidente-fundador do fã-clube Legião Jovem, fugiu de João Pessoa, aos 16 anos, para assistir a um show do grupo no Recife. Não contente viajou a Brasília e entrou em contato com a mãe e a irmã de Renato.

Hoje prepara um CD-ROM com a história da banda e um manual de fã-clubes, organiza shows bimestrais, cuida da homepage e da sede do Legião Jovem – um espaço com biblioteca, hemeroteca (recortes de jornais e revista) e CDteca. Todo sábado, são formados três grupos de discussão – entra quem quiser – e cada bloco dura duas horas. "As reuniões tomam a noite", avisa David.

Em Salvador, o arte-finalista Marques Júnior do fã-clube Legião Urbana Tudo Vence, organiza uma exposição que leva a história da banda a colégios soteropolitanos. Marques registrou sua filha com o nome de Renata Nathália Santos Marques. "Natália é uma faixa de *A Tempestade*, e o nome completo dela tem 27 letras, 27, dia de nascimento do Renato. Tudo isso foi pensado", explica Júnior.

"Há fãs nossos muito frágeis e sensíveis e uma das forças da Legião era justamente dar 'amparo' aos jovens. Depois da morte do Renato, alguns deles se sentiram órfãos", analisa Dado. Aos mais desesperados, ele tem uma notícia: o pacote Acústico (vídeo e CD) da Legião Urbana está mesmo previsto para março. "Eu e Bonfá ainda não nos reunimos para decidir o repertório, mas as gravações incluídas em *Música Para Acampamentos* devem ficar de fora", adianta.

10 tesouros de fã

Em vídeo

1 O *Acústico MTV* na íntegra, com dezenove músicas, incluindo uma canção do Menudo.

2 Último show da banda (janeiro de 1995), em Santos. Renato, ao ver que uma latinha foi jogada no palco, pára de cantar "Teatro Dos Vampiros". Em "Faroeste Caboclo", o vocalista, furioso, deita no chão, fuma e não pronuncia sequer uma frase da letra. No fim, dá uma bronca: "Vocês não aprendem nunca".

3 Registro de um show do Aborto Elétrico em 1981, na Universidade de Brasília.

4 As aparições da Legião no programa *Perdidos Na Norte*, comandado por Fausto Silva. O show foi transmitido ao vivo em novembro de 1986 no Circo Voador (Rio). Outro registro raro, um especial para a Rede Bandeirantes, gravado em dezembro de 1987. A Legião Urbana toca "Que País É Este?" e "Tempo Perdido", entre outros sucessos.

5 Show no Jóquei Clube, no Rio de Janeiro em 8 de julho de 1990. A apresentação começa com uma homenagem a Cazuza, que tinha falecido no dia anterior, e termina com o público atirando areia no palco. Gravado pela TV Manchete, foi exibido quando da morte de Renato em uma versão editada com onze canções, mas na íntegra tem 24.

Em cassete

6 Show do *Aborto Elétrico* na UNB em 1978, tocando "Química", "Veraneio Vascaína", "Fátima" (gravadas posteriormente pelo Capital Inicial em seu disco de estréia), "Que País É Este?", "Conexão Amazônica" e músicas inéditas como "Helicópteros No Céu", "1977" (com letra semelhante à de "Tempo Perdido"), "Desemprego" e "Construção Civil".

7 Aparição na rádio Fluminense FM em 1983, mostrando uma demo, em cassete, com arranjos diferentes dos registrados em disco de "Ainda É Cedo", "A Dança", "Petróleo do Futuro", "Geração Coca-Cola", e uma versão inédita para o clássico "Route 66".

8 Fita demo da preparação do disco *V*, com "Sereníssima", "A Ordem Dos Templários", "Love Song", "Metal Contra As Nuvens", entre outras.

9 Show de Brasília, no Estádio Mané Garrincha (18 de junho de 1988), em que ocorre confusão na platéia a partir de um discurso de Russo, em que fala sobre ter saído desta cidade para ser feliz no Rio de Janeiro. Objetos são atirados no palco e um rapaz dribla os seguranças e pega o vocalista pelo pescoço.

10 Renato Russo em show acústico de 1988, na extinta casa Dama Xoc, em São Paulo. Acompanha-se ao violão e tem o auxílio de outro violonista, cantando "Yesterday", dos Beatles, "Por Enquanto", "Música Urbana".

O mapa da mina

Estas pessoas possuem material raro da Legião Urbana e se dispõem a fazer trocas. Elas não vendem fitas piratas.

- **FÃ-CLUBE METAL CONTRA AS NUVENS** (Edilson), tel. (011) 9181-4122
- **FÃ-CLUBE CONEXÃO URBANA** (Frederico) Rua Ubaraci, 545, apto 101, Higienopolis, CEP 21051-040, Rio de Janeiro, RJ
- **FÃ-CLUBE LEGIÃO JOVEM** (David) Caixa Postal 505, CEP 58001-000, João Pessoa, PB
  e-mail: legiaojovem@openline.com.br
  homepage: http://legiaojovem.base.org
- **Mauricio Castro**, tel. (021) 589-8861
- **Helder Hoth**, tel. (063) 834-2411
- **Reginaldo Ferreira**
  Caixa Postal 76164, CEP 25001 970, Duque de Caxias, RJ

Fred, líder do grupo mundo livre s/a, detesta quando vinculam o manguebit ao tropicalismo!

O cérebro dos caranguejos

Depois de lançar o elogiadíssimo terceiro disco, *Carnaval Na Obra*, FRED 04, um dos pais do manguebit, avalia o legado do movimento e mira o cavaquinho do mundo livre s/a na MPB tradicional

por Sérgio Martins*
Fotos Armando Prado

Computadores fazem arte, artistas fazem dinheiro e Fred 04 faz história. Compositor, cantor e guitarrista do mundo livre s/a (que tem entre seus integrantes o baixista Fábio "Malandragem" e o baterista Tony "Regalia", ambos irmãos de Fred, além do tecladista e guitarrista Bactéria "Maresia" e do percussionista Marcelo "Pianinho"), este pernambucano de 36 anos e aparência franzina é um dos responsáveis pelo "movimento" musical mais importante do pop brasileiro dos anos 90: o manguebit.

Fred 04 é o autor (juntamente com o jornalista Renato Lins) do manifesto Caranguejos Com Cérebro, que, lançado em 1991, ajudou a disseminar o conceito do manguebit. "Eu apenas adicionei alguns termos jornalísticos", revela, com humildade. O texto propunha "injetar energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife" e apresentava as bandas mundo livre s/a, Loustal, Chico Science & Nação Zumbi e o bloco afro-reggae Lamento Negro. Dois anos depois o manguebit ganhou destaque na MTV e nas páginas da revista BIZZ, também naquela época houve a primeira edição do Abril Pro Rock.

No final de 1993, o mundo livre s/a assinou contrato com o selo Banguela (o mesmo dos Raimundos), que lançou no ano seguinte *Samba Esquema Noise*. A obra adicionou cavaquinho ao rock e revelou fartas influências de Jorge Ben (o compositor predileto de Fred). Teve ótimas críticas, mas vendeu pouco.

Em 1996, já na Excelente Discos, foi a vez de *Guentando A Dor*, disco de linguagem punk (muitas das músicas datam da época em que Fred furava a bochecha com um insolente alfinete), e que também teve vendagem desapontadora.

Agora o mundo livre s/a está lançando *Carnaval Na Obra*, que marca a entrada do quinteto no selo Abril Music. É um projeto ambicioso, pilotado por quatro produtores (os DJs Apollo 9 e Eduardo BID, o ex-DeFalla Edu K e Carlos Eduardo Miranda – que trabalhou nos dois trabalhos anteriores do grupo) e traz canções inspiradíssimas. Com um mês de lançado, já é o CD do mundo livre com melhor resposta comercial.

Ao lado de *CSNZ*, da Nação Zumbi, trata-se de um atestado de sobrevida do movimento mangue – erroneamente sepultado por parte da imprensa depois da morte de Chico Science, em fevereiro do ano passado. "Fred nunca deixou de acreditar no mangue. Tanto que no dia seguinte à tragédia de Chico – que foi um baque muito grande – ele já estava dando entrevistas e criando outro manifesto para dar continuidade à coisa", revela o jornalista Xico Sá, da *Folha de S.Paulo*, amigo e parceiro de 04 em "Bolo De Ameixa".

Foi esse Fred 04 de mente ativa e opiniões fortes que conversou com SHOWBIZZ por mais de três horas. Entre os assuntos: Chico Science, o legado do manguebit e a luta para converter o mundo livre s/a em sucesso popular.

O movimento mangue realmente existiu ou foi estratégia de mídia?

Se você perguntar para os idealizadores da coisa, cada um vai apresentar sua própria versão. A minha é esta: no início dos anos 90, eu trabalhava como repórter de TV. E desde aquela época o pessoal já usava alguns termos como "gratuito", "vou bater com a antena na tua cabeça". Mas nunca foi um movimento.

Crescemos lendo as publicações especializadas em música falando sobre "a cena punk" ou "a cena inglesa". Eu vejo o mangue como cena também. Nunca tinha havido isso no Recife – pelo menos com essa característica de manifesto.

Vocês têm algum registro do mundo livre pré-manguebit?

A gente fez uma fita demo com duas composições. Gravamos num estúdio ▶

especializado em música evangélica. Quem chegou a escutar essa fita foi um historiador chamado Nicolau Sevcenko que escrevia na *Folha de S Paulo*. Mostrei duas canções meditas. Uma delas era "Cabras Marcados", que pertava os tropicalistas. A letra era assim: "Burocratas de jeans/ Indigo anil/ Supremos pastores dos independentes/ Lambuzados eternamente em geléia esplendida/ Nas telas da cultura tropical/ Mas eu, não sou uma cabra, não sou uma cabra". A outra se chamava "Paixão Roxa", parceria com o Xico Sá.

Onde Chico Science entra no movimento manguebit?

Chico era um cara que curtia funk e vivia criando batidas na cabeça, na boca. Quando ele ouviu os tambores de maracatu, pirou na idéia de usá-los para uma mistura dessas. Pegou uns caras que só sabiam tocar samba-reggae e os instruiu para tocar maracatu e hip hop.

Isso é um crédito pouco dado a Chico. O cara era um gênio do ritmo. Chegou a tocar "Antenna", do Kraftwerk, acompanhado apenas pelo pessoal da percussão. O apendo Science vem desse talento dele em misturar sons.

Qual foi a participação dele no manifesto Caranguejos Com Cérebro?

Chico era um cara de periferia que curtia muito James Brown. Cameo *(grupo americano de funk dos anos 70)*, Mantronix *(outra banda americana de funk popular na segunda metade dos anos 80)*... Não tinha formação político-ideológica, mas sacava de *black music*.

Quando *Da Lama Ao Caos*, primeiro disco de Chico Science & Nação Zumbi, foi lançado, o encarte do CD continha o manifesto. E ali dava a entender que tinha sido escrito por Chico...

Eu sei, mas entendo isso. Imagine um cara que saiu de Peixinhos, bairro pobre de Recife, direto para a Sony! É o que está acontecendo com o Devotos Do Ódio. Os caras tiveram de mudar o nome apenas para Devotos por sugestão da gravadora. Daqui a pouco, Canibal (cantor dos Devotos) vai ter de virar "Degustador de Seres Humanos" *(risos)*.

O mundo livre sempre ficou imune a esse tipo de pressão?

Quando a gente veio a São Paulo pela primeira vez *(em 1993)*, Chico já tinha em mãos uma carta de intenções da Sony. A gente chegou ao Aeroanta *(extinta casa de shows paulistana)* e já havia empresários nos esperando. Um deles era de uma agência de publicidade que dizia ter contato com a Warner. Um deles sugeriu botar uma cantora, alguns tambores de maracatu e uma guitarra mais pesada.

Você acha que se o Chico Science estivesse vivo ele mudaria sua música por alguma "sugestão"?

Acho que não. A formação musical dele sempre foi mais voltada para um som universal. Chico gostava de Afrika Bambaataa *(rapper americano)*, Public Enemy *(grupo de rap americano com o mais consistente discurso político)*. Ele não estava nem aí para o fato de seu primeiro disco ter vendido 30 mil cópias. Preferia saber que *Da Lama Ao Caos* foi o álbum brasileiro lançado em mais países no ano de 1994. Isso o agradava.

Eu estava presente na reunião em que ele era bajulado por um diretor da Sony Music. "Chico, eu olho para você e vejo um Jackson do Pandeiro", ele elogiava. Na hora de gravar o segundo CD, o mesmo diretor disse: "A sua banda é culta demais, o negócio da gente é vender disco. Você só vai gravar este LP por pressão da Sony da Bélgica e da França. Por mim você não continuava aqui".

Você chegou a pensar que o movimento ia ficar desvirtuado?

A gente recebia telefonemas de bandas dizendo: "Queremos virar manguebit, onde é que nos inscrevemos?" É nessas horas que você descobre que perdeu o controle das coisas. Ao mesmo tempo, existem bandas como Sheik Tosado, que em apenas um ano de vida ganham projeção na mídia. Festivais locais recebem um público médio de 5 mil pessoas, bandas assinam contrato com selos do exterior. Acho que isso é uma consequência do movimento mangue.

Você fica irritado ao ouvir que o manguebit tem uma postura tropicalista, ou antropofágica?

Classificar o manguebit como descendência direta de Alceu Valença ou da Tropicália é a mesma coisa que acreditar que o punk descende do movimento hippie! A gente surgiu para detonar Alceu, Caetano Veloso, Gilberto Gil. Compara só a temática de Alceu Valença com a de Chico Science e mundo livre. Fazia trinta anos que ele só falava das ladeiras de Olinda dos coqueiros não sei de quê, da morena tropicana, do mar quente, do horizonte. E todo mundo morrendo de fome no Recife! Vá se f****

Hoje já existe uma reação à mistura de gêneros brasileiros e estrangeiros, não?

Sou contra todo tipo de ditadura ou camisa-de-força. Tanto que nenhum disco do mundo livre s/a tem a mesma receita. Tem punk rock, samba... O mundo livre tinha a intenção de fazer new wave do Terceiro Mundo, com cavaquinho – que ouvi pela primeira vez no Carnaval de 1990 –, guitarra baiana e tamborim.

As pessoas imaginam o mundo livre como uma banda antimídia. Mas há um lado seu ligado à cultura popular, não?

Estou reivindicando um espaço para a música brasileira. A gente tem Jorge Ben, Temos Bezerra da Silva e Paulinho da Viola – temos até Caetano Veloso! A MPB passa por um período de empobrecimento absurdo. O Brasil possui um dos ritmos mais ricos do mundo – o samba à Jorge Ben –, que é tratado de maneira pobre. Meu disco predileto é *Tabua De Esmeralda*, de Jorge Ben. Que eu ouvia na rádio em plena ditadura!

Jorge Ben sempre foi um artista muito popular. Você tem essa ambição?

Desde o advento do Nirvana, esse negócio de música alternativa ficou muito relativo. Nos EUA, muito grupo tido como *underground* toca em supermercado. Sempre achei que o mundo livre s/a faz música de consumo. Como fazem Nirvana, Red Hot Chil. Peppers e Green Day.

Você toparia fazer um *Domingão Do Faustão*, por exemplo?

Entraria na *Banheira Do Gugu* para concorrer com o Faustão. Concordo com a postura dos Racionais em relação à Globo, não veio outra função no programa do Fausto Silva a não ser dar grana para a gravadora promovendo concurso de bundas.

Estamos aqui falando do É O Tchan, mas não existem bandas com letras piores?

Sim, é mais vergonhoso ver banda formada por gente de classe média fazendo música prostituída do que ver o Tchan.

A pré-história do mangue

1984 O mundo livre s/a surge dos restos mortais de três bandas punk de Recife: a Serviço Sujo, a Trapaça e a 101. O show de lançamento: "A gente inventou de tocar numa boate freqüentada por metaleiros. Quando eles nos viram entrando no palco com guitarra baiana e tamborim, vaiaram e pediram AC/DC."

1985 A rádio universitária de Recife coloca no ar o programa *Décadas*, criação dos estudantes de jornalismo Fred 04 e Renato L.

1986 Fred 04 cria o programa *New Rock* na Rádio Transamérica de Recife, mas o mundo livre sofre um baque: "Um assalto por pouco não acabou com a banda. Alguém entrou em nosso local de ensaio e levou todo nosso equipamento."

1987 Os novos talentos de Recife ganham um especial na TV local. E o mundo livre é homenageado. "Duas bandas (a *Vá Filosofia* e *NDA*) tocaram covers de nosso hit na época, 'Samantha Smith'."

1988 Fred 04 passa um ano em São Paulo. "Foi nessa época que tive duas das maiores experiências da minha vida. Assisti aos shows de Iggy Pop e James Brown."

1989 O povo da periferia de Recife opta por curtir rodas de break. "A gente organizou o festival Mundo Livre Strikes Again."

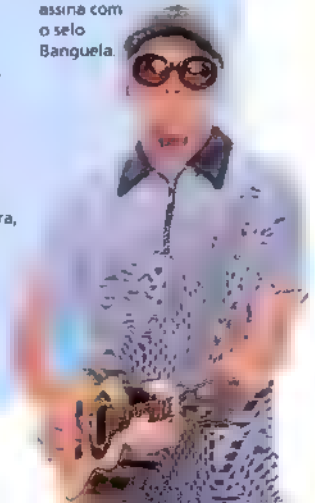
1990 Na boate Misty, apresentam-se as bandas Orla Orbi (cujo vocalista era Chico Science) e KZF. Fred vira repórter de TV.

1991 Fred 04 e Chico Science mudam-se para um edifício na Rua Aurora, às margens do Rio Capibaribe, onde concebem o conceito mangue. O apartamento recebe também a visita do percussionista Otto, recém-chegado de Paris.

"A gente produziu o festival Viagem Ao Centro Do Mangue, com shows de Chico Science, mundo livre s/a, Lamento Negro e Loustal. Foi aí que sentiu pela primeira fez que o público saiu 'infectado'."

1992 Fred, Chico e Renato L. lançam o manifesto Caranguejos Com Cérebro.

1993 A cena de Recife ganha força com a criação do festival Abril Pro Rock. Em dezembro o grupo assina com o selo Banguela.



*Colaborou Carlos Freitas

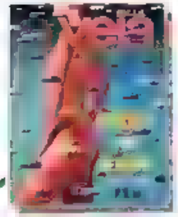
"O Presidente Aparece Aqui em Casa Quase Todo Domingo"

Ricardo L. Azevedo, Administrador de Empresas, e família, leitores de VEJA

Quando o zelador interfonou dizendo que o presidente Fernando Henrique Cardoso estava subindo, Ricardo e sua família correram para a porta.

Mas, seguindo as determinações do cerimonial dos Azevedo, foi o dono da casa quem teve o privilégio de pegar a edição de VEJA com FHC na capa.

É que privilégio: VEJA é disputada por todos. Com seus artigos, suas denúncias e suas análises, defende



a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros, e já é tão importante para o domingo quanto a pizza e o futebol.

VEJA faz parte da Abril. E, se não dá para pensar no domingo sem pensar em VEJA, não dá para pensar em nenhum dia da semana sem pensar na Abril. Porque a Abril faz parte da vida de quase todo mundo.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na vida dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 13 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril
Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV
DIGISAT · VIP · CAPRICHO · listel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS
HBO · GAMES · ARQUITETURA CONSTRUÇÃO · MusiClub · contigo · ESCOLA · Bravo!Brasil · HORÓSCOPO · A&D · EURO CHANNEL
CARAS · BOA FORMA · CASA · CMT · Saúde! · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA

Som Independente

Envie fitas-demo, CDs-demo e lançamentos do seu selo para: Som Independente, Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Raízes urbanas

Muitos barquinhos, corcovados e águas de março rolaram até que Sandra Ximenez, 31 anos, gravasse seu primeiro single independente. Ela cantou "ria noite" por um bom tempo, em lugares onde pudesse praticar a música brasileira de qualidade que dá o tom de seu trabalho. Apesar dessa escola, são as composições inéditas que predominam em seu CD de estréia. "Prefiro trabalhar com material novo, de pessoas da minha geração", explica ela. O bom-gosto continua presente não só nas músicas escolhidas, mas nos arranjos sofisticados, e principalmente, nas interpretações de Sandra, bastante [illegible]. Explica-se: ela também é professora de canto e preparadora vocal de grupos de teatro. Em seus shows, Sandra aumentou a presença da guitarra, para acentuar o que chama de "interpretação mais urbana da música brasileira de raiz". Resta esperar que não exagere, já que sua voz lapidada se dá [illegible] plano. A tempos deve lançar [illegible] também um CD com o sexteto vocal feminino Vésper. Telefone para contatos (011) 815-3344, código 6612 [illegible]

Periferia antenada

Fazer política dançando parece ser a proposta do grupo **Kamikazy Ataque e Resistência**. Sobre uma base de Jimi Hendrix e batidas hip hop, os rappers Turbo, Jay e Jota vociferam contra a violência policial e fazem a defesa das rádios livres comunitárias em cima de samples de "Owner Of A Lonely Heart", da banda inglesa Yes. Há peso e groove, e o discurso é bem articulado. "Feita por nós e pra nós, periferia de antenas ligadas", diz a letra de "Revolução No Ar", sobre as rádios piratas. Eles eram locutores da NDA (Nenhuma Das Anteriores) FM. "Fazíamos programas voltados para o rap, cinema e literatura nacionais", conta Turbo. A estação, que funcionava em conjunto com um espaço cultural na Vila Santa Catarina, Zona Sul de São Paulo, terminou por problemas financeiros, mas rendeu seus frutos. "O fechamento coincidiu com o início da banda", revela Turbo. Telefone para contatos: (011) 5188-3838, código 706532

Cabeludos tipo exportação

O **Hammer Of The Gods** toca um hard rock com ênfase nas baladas que não soaria deslocado na maioria das FMs do planeta. O grupo faz mais shows nos EUA (ainda que poucos) do que no Brasil, tendo se apresentado até no CBGB's, santuário punk de Nova York.

"Nos EUA tudo acontece mais rápido", confessa o guitarrista Ulisses Torelli. Ele exemplifica: "Uma vez, fizemos um show e um cara que tinha uma produtora do tamanho de um dedal assistiu, gostou e marcou outro pro dia seguinte". De qualquer modo, o Hammer tem seu padrinho brasileiro. O CDemo foi gravado no estúdio do produtor Rick Bonadio (leia-se Mamonas Assassinas), que ainda ajudou na mixagem.

Telefone para contatos: (011) 866-4651. E-mail: torelli@sti.com.br

Terapia punk

"Na Grécia, os cínicos eram os caras que ajudavam os poetas". Assim Hugo, o principal compositor do **Cynics**, explica o nome da banda carioca. A tônica das letras está no inconformismo. "Ele ficou rico, comprou amigos, comprou respostas pra esquecer de tudo" diz um dos versos, mas o som é inspirado no punk inglês dos anos 70. O CD Cynics saiu pelo selo Rotten. Telefone para contatos: (021) 350-3405

Das bandas do Paraná

Coletânea *Marcação Cerrada*
Origem: Curitiba

Zigurate

Som: Guitar band com vocal feminino
Auto-retrato: "Não temos o compromisso de obedecer a um estilo definido, cada música tem sua personalidade"
Idade: 1 ano e meio
Resumo crítico: Letras "cabeça" com boas soluções instrumentais. A vocalista tem uma voz bonita, mas precisa tomar cuidado com eventuais derrapadas na afinação
Produção: Boa
Contatos: tel. (041) 367-5922

Ovos Presley

Som: rockabilly pós-punk (o também chamado psychobilly)
Auto-retrato: "É só festa, mas com o pé direito na responsabilidade"
Idade: 5 anos
Resumo crítico: Adrenalina e composições divertidas como "Cadilac Podreira" ("Que que é isso menina/ deixa de besteira/ vem andar comigo/ no cadilac podreira"). Só precisa gravar com mais qualidade
Produção: Regular
Contatos: tel. (041) 367-7519

Estigma

Som: hip hop/ funk/ rap/ hardcore
Idade: 3 anos
Auto-retrato: "Som nervoso e pulante"
Resumo crítico: Bom instrumental, mas já existem planet hemps demais entre bandas iniciantes. As composições que tendem ao deboche revelam uma cara mais original do Estigma e parecem indicar um caminho melhor
Produção: Regular
Contatos: tel. (041) 248-2544

Radiohead

Trilha de comercial ressuscita canção de 1995 do grupo inglês

Fake Plastic Trees

(Thomas Yorke/Jonathan Greenwood/Edward O' Brien/Colin Greenwood/ Philip Selway)

Her green plastic watering-can for
fake chinese rubber plant
In the fake plastic earth
That she bought from a rubber man
In a town full of rubber plans to get rid of itself
It wears her out
She lives with a broken man,
A cracked polystyrene man who just
crumbles and burns
He used to do surgery for girls in the eighties
But gravity always wins and it wears it out

She looks like the rea thing
She tastes like the real thing
My fake plastic trees

But I can't help the feeling
I could blow through the ceiling
f I just turn around and run
It wears me out

If I could be who you wanted
all the time

© Warner/Cappell Music Ltd

Falsas Árvores De Plástico

Seu regador verde de plástico para regar
falsas plantas chinesas de borracha
Na falsa terra de plástico
Que ela comprou de um homem de borracha
Numa cidade cheia de planos de borracha para se livrar de si mesma
Isso a desgasta
Ela vive com um homem acabado
Um despedaçado homem de poliestireno que so
se esfarela e queima
Ele costumava operar meninas nos anos 80
Mas a gravidade sempre vence e desgasta tudo

Ela parece ser de verdade
Ela tem o gosto da verdade
Minhas falsas árvores de plástico

Mas eu não posso evitar esse sentimento
Eu poderia explodir pelo teto
Se eu me virar e correr
isso me desgata

Se eu apenas pudesse ser aquele que você deseja
o tempo todo

Sucesso, ainda que tardio

OK Computer, terceiro CD do Radiohead, ganhou vários prêmios como o melhor disco de 1997, mas fãs do grupo preferem seu álbum anterior, *The Bends*. "Fake Plastic Trees", faixa desse trabalho, de 1995, invadiu as FMs brasileiras inesperadamente e ficou famosa há três meses, depois de utilizada num comercial sobre crianças com síndrome de Down. Na letra, o vocalista Thom Yorke abusa de imagens tristes, em sintonia com o arranjo, belíssimo, mas algo desconexas. "É o produto final de uma piada, que inventei numa noite em que estava bêbado e solitário", desconversa Yorke

Arnaldo Antunes

"Dividir a cultura em gavetinha é imbecilizante"

No escritório em que Arnaldo Antunes compõe, em sua casa na Vila Madalena, em São Paulo, fica a maior parte dos seus CDs. Sobre a mesa, ao lado do computador, estão os que ele tem escutado ultimamente: todos os de Chico Science & Nação Zumbi, *Mundo Livre s/a*, o último de Lenine, a estréia de Pedro Luis E A Parede, *Os Cães Ladram Mas A Caravana Não Para*, de Planet Hemp. "São pessoas e bandas que pintaram nos anos 90 e têm um trabalho supercriativo, que acompanho com muita atenção e gosto.

O gosto de Arnaldo revela-se bastante eclético. "Não tenho uma discoteca só de rock'n'roll. Acho chato isso de ter chilique quando se fala em samba. Existe uma série de preconceitos de todos os lados, de pessoas que querem dividir a cultura em gavetinha, isso é imbecilizante." Diz adorar os discos de Timbalada, o bloco afro baiano protegido de Carlinhos Brown. "Acho uma coisa particular dentro da música baiana (que as pessoas usam como um rótulo genérico)", ele se destacam pela inventividade dos arranjos e pela qualidade das composições.

Ainda entre os brasileiros, Jorge Ben Jor é presença garantida. O compositor destaca os clássicos *Tabua De Esmeraldas* (1974) e *Africa Brasil* (1977).

Arnaldo tem uma bela coleção de música negra americana, com muito James Brown, em especial *Star Time*, uma luxuosa caixa com quatro CDs dedicados ao inventor do funk), Otis Redding e Stevie Wonder.

O reggae sempre frequentou seu som. Na época da vitrola, ele tinha tudo de Bob Marley em vinil; hoje, não dispensa a caixa que percorre toda a carreira do astro jamaicano. Dentro do gênero, também se apaixonou por Junior Murvin, compositor e cantor que gravou alguns discos nos anos 70 – era um dos predileto do próprio Marley. *Police & Thieves* é o único disponível em CD. "Pare O Crime", faixa de *Um Som*, o mais recente trabalho de Arnaldo, é uma versão para "Stop The Crime", do sumido astro jamaicano.

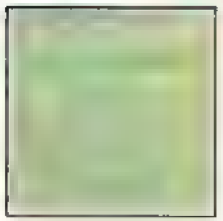
A música brasileira das antigas também faz a cabeça do artista, principalmente Carmen Miranda, o cantor Mário Reis e o rei do baião, Luiz Gonzaga, três criadores que alimentaram a obra de João Gilberto, o pai da bossa nova, que tem lugar privilegiado em sua estante.

O trompetista e cantor Chet Baker, que também influenciou João Gilberto – "ele cantando 'My Funny Valentine' é uma coisa", derrama-se Arnaldo –, comparece com alguns discos.

Apesar do obviamente ter a música como inspiração, Arnaldo Antunes não tem rotinas específicas. "Gosto de ser surpreendido pelas coincidências, do som que bate bem em determinada hora." Mas para relaxar, recomenda o erudito Erik Satie (*compositor francês do século passado, cujo tema mais famoso é "Jamnopedie"*). Propicia um estado transcendente maravilhoso.

Danilo Monteiro

Alta Rotação



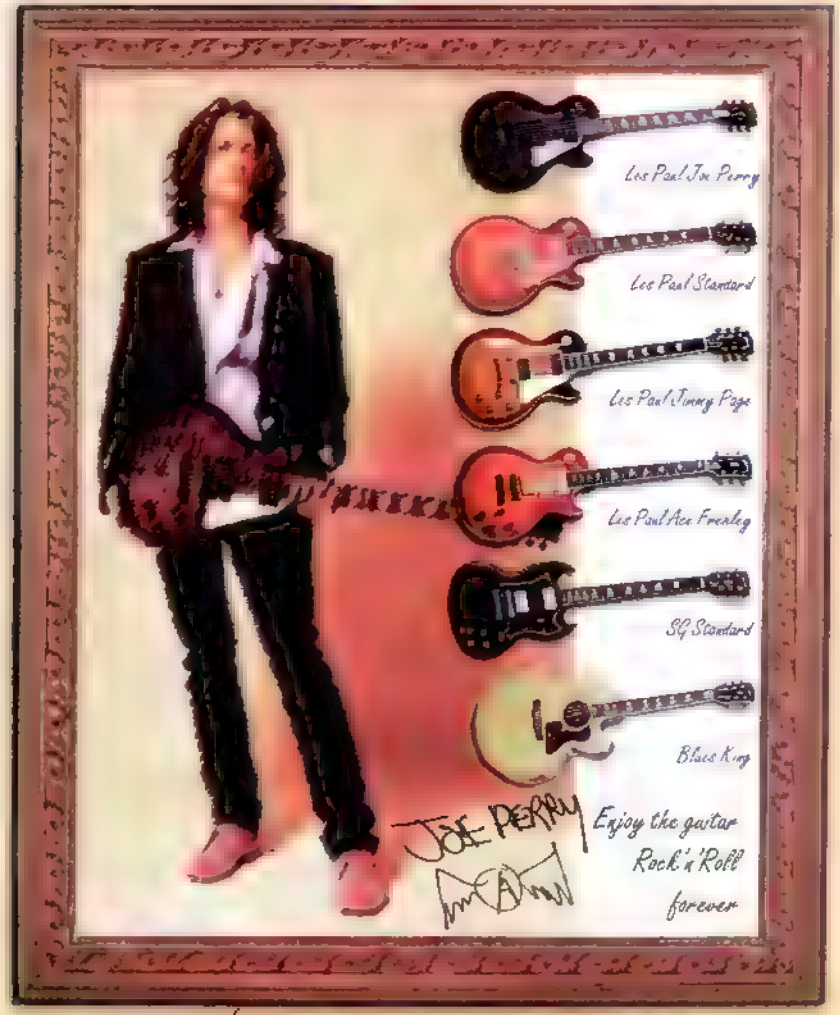
Stevie Wonder
Journey Through The Secret Life Of Plants
"É maravilhoso, nunca o encontrei em CD. A primeira vez que ouvi foi no final dos anos 70, antes eu só conhecia coisas do rádio, como 'You Are The Sunshine Of My Life'. Com ele, descobri Stevie Wonder e o disco conceitual: tudo é muito amarrado, a passagem de uma música para outra, a sonoridade. E, antes de tudo, é comovente."

Jorge Ben e Gilberto Gil
Gil & Jorge
"Talvez seja um dos que eu mais goste de todos os tempos. A capacidade de improviso soa com uma naturalidade espantosa. *Africa Brasil* e *Tabua De Esmeraldas* também são muito legais."

Racionais MC's
Sobrevivendo No Inferno
"Eu nunca me liguei muito em rap brasileiro, achava uma coisa malfeita. Mas este trabalho, assim como os discos do Pavilhão 9, é muito bem realizado, contundente e com letras bem construídas."

João Gilberto
Ao Vivo Em Montreux
"João Gilberto é um negócio importantíssimo para mim. Este tem 'Pra Que Discutir Com Madame'."

Lenine
O Dia Em Que Faremos Contato
"Chamei Chico Neves para produzir meu disco *Um Som* por causa deste álbum. Ele tem uma sonoridade muito especial. Além de o trabalho de Lenine ser maravilhoso, as canções são legais, o registro do som de violão é impressionante, a pesquisa de timbres é muito boa. O disco soa potente."



É fácil comprar sua Gibson!
Ligue já e consulte preços, forma de pagamento...

TEL.:(011) 3061-3131
BIG FAT MUSIC
TEL.:(021) 236-7168 236-3280
CASA BEVILACQUA
TEL.:(011) 3064-1109 240-6418
SAN OS SP
TEL.:(013) 225-4660
P.A.
RUA TEODORO SAMPAIO 770
TEL.:(011) 3061-0404
P.A. ABC R. Alvarez de Azevedo 55
Centro Santo André SP
TEL. (011) 444-5877

Discos/Crítica

Coices rumo ao século 21

Um dos pilares do manguebit mistura e tritura a MPB com batucadas eletrônicas

OTTO
Samba Pra Burro
Matraca/Trama

Já a partir do título provocador, o álbum de estréia de Otto, ex-percussionista do mundo livre s/a arrisca tudo. Samba o purismo burro não há de ouvir neste CD. Quem levantar as orelhas com inteligência, porém, vai captar ritmos que muitos asnos teimam em conservar em formo.

Até os preconceituosos hão de se emocionar em três momentos mais "comportados" porém geniais do disco: "Celular De Naná", homenagem ao percussionista Naná Vasconcelos (com participação do irmão dele Erastro Vasconcelos e do Coral Daruê Malungo"), o entroncamento praieiro de "TV A Cabo/O Que Dá Lá É Lama" e "Café Preto" samba que traduz São Paulo, levado no pandeiro de Marcos Suzano.

Pernambucano que ajudou a formatar o manguebit, Otto se mudou para a capital paulista e meteu o pé na jaca noite adentro, surfando todas as tendências do som eletrônico internacional. O resultado, produzido pelo DJ Apollo, é uma fusão ou melhor, várias (con)fusões de ritmos.

O nó na linha evolutiva da MPB começa com "Bob", mantra com vocais de Bebel Gilberto e batida drum'n'bass. "Distraída Pra Morte" costura melodia MPBística com ruídos e batidas eletrônicas, seguindo trilha que, para vergonha do Brasil, o sueco Jay-Jay Johanson trilhou antes.

Otto não facilita subverte e experimenta além dos limites do gosto estabelecido. Mexe com samba, ciranda e outras milongas até "estragar". A música brasileira precisa de trabalhos assim: exageradamente inventivos e arriscados. **Nota 9**

Pedro Só

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista

Billy Gould (o quinto, da esq. para a dir.): "O fim da banda foi maravilhoso"

O incompleto fim da fé

FAITH NO MORE
Who Cares A Lot
London/PolyGram

Qual a primeira providência que uma gravadora toma quando uma de suas bandas encerra as atividades? Juntar sucessos e lançar uma coletânea em busca dos últimos trocados, é claro. Com o recém-extinto quinteto californiano Faith No More não foi diferente. A banda que estourou no início da década de 90 emite seu último suspiro com *Who Cares A Lot*.

O baixista Billy Gould e a gravadora London Records escolheram quinze canções, representando os seis discos de estúdio do grupo. *We Care A Lot, Introduce Yourself, The Real Thing, Angel Dust, King For A Day, Fool For A Lifetime* e *Album Of The Year*. Lá estão as óbvias "Epic" e "Falling To Pieces", criações pop que misturavam guitarras distorcidas a bases funkeadas e que serviram como cartão de visita da banda – via MTV – para platéias de todo o planeta.

Podem-se ouvir também sucessos menores como "We Care A Lot" (ainda com o cantor Chuck Moseley, antes da entrada do *popstar* Mike Patton,) "A Small Victory" e as versões para "Easy" (Commodores), e "I Started A Joke" (Bee Gees), que deve ganhar videoclipe. Mas a tal representatividade acaba prejudicando a qualidade do CD, porque o disco *The Real Thing* (1989) merecia mais do que apenas três canções. As grandes ausentes são "Woodpecker From Mars", "Ugly In The Morning" e a ótima versão para "War Pigs", do Black Sabbath. O CD brasileiro deve sair com "C... Voador" (que tem parte da letra em português) como bônus.

Bernardo Araujo Nota 7

Alívio Imediato

Como foi feita a escolha das músicas de *Who Cares A Lot*?
Billy Gould – São canções óbvias, nem foi preciso pensar para saber quais as que iriam entrar.

Você se incomoda de ter que trabalhar para uma banda que já acabou?
Antes de mais nada, a gravadora tem o direito de lançar uma coletânea. Já que isso ia acontecer mesmo, me empenhei para que fosse feito da melhor maneira possível. Foram dezessete anos da minha vida.

Você acha que as vendas desse disco serão boas?
Os verdadeiros fãs não vão comprar, pois eles já têm os discos. Depois lançaremos um CD com lados B de singles e outras coisas estranhas.

O que você sentiu quando a banda acabou?
Um grande alívio. Foi muito tempo de pressão, de compromisso com uma banda. Foi um dia maravilhoso.

Como foram as vendas de *Album Of The Year*?
Não sei os números, mas o disco foi um grande sucesso na Europa. O fim da banda não teve nada a ver com dinheiro, na verdade foi o contrário. Achamos que nossa criatividade, em conjunto, havia acabado, e com isso deixamos de ganhar a maior quantidade de dinheiro de nossa carreira.

GRANT LEE BUFFALO
Jubilee
Slash • IMPORTADO

O melhor vocal do rock atual em melodias épicas

Mon ato em seu Búfalo G... o cantor Grant Lee Phillips chega agora ao quarto álbum. E o primeiro sem o baixista Paul Kimble, que produziu todos os trabalhos anteriores do grupo, mas não está fazendo falta.

O som é rock sem atualizações – há um convidado, Lan Brion especialista em pianos de selo... e teclados antiguidades, só para ajudar a reconstituir o clima de uma América mitológica. Michael Stipe, do R.E.M. (ídolo dos Eagles Sam Lafige, organista dos Wallflowers, participam, mas a maravilha vem sempre da garganta de Grant. Acompanhando-se à guitarra ao violão, às vezes de doze cordas, ou ao banjo, ele encara vários melodias belos com arrebatamento e sentido épico. Em falsete, constrói, sozinho, os emocionantes vocais de apoio: improvável haver melhor cantor no rock atual.

Pedro Sá Nota 8

MONICA
The Boy Is Mine
Arista/BMG Brasil

Boa produção compensa a falta de novidades

The Boy Is Mine confirma o talento que Monica mostrou em seu disco de estréia, de 1996. Com produção de Dallas Austin – de *Bedtime Stories*, de Madonna –, o novo trabalho resume-se a um punhado de canções bem trabalhadas, com a dose ideal de balanço e açúcar para emplacar nas rádios. O que está longe de ser uma tragédia. Monica canta bem e seu duelo com Brandy (na faixa-título) é uma das melhores disputas do mundo pop desde "The Boy Is Mine", a parceria entre Michael Jackson e Paul McCartney.

A menina está cercada de bons amigos e belas idéias. *The Boy...* tem participação dos rappers do Outkast, sample de Diana Ross ("Love Hangover dos tempos em que ela trabalhava com Nile Rodgers, produtor do Chic) e uma versão de "Right Here Waiting", antiga bobagem do cantor Richard Marx.

S.M. Nota 7

JOÃO GILBERTO
Ao Vivo
WEA

O gênio da bossa nova num especial de TV de 1980

Os brasileiros se dividem em três categorias: os que amam João Gilberto, os que acham ele um chato e os que não estão nem aí. Os do primeiro grupo devem ter em casa a versão em vinil do musical exibido pela Globo há alguns anos, que resultou neste álbum ao vivo relançado em CD com quatro faixas a mais. Os do segundo grupo não pretendem ter o LP.

Este disco, portanto, tem verdadeira serventia para as pessoas do terceiro grupo. Aqui está o que de melhor o intérprete baiano sabe fazer, que é cantar, acompanhado de seu violão, o repertório mais afeito a seu estilo, como "Chega De Saudade" e "Desafinado". Para os cultores do cantor, nada supera o prazer de ouvi-lo. Para o resto da humanidade, este CD pode ser tanto uma lição de sensibilidade quanto uma sessão de tortura. Depende do gosto do freguês.

Celso Masson Nota 8

COWBOYS ESPIRITUAIS
Cowboys Espirituais
Matraca/Trama Records

Pampas gaúcho viram terra de Marlboro

Músico e radialista, Júlio Reny esteve nos primórdios do pop urbano de Porto Alegre com a banda KM 0, depois com a Expresso Oriente e dali partiu para algumas parcerias com o Humberto Gessinger em *A Revolta Dos Dândis*. Agora não está mais sozinho. Se juntou a Frank Jorge e Márcio Petracco para disparar petardos nos Cowboys Espirituais.

O grupo utiliza base folk, country e *bluegrass*, com muito violão de doze cordas, *slide guitar*, banjo e pedal steel, mas reserva espaço também para o latiníssimo bombo leguero e para as *calientes* maracas. Eles despejam nulismo em "Forasteiro Triste" ("Sou um cowboy fora do seu lugar/ Longe do verdadeiro mundo") e justificam a segunda parte do nome do trio em "Lembranças De Outra Vida" ("Eu vi a luz na imensidão/ Depois tudo desapareceu pra outra encarnação").

As armas e a pontaria desse bando mostram-se certeiras nos hits "Jovem Cowboy" – parceria de Reny com Pitá numa mistura de rap com Bob Nelson "Não Chores Loira" e "A Irmã Do Dr. Robert". Os Cowboys Espirituais estão prontos para qualquer tiroteio no *saloon* do rock nacional.

Márcio Pinheiro Nota 8

Antídoto contra o rap bandido

LAURYN HILL
The Miseducation Of Lauryn Hill
Columbia/Sony Music

Lauryn Hill nada contra a corrente dos defensores da ladainha bandida, aquela que professa a tese que "rapper bom é rapper morto". Seu *Miseducation...* é um belo apanhado de canções e raps "do bem", em que a vocalista se derrama em saudações à maternidade, ao casamento e à capacidade de se manter imune às tentações do sucesso.

Baseadas nas experiências pessoais da cantora, as letras combinam melodias inspiradas na soul music e no reggae dos anos 70 com batidas eletrônicas de qualidade (basta ver o tratamento moderno dado a "Can't Take My Eyes Of You", de Frankie Valli & The Four Seasons). As participações especiais incluem a guitarra de Santana (em "To Zion", que pode ser descrita como um encontro de Jah com a música gospel), o *guitarreiro* jamaicano Earl "Chinna" Smith ("Forgive Them Father") e o cantor D'Angelo, que reedita ao lado de Hill os bons duetos que fizeram a fama da gravadora Motown em "Nothing Even Matters". Nesse momento, o álbum chega a ser piegas. Mas vem em hora oportuna em sua semana de lançamento, alcançou o primeiro lugar da parada americana, desbancando Snoop Dogg Doggy, Wu-Tang Clan e outros adeptos da bandidagem.

Sérgio Martins Nota 8

Lauryn Hill combate a malandragem com um disco campeão – de vendas e de qualidade

VÁRIOS
Black Music Alive Vols. 1 & 2
Paradoxx

Aula de competência com mestres do funk

Enquanto no Brasil, Billy Paul faz sua milésima "turnê internacional", sortudos de outros países se deliciam com autênticos mestres da soul music, que enchem o salão de dança por qualquer 2 mil réis. É o caso dos artistas dessas duas coletâneas vendidas separadamente, grupos como Kool & The Gang, que tocou no Chile em agosto passado), O'Jays e Gap Band podem não emplacar hits na parada local, muito menos aparecer na MTV, mas sabem tudo na hora de subir ao palco.

O primeiro volume é um desbunde, com Gap Band (no clássico "Outstanding", cuja base foi transformada em rap nauseabundo por Notorious B.I.G.); "I'm Every Woman" mostra que Chaka Khan anda está com o gogó em boa forma e os O'Jays recriam o clássico "For The Love Of Money" – cuja introdução foi copiada por Queen Latifah, Fernanda Abreu e até pelos Titãs. O único senão fica por conta do excesso de baladas melosas da Dazz Band.

O CD 2 vale principalmente por "Celebration", do Kool & The Gang, e "Fantastic Voyage", do Lakeside – que transformou Coolio em milionário do rap.

Sérgio Martins Nota 8

GOMEZ
Bring it On
Hut IMPORTADO

Rock inglês movido a cerveja e Neil Young

A última moda entre as bandas da Inglaterra é fazer misturas com o mínimo de distorção possível, bem bonitinhas, de preferência até mesmo quase sem vocais. Nesse estilo incluem-se bandas como Electric Sound Of Joy, Arab Strap, Dawn Of The Replicants – atuais queridinhas dos scenários musicais da ilha. Apesar de ser colocada nesse mesmo saco de gatos pelos críticos ingleses, a banda Gomez se destaca pelo som áspero e por experimentar diferentes tipos de estilos sem fugir de sua influência principal – que transita desde a música de gênios como Dr. John e Neil Young a pitadas de country music. Atração principal de um dos palcos do Reading Festival e indicada para o Mercury Prize Awards (o Grammy inglês, que no ano passado consagrou o drum'n'bass de Roni Size), juntamente com grupos como Asian Dub Foundation e 4 Hero, o Gomez mostra um som introspectivo na medida certa e ideal para ouvir acompanhado dos amigos, da namorada e de uma boa cerveja. Nenhuma inovação, somente um dos mais puros e belos discos de rock feitos este ano nas terras inglesas.

Luciano Vianna Nota 8

Quatro faces de um gênio

reedição

FRANK ZAPPA
The Grand Wazoo Nota 8
Zoot Allures Nota 8
Sheik Yerbouti Nota 8
Cheap Thrills Nota 7
Rykodisc/Eldorado

Frank Zappa volta em quatro relançamentos Rykodisc/Eldorado

A discografia oficial remasterizada de Francis Vincent Zappa chega ao Brasil Rykodisc/Eldorado. São sessenta discos, que serão lançados em pacotes de quatro a cada mês. Os quatro primeiros são pedradas que mostram faces bem distintas do gênio. *The Grand Wazoo* é rebuscado, com participações de 21 músicos. Aqui não há espaço para a ironia ou a zoeira, o guitarrista estava mais a fim de explorar a riqueza instrumental de suas criações. *Zoot Allures* é um dos trabalhos mais rock'n'roll de Zappa. Sua guitarra brilha no quase-blues "The Torture Never Stops" e nas faixas instrumentais. O clássico *Sheik Yerbouti* traz os sucessos "Bobby Brown Goes Down", "Dancin' Fool" – tratado sobre a boçalidade da *disco*, que pode ser aplicado aos *clubbers* dos anos 90 –, "I Have Been In You" e "Broken Hearts Are For Assholes".

A coletânea *Cheap Thrills*, com gravações ao vivo de várias fases de Zappa, fecha o pacote. Traz uma faixa interativa com detalhes da vida do compositor, que foi embora muito antes do combinado – em dezembro de 1993 – por causa de um câncer de próstata.

Hélio Gomes

VANGE MILLIET
Arrepio
Dabliu

Cantora paulista investe na "moderna MPB"

Muito do que passa por "moderna MPB" é na verdade pop brasileiro que não ousa dizer seu nome. Rótulos e purismos aparentemente negativos, porém, abrangem bons trabalhos. É o caso deste novo disco da cantora Vange Milliet. O álbum inclui boas regravações funkeadas de "Negra Melodia", de Macalé/Wally Salomão, e "Essa É Pra Tocar No Rádio", de Gilberto Gil. Temos ainda ao lado de boas novidades – como os xaxados "Arrepio" e "Espelho" (parcerias de Vange com Chico César e Zeca Baleiro, respectivamente) e "Mal Menor", de Itamar Assumpção – outros *remakes* interessantes: "Tinindo Trincando", dos Novos Baianos; "Naveganta", de Tom Zé; e "Sou O Estopim", do mestre do forró Antonio Barros.

Ayrton Mugnaini Jr. Nota 8

SPARKLEHORSE
Good Morning Spider
Parlophone IMPORTADO

Astro alternativo mistura country-rock e depressão

É o segundo álbum dessa banda de um homem só, cultuada pelas jovens estrelas de Hollywood, pelo pessoal do Radiohead e pela loura gostosa dos Cardigans, Mark Linkous, o cantor, guitarrista e compositor das dezessete faixas deste álbum, é algo como o "novo Lou Reed do interior". Ele narra suas experiências próprias em baladas sussuradas, frágeis e delicadas (a mais linda é "Painkiller").

Linkous diz que algumas canções foram inspiradas na sua visita de 2 minutos ao reino dos mortos. Em janeiro de 1997 ele teve uma parada cardíaca e foi ressuscitado por um serviço de emergência, após ter ficado desmaiado 16 horas no banheiro do quarto de hotel. Linkous passou por nove operações para não perder as pernas. É o que se pode chamar de "a volta por cima".

Thomas Pappon Nota 7

CIDADE NEGRA
Quanto Mais Curtido Melhor
Sony Music

Astros do reggae repetem fórmulas

O Cidade Negra alcançou o tão sonhado estrelato com *Sobre Todas As Forças*, disco em que mixava corretamente o reggae com música pop e provava que o gênero consagrado por Bob Marley também sabia falar de amor. Mas se agarrou a esta receita como gema de casa fissurada por programa de culinária. Apesar da boa produção e da categoria da banda, *Quanto Mais...* satura pela repetição. Tem cover ("Nos Barracos Da Cidade", de Gilberto Gil), convidado internacional (a cantora africana Angelique Kidjo ocupa o espaço já preenchido por Shabba Ranks e Patra na correta Ponto De Mutação"), reggae com tendências pop e letras contra o sistema.

S.M. Nota 5

Albert Collins estraçalha em dois CDs do pacote

Vários Blues

As escalas pentatônicas do blues chegam ao Brasil em cinco relançamentos exclusivos para os associados do Musiclub (os interessados devem ligar para 011 / 3037 2600). Do selo Alligator vem a maior parte do pacote, com **ALBERT COLLINS** encabeçando dois CDs. Em **Cold Snap** (1986), Collins funde o blues de Chicago a outras vertentes da música negra, como o funk e o jazz. "Ain't No Drunk" é garantia de uma boa farra, enquanto "Lights Are On But Nobody's Home" exibe um solo memorável. **Showdown!** (1985) traz os discípulos Robert Cray e Johnny Copeland armando a cama para Collins zoar o barraco. O trio se complementa: Copeland se sai melhor cantando; Cray, construindo bases surrupiadas; e Collins, claro, arrasando em sua guitarra Telecaster. **Raw Magic** (1982) é bonachão e malaco como seu autor, **MAGIC SLIM**. Acompanhado pelos Teardrops, joga para a torcida – ou seja, engana bem. O **KINSEY REPORT** mesclou com competência as batidas do funk às guitarras bluseiras em **Edge Of the City** (1987), um sopro de modernidade no gênero. **Harp Attack!** (1990), o melhor do pacote, reúne algumas das lendas da harmônica. **JUNIOR WELLS, JAMES COTTON, BILLY BRANCH e CAREY BELL** deixam o virtuosismo de lado em benefício do ouvinte.

Luciano Marsiglia

JIMMIE VAUGHAN

Out There

Epic/Sony Music

Guitarrista não sai da sombra do irmão famoso

Jimmie Vaughan não costuma sair ileso quando comparado a Stevie Ray, o último grande herói do blues, morto em 1990 num desastre aéreo. *Out There* é a prova [illegible] guitarrista parece estar sempre pedindo licença para tocar. Quando [illegible] para imaginar seu rosto rubro de vergonha. Cantando [illegible] aos outros instrumentos.

Jimmie comporta-se como o anfitrião que todos desejam: os outros é que fazem a festa. Em "The Ironic Twist", o sax tenor de Greg Rains é que rouba a cena. "Lake A King" tem produção, autoria e guitarras de Nile Rodgers (ex-Chic, produtor de *Let's Dance*, de David Bowie). Jimmie ficou envaidecido com a dedicatória desta música, mas não o suficiente para "vestir as calças" do disco. Frouxo ou picareta, a decisão é sua.

Luciano Marsiglia **Nota 5**

VÁRIOS

The Avengers

Atlantic/Continental

Músicas salvam mais uma bomba de Hollywood

Se o filme *The Avengers* (no Brasil, *Os Vingadores*) for mesmo tão ruim quanto as críticas inglesas e americanas dizem ser, este CD com a trilha – mais apropriado seria dizer co-estan[illegible] com músicas "inspiradas" no filme – é de longe o melhor produto surgido desse *revival* da série televisiva dos anos 60. Como o próprio original, que já era uma derivação de James Bond, algumas das músicas do disco também soam competentemente retrô (mais especificamente a versão, com sabor *Austin Powers*, de Marius de Vries para o tema da série e "Storm", com Grace Jones e a Radio Science Orchestra, que apresenta um descarado parentesco com "Goldfinger").

Entre as outras boas atrações do álbum estão Annie Lennox no papel de Annie Lennox (cantando no seu tradicional estilo [illegible]), Sinead O'Connor em parceria com Ashtar Command, Meat [illegible] Roni Size, Dishwalla, Stereo MC's, [illegible] Saints, Verve Pipe, Sugar Ray e as duas melhores faixas do disco: "I Am [illegible]", [illegible] Suggs, o eterno cantor do Madness, e "Bad Twin", com Baby Bird [illegible] cantor Stephen Jones tem a voz [illegible] parecida com a de Ian McCulloch, do Echo & The Bunnymen.

Vitor Paolozzi **Nota 7**

UB40

The Dancehall Album

Virgin Records

Ladainhas primais no CD dos ingleses

Na teoria do grito primal, do psiquiatra Arthur Janov, o sujeito se libera dos próprios traumas [illegible] suas cordas vocais com berros [illegible] John Lennon fez isso em [illegible] [illegible] D[illegible] jamaicanos [illegible] de [illegible] a falar dessa teoria, mas usam berros e gritos como poucos em *The Dancehall Album*. Continuação de *Guns In The Ghetto*, do octeto inglês UB40, o disco traz bandoleiros do reggae como o ex-traficante de armas Ninja Man [illegible] e a libidinosa Lady Saw em [illegible] letras que glorificam a família e condenam o uso de armas, tudo bem temperado por bases eletrônicas. O resultado pode não trazer perdão a esses arrependidos (a seleção ainda inclui Beenie Man e Mad Cobra), mas proporciona munição para chacoalhar o esqueleto.

Sérgio Martins **Nota 7**

SUGARCUBES

reedição

The Great Crossover Potential

Elektra/PolyGram

Björk e camaradas antes de acreditarem em gnomos

Muito antes de entrar na fase "eu acredito em gnomos", Björk espantou a pasmaceira do rock britânico (ainda em ressaca com a extinção dos Smiths) ao pilotar – com um saxofonista meio mala chamado Einar Orn – um iceberg agridoce chamado Sugarcubes. A parte mais expressiva dessa trajetória está contada na coletânea *The Great Crossover Potential*. São catorze faixas retiradas dos três discos que a banda lançou em cinco anos: *Life's Too Good* (1988), *Here Today, Tomorrow Next Week* (1989) e *Stick Around For Joy* (1992). A melhor delas, "Birthday", continua deliciosamente desconcertante. Há mais pérolas: o surrealismo safado de "Deus" ("assim mesmo, em português", Deus não existe. Mas se existe usa costeletas e vive numa nuvem fofinha (...) Ele quer me tocar"), o impacto opressivo de "Cold Sweat", a delicadeza gu[illegible] de "Planet" e o refrão forte de "Regina". As outras faixas não chegam ao mesmo nível e músicas frouxas como "Vitamin" e "Hit" mostravam que os cubos de açúcar já tinham se dissolvido.

Carlos Marcelo **Nota 7**

JUSSARA SILVEIRA

Cançoes De Caymmi

WEA/Dubas

Cantora baiana recria jóias do conterrâneo famoso

[illegible] de ouro da MPB e mestre da música popular baiana, Dorival Caymmi prefere qualidade a quantidade – em 84 anos de vida compôs menos de cem músicas. E Jussara Silveira faz justiça a catorze pérolas caymmianas recriando grandes sucessos ("Maracangalha", "Saudade De Itapoã", "Nem Eu") a outras menos conhecidas ("Yayá Não Sabe", "Você Diz Que Amar É Crime").

Não julgue o disco pela capa: as poses sexies da cantora não vêm acompanhadas de "mestres" do pop modernoso, mas sim de arranjos acústicos e suavemente balançados, que lembram de leve Zizi Possi e Eliete Negreiros, maestrinas da MPB com MPB maiúscula: classe e bom gosto. Artigos assumidamente fora de moda nestes tempos de moderna música baiana e seus bons glúteos.

Ayrton Mugnaini Jr. **Nota 9**

Beth mostra os caminhos do samba para a nova geração

Pérolas Do Pagode

BETH CARVALHO

PolyGram

É impressionante a capacidade de Beth Carvalho de dar à luz discos que já nascem clássicos. Não que ela consiga isso sempre. Há vezes em que o esforço é grande, mas o resultado nem tanto. Como aconteceu no último CD da cantora, que ela fez questão de gravar mesmo com a garganta estropiada.

Já em *Pérolas Do Pagode*, o resultado é brilhante. Beth tratou da voz e revisita sucessos que consagrou no passado – caso de "Olho Por Olho" e "Isaura" –, desfia um cordão de preciosidades assinadas por Arlindo Cruz (um dos líderes do grupo Fundo De Quintal, a quem o álbum é dedicado) e entoa partidos de outros bambas, como Paulinho da Viola e Martinho da Vila. Os dois compositores entram, junto com o mestre Candeia, na chamada "Seleção De Pagodes" do álbum, um daqueles momentos primorosos que só a ginga de Beth é capaz de produzir. Não é o Fundo de Quintal, mas é pagode pra valer.

Celso Masson **Nota 9**

Em busca da brasilidade

Qual foi a maior dificuldade em escolher o repertório de *Pérolas Do Pagode*?

A quantidade de sambas bons era muito grande, tanto de sambas já gravados, como de inéditos. Pra você ter uma idéia, eu tive mais de 400 músicas na pesquisa que fiz.

Você acha que o samba está sendo melhor entendido pela nova geração?

Sim. O samba é a vanguarda e o jovem é a geração esperança. Freqüento muitos lugares freqüentados por jovens e percebo que o interesse é muito grande. Eles me fazem muitas perguntas sobre o samba e me reverenciam muito. Fico toda boba e feliz porque essa curiosidade deles é a busca da identidade, da brasilidade. Estou sempre pronta e com muita ternura para responder o que está ao meu alcance. Aliás, isso começa na minha própria casa, pois tenho minha filha de 17 anos, Luana, que é sedenta em saber. Acho que o traço de união é fundamental entre as gerações. Isso nos renova.

O que você achou da releitura que Paula Toller fez do seu sucesso "1 800 Colinas"?

Achei muito bonita, ela canta muito bem, fez do jeito dela sem ferir a obra do autor (Gracia do Salgueiro). Fiquei lisonjeada, pois me senti homenageada.

Suingue sangue-bom

[illegible] brasileiro [illegible] expressa em outras línguas

AMON TOBIN

Permutation

Ninja Tune - IMPORTADO

Amon Tobin é carioca, mas não fala quase nada de português. Aos 26 anos de idade, este amante do jazz e da batucada e apontado pelos críticos ingleses como grande "tecno-autor" (a mesma escola de Aphex Twin, µ-ziq, Squarepusher etc.), do tipo que passa horas e horas sozinho no quarto, fazendo música no computador.

Em *Permutation*, seu terceiro trabalho, Tobin usa exclusivamente samplers. "Não sou músico. Eu junto fragmentos de músicas já existentes, e as introduzo em contextos totalmente diferentes". De fato, tudo aqui é estranho, encantador, surreal. Às vezes soa como trilha de filme, outras como música eletro-acústica e, na maior parte do tempo, como a música pop do planeta Vênus. As programações de Amon flutuam sobre o jazz, o drum'n'bass, beats chapados, e causam um efeito místico de pasmaceira e uma larica dos diabos.

Thomas Pappon **Nota 9**

Ardida como pimenta

reedição

ELIS REGINA
Transversal Do Tempo Nota 10
PolyGram
Elis Vive Nota 10
WEA

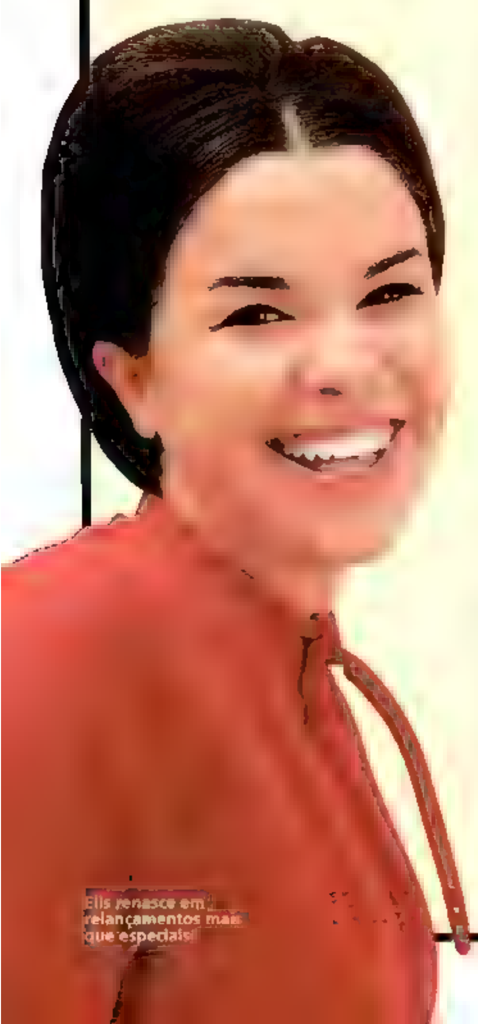
Uma dose excessiva de cinzano e cocaína calou a voz de Elis Regina em janeiro de 1982. Mas ela nunca deixou de viver nas prateleiras das lojas de discos. A nova fornada de relançamentos inclui a caixa de 21 CDs, *Transversal do Tempo*, e um álbum inédito, *Elis Vive*, com o registro do show *Essa Mulher*, apresentado pela cantora em 1979 com base no repertório do álbum homônimo – que tem "O Bêbado e a Equilibrista".

No caso da caixa, que cobre o longo período passado por Elis na PolyGram (1965/1978), a vantagem está na remasterização, indispensável para ouvir a voz límpida da Pimentinha com toda a pureza digital. Se você tem apenas uma coletânea ou um ou outro original, não vai se arrepender de pagar 350 reais (preço médio da caixa) para ter todos os discos que compõem a melhor fase da obra de Elis. Ela começou a gravar em 1961, quando desperdiçou sua voz em versões bobinhas de rockinhos idem, mas foi a partir de seu ingresso na PolyGram, em 1965, que Elis realmente passou a fazer algo que prestasse.

A cantora soube refletir o que de melhor acontecia na sua terra. Abraçou a bossa nova no disco *Samba Eu Canto Assim* (1965), lançou Milton Nascimento com a "Canção Do Sal" no posterior *Elis* (1966) e deu a primeira grande chance a Tim Maia com o dueto em "These Are The Songs" no arejado *Em Pleno Verão* (1970). Sem falar no essencial *Elis & Tom*, de 1974. Mas, se você não está nem aí para opções estéticas e quer ouvir apenas sucessos, vá direto ao *Elis* (1972), que reúne os clássicos "Nada Será Como Antes", "Atrás Da Porta", "Cais", "Casa No Campo" e a gravação original de "Águas De Março".

A Pimenta também cometia discos irregulares. Mas, mesmo por baixo, ela pairava acima de meio mundo. Como prova o belo álbum inédito *Elis Vive*. A cantora oferece esfuziantes interpretações de músicas que marcaram aqueles tempos de abertura. A voz estava no auge e se permitia fugir do rigor técnico dos estúdios. E o repertório complementa a obra da caixa *Transversal Do Tempo*. Para quem apenas descobre Elis Regina, caixa e álbum inédito são duas imperdíveis oportunidades de constatar que a Pimentinha ainda arde.

Mauro Ferreira



Elis renasce em relançamentos mais que especiais

CLEOPATRA
Comin' Atcha!
Maverick/WEA

Grupo vocal debuta no selo de Madonna

É impressão ou os grupos [illegible] de teenagers voltaram com força total? Depois das Spice Girls, dos Backstreet Boys e das All Saints, o trio britânico Cleopatra mostra que também entra na disputa para saber quem [illegible] título. As irmãs [illegible] foram apadrinhadas por Madonna – que as contratou para o seu selo, Maverick – [illegible] agora *Comin' Atcha!*, seu CD de estreia. [illegible] prova que tem fôlego para os [illegible] bom, segundo uma receita [illegible] [illegible] vocais perfeitos. O [illegible] reggae, prova que as garotas beberam na fonte certa. O [illegible] senão é uma versão para "I Want You Back", do Jackson Five [illegible] original.

Cláudia Lima Nota 7

BEZERRA DA SILVA
Eu Tô De Pé
Universal Music

O ídolo dos roqueiros e suas crônicas malandras

Não foi por acaso que Bezerra da Silva virou rei da [illegible] des do Barão Vermelho [illegible]

[illegible] cedo D2. Porta voz oficial da malandragem, ele canta [illegible] que qualquer [illegible] ou vir. Basta se ligar num trecho de "Cantada Do Norte", música que está no novo CD do sambista: "O Planet Hemp quer saber por que é que essa erva é proibida. [illegible] Ela alegra, ela inspira, ela acalma e deixa a [illegible] legal. E aquele que perde a cabeça é porque já tem parte com o espírito mal".

Mais que precursor [illegible] Bezerra é o [illegible] [illegible] com tudo quanto é buraco [illegible] ele descreve para a rapaziada um mundo onde [illegible] em vez e onde dedo-duro leva [illegible]. Engrossando o discurso da comunidade rapper, Bezerra não vacila ao afirmar que "o sistema não educa o presidiário porque não lhe interessa a recuperação".

Como se não bastasse, ele [illegible] da [illegible] pelo povão, deixando o esperto quanto às promessas de Fernando Henrique [illegible] que as coisas vão melhorar. Mas na tremenda [illegible] meu povo está". É de bezerras da silva que o Brasil precisa.

Celso Masson Nota 9

LEILA PINHEIRO
Na Ponta Da Língua
EMI Music

Cantora reafirma valor, entre canções pop e boa MPB

Leila Pinheiro firma-se como uma de nossas grandes cantoras, não só pela bela voz, mas também pela aversão a modismos e apelos óbvios. Fiel a seu [illegible] grava autores de sua predileção, como Walter Franco [illegible]. Nenhuma Palavra"), Renato Russo ("Vento No Litoral"), Eduardo Gudin ("Ainda Mais", parceria com Paulinho da Viola) e a dupla Guinga e Aldir Blanc ([illegible] De Jackson [illegible] do o disco anterior de Leila, *Catavento E Girassol*).

"Abril" é mais uma prova de que músicas de Adriana Calcanhoto revelam sua beleza com outros intérpretes. Temos ainda duas simples e belas baladas pop, perfeitas para as FMs, mas bem acima do nível geral das programações: "Pra Nos Lembrar", de Alvin L. e Marina, e "Amor Perigoso Amor", de Frejat e Dulce Quental, além de uma boa regravação de "Sentado À Beira Do Caminho", de Roberto e Erasmo Carlos.

Ayrton Mugnaini Jr. Nota 8

DOCTOR MC'S
Agora A Casa Cai
Kaskatas

Grupo de rap substitui revólver por cerveja

Se você acha que em alguns grupos de rap há um excesso de referências a mortes, revólveres e brigas, bem-vindo ao Doctor MC's. Neste álbum, o grupo da Zona Leste paulistana, a palavra mais citada é cerveja. "[illegible]", você pode perguntar. Mas vai entender se escutar a brilhante "Tik Tak", com o refrão "Tique taque, o tempo vai passando. E a gente aqui sentado no banquinho conversando". A letra conta sobre um domingo no subúrbio de Cidade Tiradentes, a partir de um despertar amargo – quando a pessoa abre a [illegible] e sente subir um cheiro de esgoto e vai tomar uma cerveja com os amigos para esquecer os problemas – para tudo terminar com uma celebração da amizade e da diversão pacífica.

Este é o tom de *Agora A Casa Cai*: a realidade [illegible] pelos prazeres proporcionados pela diversão. Mas o grupo não é alienado; o comentário sobre os problemas [illegible] da periferia está aí: o preconceito racial, a excessiva agitação da metrópole. Recobrindo as letras, uma produção classe A, com bons samples e programações, aliada a um conceito criativo [illegible] mão de aproximações com outros gêneros, como o hardcore de skatista e a MPB de boteco em "Tik Tak" (hip hop com violão [illegible] acontecimento [illegible]).

Danilo Monteiro Nota 7

Inner Circle deixa o reggae tradicional em busca de uma linguagem mais pop

Vários Reggae

Poucos nomes deixaram tanta saudade no cenário reggae quanto o de **JACOB MILLER**, morto em 1980 em um desastre automobilístico. Ex-vocalista do Inner Circle, Miller tinha uma voz precisa e uma presença de palco capaz de rivalizar com a de Bob Marley. **The Best Of Jacob Miller** (RAS/Top Tape) traz um pouco do legado do cantor, que emplacou hits como "Shaky Girl" e "80,000 Careless Ethiopians". Já o **INNER CIRCLE** faz de **Jamaica Me Crazy** (WEA) um apanhado de reggae frouxos (como "Mother Theresa") e covers duvidosas – tem até "Ob-La-Di, Ob-La-Da", dos Beatles. **Pure Reggae** (RAS/Top Tape) inclui tipos famosos. **BLACK UHURU**, **INNER CIRCLE** e **GREGORY ISAACS** são garantia de boas vibrações. Já **Reggae Version** (RAS/Top Tape) inclui vários hits internacionais traduzidos para a linguagem do chacundum. "Tonight's The Night", de Rod Stewart, fica bonita na voz de **BERES HAMMOND**, e **GREGORY ISAACS** dá um tratamento especial a "The House Of The Rising Sun", canção do grupo inglês The Animals. E o reggae brasileiro dá as caras com **MARCELO SANTANA E O BANDO DO REGGAE**. **Sensibilize** (Independente) é um trabalho redondinho, em que se destacam as faixas "Miscigenação" e "Caia Na Kaia".

Paulo Cavalcanti

Para emplacar no rádio

RITA LEE
Acústico MTV
Globo/Polydor

Muito se esperava deste *Acustico*. Fãs e herdeiros de Rita Lee torciam por um clássico instantâneo. Já a cantora deve estar esperando fazer as pazes com o sucesso. Ha grandes chances de isso acontecer: o álbum traz hits certeiros de todas as fases da Rita solo, do rock'n'roll da Tutti-Frutti ao pop de Roberto de Carvalho, em versões que devem emplacar nas rádios e nos shows. Além disso, a produção é afiada, os arranjos funcionam, a banda é bacana e quase todos os convidados cumprem seus papéis.

Mas e Rita? Ela está pálida, sem amplitude vocal, mantendo-se quase o tempo todo num único tom. Entre as dezoito faixas do álbum, o melhor vem da fase pré-mandião: "Agora Só Falta Você", "Luz Del Fuego", "Ovelha Negra" – todas do clássico *Fruto Proibido*, de 1975 –, "Balada Do Louco" (única canção da época dos Mutantes) e "Jardins Da Babilônia". É muito pouco para a maior roqueira do Brasil.

Hélio Gomes — Nota 5

MARTINHO DA VILA
3.0 Turbinado
Columbia/Sony Music

Sambista resume 30 anos de carreira em CD ao vivo

Martinho da Vila com seu jeito devagar, devagarinho de malandro de Vila Isabel é capitão de longo curso na música brasileira. Compor pérolas como "Quem É Do Mar Não Enjoa", "Segure Tudo", "Disritmia", "Casa De Bamba", "Pra Que Dinheiro?" e "Pequeno Burguês" não é para qualquer um.

3.0 Turbinado celebra os 30 anos de carreira do compositor e aproveita para mapear a história do samba. Tem mais qualidade, romantismo não-ofensivo à inteligência (a sequência "Pra Poder Te Amar"/ "Cama E Mesa"/ "Valsinha") e diversidade rítmica em suas dezoito faixas do que a maioria dos Alexandres Pires da vida. Martinho acende uma vela para a santíssima trindade João da Baiana, Pixinguinha e Donga ("Batuque Na Cozinha", "Patrão, Prenda O Seu Gado" e "Pelo Telefone") e celebra parentes do samba como o angolano ("Makeza") e o calango ("Calango Longo"), canta *a capella* e levanta todo mundo com seus grandes sucessos.

Hagamenon Brito — Nota 9

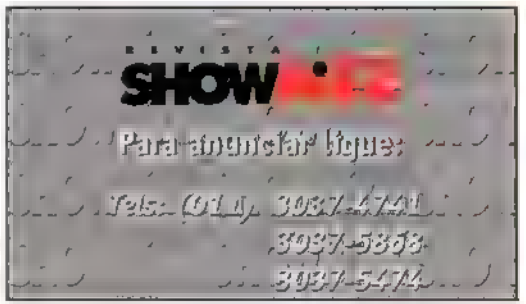
VÁRIOS
The Last Days Of Disco
Epic/Sony Music

A matriz dos raps de Will Smith, Puff Daddy etc

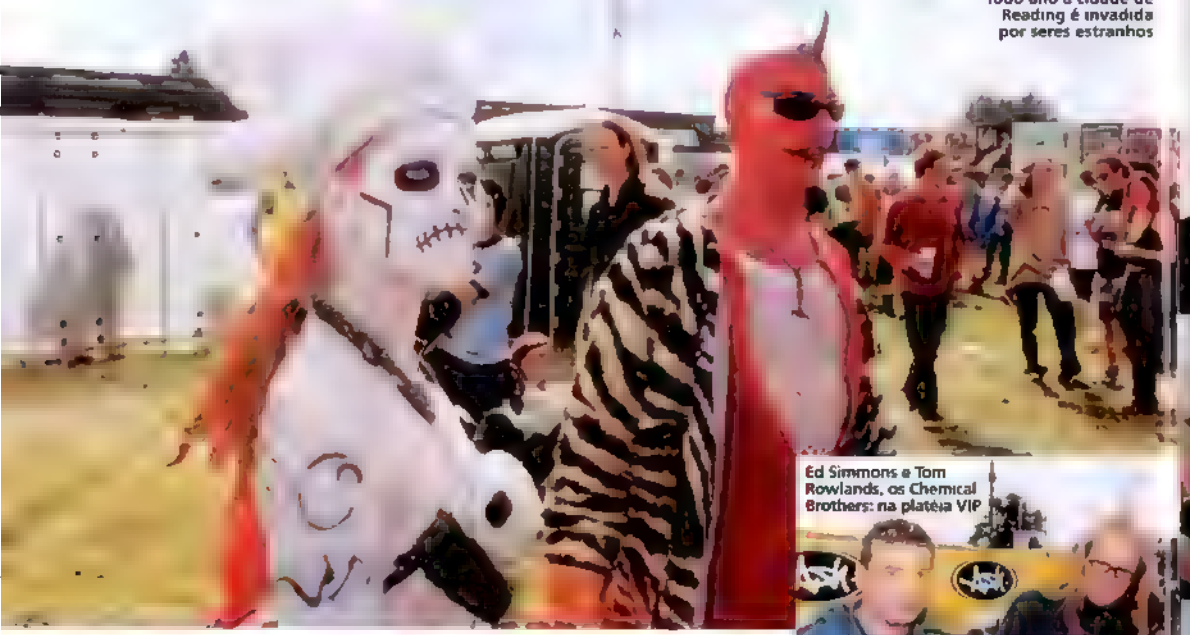
The Last Days Of Disco, o filme é a primeira produção do ano a louvar a era das discotecas – tema abordado também por *54*, estrelado pelo comemorante Mike Meyers e pelas poderosas Neve Campbell e Salma Hayek. Mas a trilha de *The Last Days Of Disco* não poderia ser mais atual: traz três sucessos da época em que foram vampirizados por rappers nos anos 90.

Quem já chacoalhou o esqueleto ao som de "Mo' Money, Mo Problems", do falecido Notorious B.I.G., vai descobrir que o original "I'm Coming Up", de Diana Ross, é muito mais empolgante – fora o fato de Ross cantar para caramba. E "He's The Greatest Dancer", do Sister Sledge, faz pertacinhos de sua derivação "Gettin' Jiggle With It", do hoje milionário Will Smith. A superioridade do time daquela época fica ainda mais gritante com a releitura de "I Love The Night Life" pelo Nuyorican Soul. Perde de dez a zero para a original de Alicia Bridges, presente neste CD.

Sergio Martins — Nota 8



Ao Vivo

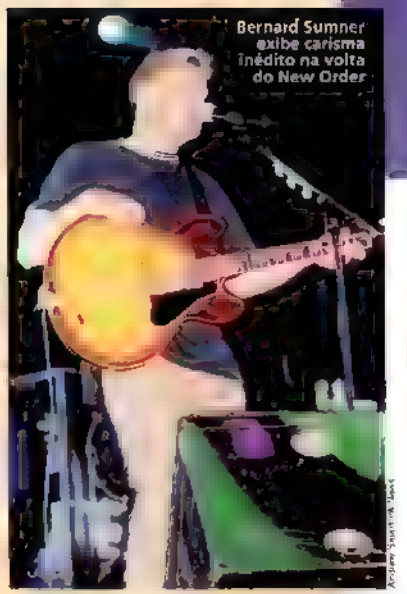


Todo ano a cidade de Reading é invadida por seres estranhos

Ian McCulloch (*de óculos*) aproveita as benesses da Sala VIP

Ed Simmons e Tom Rowlands, os Chemical Brothers: na platéia VIP

O publico em momento fofura (*à esq.*) e tentando dançar rumba e salsa (*acima*)



Bernard Sumner exibe carisma inédito na volta do New Order

O bom e velho New Order

Foram cinco anos de espera entre o último show no palco do Reading Festival, em 1993, e a apresentação no mesmo evento, em 1998. Nesse meio tempo, os integrantes do New Order se meteram em diversos projetos paralelos (Electronic, The Other Two, Revenge e Monaco), sem muito sucesso.

O tempo de incubação, porém, deu bons resultados. A turma de Manchester voltou à ativa com uma apresentação clássica diante de 20 mil pessoas – muitas das quais ainda eram crianças quando a banda estava no auge, na década passada.

A diferença de gerações não fez diferença: todos sabiam as letras de cor. O show foi feito essencialmente de *greatest hits*, a cada música anunciada pela banda, um urro de excitação percorria a platéia. Foi assim com "True Faith", "Bizarre Love Triangle", "Blue Monday" e, principalmente, quando vieram cinco clássicos da Joy Division (banda que deu origem ao New Order após o suicídio do vocalista Ian Curtis, em 1980) de uma tacada só: "Isolation", "Ceremony", "Shadowplay", "Heart And Soul" e uma versão mais rapidinha de "Love Will Tear Us Apart".

A performance mostrou que a separação fez muito bem ao New Order. O guitarrista Bernard Sumner quase não desafinou nos vocais e mostrou uma presença de palco inédita em seu histórico, com direito a pulos e gritinhos. Peter Hook extraiu belas melodias do baixo, Stephen Morris socava o kit de bateria como nos tempos de Joy Division e até mesmo Gillian Gilbert parecia feliz atrás dos teclados. Um fenômeno.

L.V. e V.R.

Cem shows, todas as tribos...

Reading Festival

Reading (Inglaterra), de 28 a 30/08

Se você algum dia visitar Reading e quiser ser bem tratado, assegure-se de não ser confundido com um fã de qualquer gênero musical que não seja o canto gregoriano, a polca ou algo parecido. Cenário do festival de rock mais tradicional da Inglaterra, a cidade – a 40 minutos de trem de Londres – é bastante hostil às cerca de 100 mil pessoas que a visitam, uma vez por ano, para ver e ouvir rock. Seus habitantes dão informações erradas, vendem comida e bebida pelo dobro do preço e fazem muita cara feia.

Apesar disso, vale a pena. Quem passou pelo suplício este ano, no último fim de semana de agosto, teve como recompensa ver de perto, em três dias de pura orgia musical a volta do New Order, os Beastie Boys, Prodigy, Garbage, Foo Fighters, Rancid e Asian Dub Foundation entre mais de uma centena de atrações.

Eram quatro palcos em que rolava de-tudo-ao-mesmo-tempo-agora. O povo também se divertia em dezenas de barraquinhas de comida e bebida (da chinesa à irlandesa) tendas de roupas e uma barraca de relaxamento virtual. Sem falar no bar de rumba e salsa, o point mais disputado no fim da noite, quando os ingleses, já meio bêbados, promoviam engraçadas tentativas de dançar ritmos latinos.

O maior burburinho, porém, ficava na área reservada para os artistas, onde famosos como os Chemical Brothers, Garbage e Echo & the Bunnymen disputavam um lugar no balcão do bar. A vida de astro não é tão cintilante em festivais ingleses. "A pior coisa é ter que usar os banheiros químicos", reclamou Shirley Manson, vocalista do Garbage.

Na tenda da cerveja Carlsberg, as tribos se revezaram. Sexta-feira foi a vez dos skatistas, com apresentações de No Fun At All (punk sueco), GIV (hardcore), The Specials (ska inglês) e Bad Religion (punk californiano). Sábado, a massa jungle enlouqueceu com uma apoteótica apresentação da equipe Reprazent, comandada por Roni Size. Domingo foi a vez das *big beats* (batidões eletrônicos). O Deejay Punk Roc fez a festa, que teve shows de Les Rythmes Digitales e Monkey Mafia.

No palco patrocinado pelo jornal *Melody Maker* – o segundo mais importante –, o grupo americano Yo La Tengo e a Bentley Rhythm Ace, banda inglesa que mistura *big beats* com rock, foram destaque. O Spiritualized, darling da Grã-Bretanha, tocou quase todas as músicas do seu viajante último CD, *Ladies And Gentlemen We Are Floating In Space*, em longas versões. Na tenda da grife Dr Martens, a banda punk Sleater-Kinney, dos EUA, sacudiu os mudernos.

Foram mais de 100 shows. Porém, como diz o ditado, "em terra de dinossauro lagartixa não se cria". Grupos relativamente novos, como Mansun (ingleses, dois discos lançados) e Bluetones (sensação em 1996), foram ofuscados pelos veteranos. Jimmy Page e Robert Plant destilaram clássicos zepelinianos; o jamaicano Lee Perry botou os ingleses para fazer passinho com um belo show de dub, e o Rancid também brilhou.

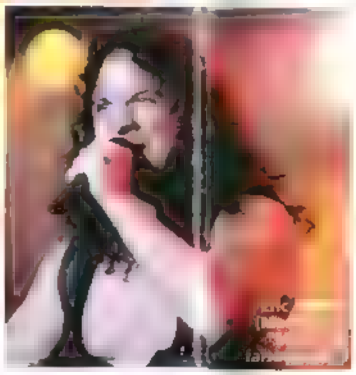
A grande briga do festival envolveu Prodigy e os Beastie Boys. Adam Yauch, dos BB, teria ligado para Liam Howlett, do Prodigy, pedindo para que o grupo inglês não tocasse o hit "Smack My Bitch Up" ("Espancar Minha P***"). No show, o vocalista Maxim contou a fofoca para o público, soltou palavrões e cantou a música. Adam Yauch revidou mais tarde, no palco: "A violência contra as mulheres é incentivada por canções como essa".

A imprensa britânica chamou os Beastie Boys de hipócritas, lembrando que eles já se apresentaram com mulheres dentro de gaiolas e que muitas de suas composições inferiorizam o sexo feminino. "Hoje em dia mudamos as letras dessas músicas. Não acreditamos mais nisso", defendeu Yauch. Polêmica à parte, o trio americano empolgou mais que o Prodigy.

Comandado pela sexy Shirley Manson, o Garbage anda samplers, garra e técnica aos instrumentos, fechando o festival em alto nível, depois do show do New Order (*veja boxe acima*). Na hora de voltar, nem o mau humor dos locais tirava a cara de felicidade de quem viveu uma experiência inesquecível.

Luciano Vianna e Valeria Rossi

Kerry King, do Slayer, com o diabo na música e no corpo



Tradição e bom comportamento

Phillips Monsters Of Rock

Pista do Ibirapuera (São Paulo), 26/09

Justiça seja feita: a horda metálica é a mais mal vestida das tribos, mas por outro lado é bem comportada. O número de ocorrências policiais foi baixíssimo para uma noite que reuniu 22 mil seres de camiseta preta. Na parte musical, poucos apostavam fichas numa escalação quase sem medalhões e pontuada por nomes datados. Mas esse time proporcionou ótimos momentos a um público ansioso pelo som de guitarras plugadas a amplificadores.

A primeira atração internacional foi Glenn Hughes, ex-baixista do Deep Purple e ex-cantor do Black Sabbath. Houve problemas – com o som e com os erros dos músicos "pistoleiros de aluguel" contratados às vésperas da apresentação.

Já o sexteto americano Savatage protagonizou uma bela aula de rock pesado e melódico, centrada em *The Wake Of Magellan*, seu último CD. Saiu consagrado. A mesma sorte não teve o Saxon. Produto da mesma safra oitentista que originou Def Leppard e Iron Maiden (a chamada nova onda do metal inglês), o quinteto apresentou um set desinteressante, nem clássicos como "The Power And The Glory" se salvaram. Enquanto isso, a sala vip era uma autêntica festa, com músicos circulando, modelos em trajes extravagantes, malabaristas ensaiando acrobacias e Supla distribuindo santinhos dos progenitores (papai Eduardo e mamãe Martha Suplicy eram candidatos às eleições deste ano). No palco o Dream Theater demonstrou a inoperância de suas longas suítes hard-progressivas. O vocalista James LaBrie é ótimo, os arranjos – de precisão cirúrgica – são eximiamente executados, mas o todo é sem graça como cerveja quente. Pior: o ranço de solos infindáveis, ausente nos discos, reedita os piores cacoetes do semi-extinto rock sinfônico.

Uma introdução épica saúda a entrada do Manowar, autoproclamado "última trincheira do verdadeiro metal". Com o volume altíssimo, o quarteto reedita variados clichês do gênero, convoca fãs para tocar guitarra e executa clássicos como "Gods Made Heavy Metal" e "Kings Of Metal". Na bagagem, inflamados discursos proferidos pelo cantor Eric Adams contra o "falso metal" e "aos bastardos que dizem que o metal morreu".

O Megadeth esteve aqui há pouco tempo? Pouco importa, o guitarrista e vocalista Dave Mustaine e sua trupe nunca decepcionam. Ao contrário, parecem melhores a cada dia, resultado da simbiose entre guitarras – "puxado" por Marty Friedman, Mustaine soa cada vez melhor, enquanto o primeiro incorpora mais e mais os matadores *riffs* da guitarra de Mustaine. Some-se a isso carisma, a intensa movimentação, um grande baterista (Jimmy DeGrasso, ex-Suicidal Tendencies, superando o antecessor Nick Menza) e está explicado porque o quarteto proporciona um dos melhores shows de metal da praça.

O Slayer entrou adrenalizado por litros e litros de *pisco*, a aguardente peruana. Aos primeiros acordes, boa parte do público, já anestesiada pela maratona, reviveu e cerrou punhos ao ar com o característico sinal dos chifres.

Foi a senha para históricos 90 minutos nos quais o Slayer repassou sua longa carreira e ainda forneceu extratos do recém-lançado (no Brasil) *Diabolus In Musica*. O quarteto americano opta por um estudado distanciamento do público, e a atmosfera do show é densa e carregada. No final, o baixista/vocalista Tom Araya, visivelmente emocionado, desceu do palco, foi até o público e cumprimentou, um a um, dezenas de fãs.

Carlos Eduardo Oliveira

[illegible] Via Sat, salto para aclamação geral

Mangue esquema novo

PE no Rock

Circo Maluco Beleza (Recife), 05 e 06/07

Organizado por Geraldo Cavalcanti, ex-parceiro do produtor Paulo André no festival Abril Pro Rock, o PE No Rock retomou a essência de seu "primo" mais badalado, que em suas primeiras edições reunia apenas atrações locais. Em duas noites no Circo Maluco Beleza, o evento mostrou o que há de melhor na cena recifense, com bandas que variavam do punk e do rock pesado ao rap e às influências do manguebit.

O primeiro dia começou com os acordes pesados do grupo Frank Jr. e a demência sonora de Os Cachorros. Em seguida, o Via Sat fez o melhor show de uma banda independente na noite – com direito a coro do público no hit local "Lumumba". Um aperitivo de luxo para o Devotos Do Ódio, grupo punk do Alto José do Pinho, maior atração da noite. Os modestos cinco mangos para a noite valeram a pena quando o vocalista Canibal criou um redemoinho gigante no público do Circo Maluco Beleza.

A segunda noite privilegiou as misturas musicais. Dona Margarida Pereira E Os Fulanos se redimiram da fria apresentação do último Abril Pro Rock, com seu rap-rock inteligente. Também na praia do rap, os Caiçaras não entusiasmaram. E o Paulo Francis Vai Para o Céu (vencedor do VMB da MTV na categoria demo-clipe) exagerou na palhaçada.

Ninguém superou o Sheik Tosado. A banda é a maior aposta do cenário mangue dos últimos tempos. Sua mistura de embolada, frevo e hardcore pareceu mais pesada que no Abril Pro Rock. Eddie, trio de Olinda, foi recepcionado friamente por uma platéia que estava mais a fim de ouvir batuque do que guitarra. O mundo livre s/a lançou no festival seu novo álbum *Carnaval Na Obra*. E fez a sua melhor apresentação em anos. Pernambucano, mas cosmopolita, organizado e respeitado, o líder do grupo, Fred 04 foi a cara do PE No Rock. "Espero que este festival não seja desvirtuado como outros", vibrou 04, recebendo a aprovação das sete mil pessoas da platéia.

Rodrigo Salém

Paulo Francis: bons de graça, ruins de música

Rogério Flausino, do Jota Quest: canções dançantes, baladas e óculos de causar inveja a Elton John

Quinteto afiado

Jota Quest

Palace (São Paulo), 3/10

Uma grua de metros da MTV movimenta-se em frente ao palco como o pescoço de um dinossauro à procura de imagens do Jota Quest. Bem-vindo ao futuro: nesta noite você paga pelo show e ainda participa de um videoclipe.

O público adolescente, abundante em hormônios e vibração total antes mesmo da entrada da banda. Os VIPs presentes também ajudam a entender qual é a turma do Jota: estão ali Luciano Huck e Tiazinha, ambos do programa *H*, da TV Bandeirantes, e o ator Alexandre Frota, que comanda o *Galera* (pronuncia-se "galeeera") na Record. "De Volta Ao Planeta" dá a senha para o início do balance. Seguem-se "Encontrar Alguém" e a releitura de "Daqui Pra Frente", de Roberto Carlos, novo fetiche da temporada, e "Titãs em "É Preciso Saber Viver".

Antes do início do primeiro *take* do videoclipe de "Fácil", o vocalista Rogério Flausino esclarece: "Este é o bailão do Jota Quest". E, se existe algum mal-entendedor na platéia, o refrão escancara a proposta da banda – e por tabela define a música pop: "Fácil, extremamente fácil. Para você e eu e todo mundo cantar junto".

A performance continua com faixas dos dois álbuns da banda e uma homenagem a Tim Maia (o *medley* "Gostava Tanto De Você" e "Você"). No bis, "Fácil" de novo. Rogério tem uma bela coleção de óculos escuros. Colocou o quarto deles no repeteco de "De Volta Ao Planeta" – que também contou com um bailarino vestido de banana, jogando bananas para a platéia.

O Jota Quest sabe como fazer um show. Estrada também não lhe falta, a banda está superafiada e conta com bons músicos. Sem firulas, com a dinâmica da balança, músicas dançantes e suaves e o apoio de metais, o quinteto mineiro faz a galera saltitar, cantar alguns refrões, agitar os braços, divertir-se, roçar os corpos, descarregar as energias e ir para casa mais tranqüila, para transar melhor ou dormir como um anjinho.

Danilo Monteiro

Para todo mundo cantar junto

Não foi tenso para a banda fazer um show e gravar um videoclipe ao mesmo tempo?

Rogério Flausino Foi. Nas primeiras músicas, até que chegasse "Fácil", estávamos um pouco nervosos. E também tinha muita gente da imprensa e alguns amigos. Era quase uma estréia. Já tínhamos feito apresentações em São Paulo recentemente, mas tocar no Palace parece que dá uma cara oficial ao trabalho.

Na apresentação, a banda não arrisca muito, tudo parece estar previsto. Por quê?

Gostamos muito da história do bailão, de divertir as pessoas. Todos na banda já fizeram muito boteco, não temos medo disso. Quando você faz muitos shows, você sabe a hora que o cara da platéia quer cantar junto. Aquele negócio de "Everybody say iê", para a platéia responder, que todo gringo que vem tocar aqui usa, é uma arminha, as pessoas gostam de participar. E por quê não?

A agenda está cheia, então?

Na turnê do primeiro disco, que durou um ano e meio, fizemos 130 shows. Este do Palace foi o número 27 dessa turnê. Antes de sermos contratados para o primeiro disco na Sony (*fizemos um independente*), já tínhamos feito mais de 100, em dois anos.

Você tem uma boa coleção de óculos escuros, não é?

Eu e o Elton John (*risos*). Tenho uma malinha com 26 óculos, que levo pra todo canto. Já passaram mais de sessenta pela minha mão.

D.M.

Climas mágicos

Elliot Smith e Belle & Sebastian

Sheperds Bush Empire (Londres), 7/07

Belle & Sebastian é um dos segredos mais bem guardados do Reino Unido. Muito comentados mas pouco vistos e ouvidos, seus oito integrantes se mantêm afastados de qualquer tipo de promoção: raramente fazem shows e quase não dão entrevistas. Mas desde que lançaram seu segundo CD, *If You're Feeling Sinister* (o primeiro, de tiragem limitada de apenas mil discos, é tão raro que uma cópia autografada pelo grupo escocês foi vendida há pouco tempo pela "bagatela" de 1,6 mil reais), são apontados pelos críticos ingleses como a melhor novidade surgida na ilha nos últimos anos. As raras apresentações, como esta, lançamento do novo álbum *The Boy With The Arab Strap*, são verdadeiros acontecimentos.

A abertura ficou por conta do americano Elliot Smith. Sentado no centro do palco com seu violão e uma garrafa de cerveja, Smith (que concorreu ao Oscar deste ano pela trilha sonora de *Gênio Indomável*) desfilou catorze músicas em mais de 40 minutos de show, a maioria do seu excelente último disco, *X/O*. Ao vivo e acústicas, as criações de Smith ganham um novo tom de dramaticidade, com canções ao mesmo tempo doces e ásperas.

A Belle & Sebastian é liderada por Stuart Murdoch, que se divide entre o violão e o piano e é o principal letrista do grupo. O público mostrou um respeito impressionante. Logo na primeira música, "It Could Have Been A Brilliant Career", podia-se ouvir o barulho da respiração da pessoa ao lado, tamanho o silêncio reinante. Piano, violoncelo, violino, trompete e a guitarra de Stevie Jackson criam climas mágicos para a voz de Murdoch e da vocalista Isabel (a "Belle" que nomeia a banda). Se os integrantes do grupo tivessem um pouquinho mais de boa vontade com a imprensa e sede de sucesso, facilmente o Belle & Sebastian poderiam subir ao Olimpo do time de grandes estrelas do showbiz. Mas cara para isso eles já têm.

Luciano Vianna

Deslizes perfeitos

Ben Harper, um virtuoso do violão slide a serviço da emoção

Aos 28 anos, Ben Harper domina o slide como os velhos mestres do blues

"Acredito que todo instrumento é mágico, depende de o músico tirar dele o encanto", filosofa o moderno bluesman Ben Harper. Aos 28 anos, o violonista californiano, uma das atrações do Free Jazz 1998, tem uma carreira sólida calcada no blues com pitadas de pop. O violão slide é uma das bases de seu estilo. Ele calcula que cerca de 70% do tempo que passa no palco é dedicado ao instrumento, aquele violão de formato diferente que o músico pousa no colo. A grande diferença do som do slide para violões e guitarras comuns é que, no instrumento que fez de Blind Willie Johnson – o favorito de Harper – uma lenda do blues, a mão desliza sobre o braço sem os trastes (as divisões de metal) para atrapalhar. Daí o nome slide (deslizar, em inglês) e o som escorregadio que se ouve, por exemplo, no solo do clássico "O Último Romântico", de Lulu Santos. Existe também o slide de dedo, uma peça de metal ou vidro (originalmente uma garrafa do tipo long neck) que envolve um dos dedos do músico, normalmente o anelar ou o mínimo. Esse tipo de slide é mais comum: está, por exemplo, na versão dos Titãs para "É Preciso Saber Viver", na guitarra de Toni Bellotto. O som produzido no entanto, não é igual ao que tiram Ben Harper e o mestre Steve Howe, do Yes. O slide de dedo é mais limitado, o músico não tem o mesmo conforto para passear entre os graves e agudos do braço do instrumento.

Apesar de recuperar características do velho blues, Harper não tenta trazer de volta o passado. "Reproduzir o que faziam Robert Johnson ou Muddy Waters com seus instrumentos não me interessa", costuma dizer ele, que já apareceu em dueto com artistas de rap, como os Fugees e Pharcyde. Nascido em um família de apreciadores do blues, Ben aprendeu a tocar de ouvido, escutando os discos dos pais, e seu primeiro *slide guitar*, que ele possui até hoje, é da marca Weissenborn e foi fabricado nos anos 20. Para preservá-lo, Ben não toca mais o instrumento ao vivo, só o usa no estúdio. No palco, seus slides – vários, com afinações diferentes – são da marca Asher, fabricados a partir do antigo Weissenborn. E jura que tocar slide não é difícil. "É preciso praticar tanto quanto em um violão ou guitarra convencional", desmistifica. Ao vivo Ben usa poucos efeitos ("para não complicar", diz), basicamente amplificadores Tube Screamers e um pedal wah wah da Vox.

Bernardo Araujo

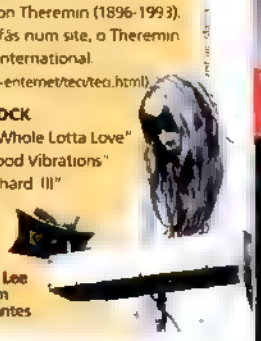
Instrumento do mês

Teremim

Este instrumento bizarro foi largamente utilizado por grandes nomes do mundo pop nacional e internacional, como Jimmy Page (Led Zeppelin) e Rita Lee (em seu período nos Mutantes). Ele é controlado pelos movimentos das mãos num campo de ondas eletromagnéticas. Ou seja, não é necessário encostar na engenhoca para tocá-lo. A barra vertical é responsável pela entonação das notas musicais – quanto mais você aproxima sua mão, mais altas as notas. O arco na parte lateral do teremim faz o papel de "botão" de volume – quanto mais próxima sua mão, mais baixo fica o som. Projetado em 1919 pelo cientista russo Leon Theremin (1896-1993), o invento reúne fãs num site, o Theremin Enthusiasts Club International (http://www.hf.net/~internet/tec/tec.html).

TEREMIM NO ROCK

Led Zeppelin "Whole Lotta Love"
Beach Boys "Good Vibrations"
Supergrass "Richard III"


Nos anos 60, Rita Lee tocou teremim em shows dos Mutantes

O sonho não acabou

Gravadores de CD reacendem o bom e velho hábito de montar coletâneas

O CDR da Philips, uma das boas opções no mercado

Fotos Divulgação

Você já pensou em compilar suas canções favoritas num único CD? Ou ter a versão digital daquele LP raríssimo em vinil que só o seu amigo possui? Esses sonhos estão se tornando realidade com o surgimento dos CD Recorders (gravadores de CDs). Lançados este ano no Brasil, eles chegam para substituir definitivamente os gravadores de cassete, com uma tecnologia superior às fitas.

Há vários CDR à venda no mercado. A maioria pode ser encontrada em grandes magazines (tipo Mappin ou Mesbla) ou em lojas especializadas em aparelhos de som.

O CD da Philips aceita mais de uma gravação

Escolha o seu "brinquedo"

A Philips lançou em março deste ano o modelo CDR 870, mas já coloca no mercado os CDR 760 e 765. Os novos aparelhos têm menos restrições que o anterior. O 765, por exemplo, possui duas "gavetas". Lembra aqueles sistemas de som com dois *decks*, que permitem copiar de uma fita cassete para outra. Já a Pioneer tem à disposição os modelos PDR 04 e 05. O único senão é que eles necessitam de outro CD player na hora de fazer uma gravação.

Os CD Recorders da Sony também requerem uma boa olhadela. Os modelos MDS-JE500 e MDS-JA3ES oferecem a mesma qualidade de gravação dos aparelhos da Philips e da Pioneer. A única diferença está no CD, bem menor – chamado mini disc. Ele tem um formato complicado, não funciona em qualquer aparelho. A vantagem é que o mini disc é regravável e seu preço mais convidativo – 12 reais, contra os 40 reais gastos num disco comum regravável. Apenas a Philips produz CDs que aceitam mais de uma gravação – e só funcionam nos aparelhos da marca. A situação tende a mudar. A Marantz, que também fabrica CD Recorders, está produzindo um CD regravável e compatível com qualquer aparelho. Antes que isso aconteça, pesquise bastante para decidir qual marca e modelo comprar. Mas o consumidor pode ficar tranqüilo num aspecto: a qualidade de reprodução desses aparelhos tem nível sofisticado, equiparável aos melhores e mais caros produtos existentes. Com a vantagem de se pagar um preço inferior a essas jóias.

Edgard Reyman

Festa dos aparelhos eletrônicos

Audiófilos não devem perder a HiFi Show 98, evento anual que reúne os melhores equipamentos de áudio e vídeo do mercado. Marcas como Paradigm, Sennheiser, B&W, Akron e Harman Kardon – apenas para citar algumas – estarão com seus melhores produtos em vários estandes, alguns deles com áreas reservadas para demonstração. A feira acontece de 23 a 25 de outubro no Spléndido Portofino – Rua Maria Mesquita da Mota e Silva, 98, Morumbi, São Paulo.

O novo e potente aparelho da JVC

Concertos para a juventude

A JVC dá um passo adiante no terreno dos *home-theaters* com o lançamento de seu novo receiver, o RX-884. Dotado de sistema dolby digital e recurso 3-D Phonic, o aparelho revela-se ideal para assistir a concertos de rock mais agitados – o som parece surgir de todos os cantos da sala. O modelo RX-884 terá o preço médio de 1,5 mil reais.

Cinema em casa

A Sharp também entrou no mercado de DVD. O modelo DV-550 vem equipado com som dolby, o que garante bons decibéis na hora de assistir a seu musical preferido. Além disso, o aparelho não ocupa espaço: ele possui a metade do tamanho de um DVD normal.

O pequeno grande aparelho

A Sony acaba de lançar no Japão e nos EUA o mini system com gravador de CD para mini disc, rádio AM/FM e relógio com timer. O preço: 650 dólares. O que impressiona são suas dimensões: 7 quilos de peso distribuídos por 55 cm de largura, 30 cm de altura e – pasme – 15 cm de fundo.

Stamp RockWear
EXCLUSIVO NO BRASIL
CAMISETAS OFICIAIS
FABRICAÇÃO AUTORIZADA
RECEBA PELO CORREIO
Tel. 011-2997344
Fax 011-2995456
e-mail: stamp@uol.com.br

$PREÇOS $PREÇOS $PREÇOS
01 a 03 camisetas: R$ 19,50
04 ou mais camisetas: R$ 17,50
(preço de cada camiseta)
DESCONTO PARA REVENDEDORES
MALHA 100% ALGODÃO TAMANHOS P,M,G

COMO COMPRAR
OPÇÃO 1: PAGAR AO RETIRAR
Você receberá um aviso do correio para retirar e pagar seu pedido na agência mais próxima de sua casa.
Nesta opção o frete será pago pelo cliente.
O valor do frete varia de acordo com o peso da encomenda e o local de entrega.
OPÇÃO 2: PAGAMENTO ANTECIPADO
Enviando junto com o seu pedido cheque nominal a STAMP ROCKWEAR, você recebe a encomenda em sua casa. Nesta opção o frete é GRÁTIS.

Envie o cupom abaixo para: STAMP ROCKWEAR Rua Heliodora, 321 02022-051 São Paulo SP
☐ Sim, desejo receber a seguinte encomenda:
OPÇÃO 1 ☐ OPÇÃO 2 ☐ SB-159

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME:
END:
CEP: CID: EST:
TEL: ASSINATURA:
BANDA FAVORITA:

EntreLeitores

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
email:showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

CORRESPONDÊNCIA

Fãs de Björk
Wandson de Lima - Rua Professor Moacir Elk Alvaro, 90 - São Paulo, SP. CEP 04406-130

Fãs de Metallica e Marilyn Manson
Lilian Martins - Rua Ipiranga, 398 - Ribeirão Pires, SP. CEP 09400-000 - Tel. (011) 459-5151

Fãs de ska, punk, rock e hardcore
Juliana - Rua Benedetto Bonfragli, 694 - São Paulo, SP. CEP 02564-040

Fãs de Nirvana, Doors, Janis Joplin
Wanessa Torrezan - Rua Carlos Coimbra, 6 - Santa Bárbara d'Oeste, SP. CEP 13453-158

Fãs de Jimi Hendrix, The Doors
Alessandro Silva - Rua N, 88 - Lagarto, SE. CEP 49400-000

FÃ-CLUBES

Planet Hemp
Planet Hemp Fazendo Sua Cabeça. Rua Pimenteiras, 24 (fundos) - Rio de Janeiro, RJ. CEP 23016-390

Capital Inicial
Fã-Clube Capital Inicial. A/C Joelma Marques - Rua Cel. Francisco Gomes Campos, 45 - Muriaé, MG. CEP 36880-000 - Tel. (032) 722-2479.

Elvis Presley
Elvis Gospel. Caixa Postal 934 - Florianópolis, SC. CEP 88010-970

Freddie Mercury
Freddy Mercury Memory Fan Club. Praça Benedito Narciso Ceruti, 185 - São José dos Campos, SP. CEP 12221-550

Marcelo Bonfá
Fã-Clube Marcelo Bonfá - Rua Anibal Porto, 702, bl. 8, apto. 401 - Rio de Janeiro, RJ. CEP 21230-330

PROCURO

Smashing Pumpkins: Gravação do *Programa Livre*, troco por materiais de outras bandas ou compro. Rafael Rocha - Rua Petrolândia, 367 - Piedade, SP. CEP 18170-000

Alanis Morissette e Smashing Pumpkins: Gravações do *Programa Livre*, nem que sejam parciais. Ana Camila Esteves - Alameda Florença, 30, ed. Marcelo, apto 703 - Salvador, BA. CEP 41850-600. Tel. (071) 358-2934

Oasis e Blur: Materiais, troco por Madonna, Mick Jagger e outros. Thaís Furtado - Rua Nereu Ramos, s/nº - Canelinha, SC. CEP 88230-000

Kurt Cobain: Troco fotos dele e do Nirvana por fotos de outros artistas. Marcela Reis - Rua 3, nº 40 - Mogi das Cruzes, SP. CEP 08746-000

Kurt Cobain: Troco material de vários artistas por qualquer coisa dele ou do Nirvana. Fernanda Cobain - Rua Costa Ferraz, 14 - Rio de Janeiro, RJ. CEP 20251-000

SHOWBIZZ Edição 88, de 1992. Felipe Morellato - Rua Fernão Dias, 491 - Caxias do Sul, RS. CEP 95052-270

Keith Flint: Compro fotos do vocalista do Prodigy, tiradas no Close Up Festival. Ana Luiza Fantim - Rua Baronesa de Itu, 640 apto. 42 A - São Paulo, SP. CEP 01231-000 - Tel. (011) 825-4757

Guns N'Roses: Procuro todas as BIZZ e SHOWBIZZ que tenham algo sobre o grupo. Natalia Nepomuceno - Rua Emília Marques Ferreira, 143 - São Paulo, SP. CEP 02811-100 - Tel. (011) 3991-1830

VENDO

BIZZ: Várias edições e BIZZ Letras Traduzidas dos anos 88 a 90, preço do último exemplar em bancas. André Francisco Garcia - Rua São Paulo, 1190 apto. 1203 - Belo Horizonte, MG. CEP 30170-131

Rock pesado: Fitas cassete contendo discografias completas de bandas como Kreator, Slayer etc. Everton Pereira - Rua Hievanoé Figueiredo, 304 - Butiá, RS. CEP 96750-000

Spice Girls e Backstreet Boys: Material na maior parte importado, também troco por material de Oasis ou The Verve. Michele Cristine Pahl - Rua Lauro Linhares, 501, apto. 635 bl. AZ - Florianópolis, SC. CEP 88036-002

Madonna: Materiais nacionais e importados, antigos e recentes. Anderson Petroni - Rua 2, bl. 27, apto. 301 - Jaboatão, PE. CEP 54270-010

Raimundos: Caixa Casta Básica completa com gibi, CD e vídeo. Gustavo Fernandes - Rua Lauro Muller, 172 D, apto. 201 - Chapecó, SC. CEP 89807-130

BIZZ/SHOWBIZZ: Vendo coleção do número 1 ao 152. Também aceito troca. Preço unitário a combinar. Alexander Bruno - Rua Projetada A, lote 45 quadra C - Rio de Janeiro, RJ. CEP 22710-530

MÚSICOS

Guitarrista solo: Banda feminina procura, entre 15 e 18 anos, pouca experiência. Nick Blood - Avenida Nossa Senhora de Fátima, 51 - Rio de Janeiro, RJ. CEP 20240-050 - Tel. (021) 460-1010 cód. 2752827

AS REGRAS PARA COLOCAR UM ANÚNCIO AQUI
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone no qual você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso não publicaremos seu anúncio. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

Editora Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 4º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (011) 3037-2000, fax (011) 0255-8900 - Caixa Postal 66157, CEP 05315-970 - São Paulo - SP

Representantes no Brasil:
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/ 401 - Pituba - Salvador - BA - CEP 41830-021 - Telefax: (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat - conj. 170/16 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel.: (0811) 225-2134/2521 - (0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 20º andar - Sala 2900 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Tel: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7471
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 108 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tel.: (085) 254-1666/6045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M A M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Cerqueira, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 30110-907 - Tel.: (031) 555-4749 / 292-3655
Paraná: M L C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 608 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-000 - Tel.: (041) 243-4648 - Fax: (041) 252-2544
Recife: Multi Revistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1196 - 15º andar - sala 1501 - Ed. Sun Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-030 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermedia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 364 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9830 - Fax: (016) 635-9243
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Cocho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 336 1344
Santa Catarina: Ely Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Voltaire II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-6569

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
VOCÊ S/A EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR • FLUIR
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA • ANA MARIA
HORÓSCOPO • CARICIA • SAÚDE
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO
Entretenimento
CONTIGO! • SHOWBIZZ • SET

Revista Showbizz, Edição 159, Outubro de 1998, é uma publicação especial da Editora Abril S. A. ISSN 0100-1949. Assinatura: sua satisfação é sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem ônus e sem burocracia. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá colocá-lo à disposição de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte desta lista, escreva para Editora Abril Assinaturas, Av. Dorival de Alves de Lima, 4400 - 6º Andar - Freguesia do Ó - CEP 02909-900 - São Paulo - SP. Números atrasados (os seis últimos edições) estão à disposição, mediante disponibilidade de estoque e ao preço do último edição em banca, mais custo de postagem, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap S/A - Caixa Postal 2505, Osasco SP - CEP 06065-970 - Tone (011) 830 - 4000 - Fax (011) 868-3616, pelo e-mail: dinap.sac@email.abril.com.br, via Internet: http://www.dinap.com.br. Horário de atendimento: de segunda a sexta das 8:00 às 21:30. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard, Diners, American Express e Sollo. Todos os direitos reservados. Distribuição com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. Distribuição em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varão, Armazém nº 9 - Cac. 2685, Camarate, Lisboa.

ANER Central de Atendimento ao Assinante: Grande São Paulo: 3090-2112 - Demais localidades: 0800-55-2112

IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Promoção 11 Anos Da SUPER. 11 Superprêmios.

A SUPERINTERESSANTE está fazendo 11 anos e para comemorar vai dar 11 Superprêmios para você. Para concorrer é fácil. Basta preencher o cupom que você encontra na edição da Superinteressante de outubro.

Participe.

Alquimia explosiva

Os Cramps misturaram rockabilly, psicodelia, filmes B e barulho para criar um clássico do rock

Bryan Gregory, Lux Interior, Poison Ivy e Nick Knox, num tratado de loucura e rock

Performance

Ano de lançamento:
1980
Produção:
Alex Chilton
Músicas:
"TV Set" • "Rock On The Moon" "Garbageman" • "I Was A Teenage Werewolf" • "Sunglasses After Dark" "The Mad Daddy" • "Mystery Plane" "Zombie Dance" • "What's Behind The Mask" • "Strychnine" • "I'm Cramped" "Tear It Up" • "Fever".

Em 1989 o disco foi lançado em CD com cinco faixas-bônus.
"Havia algo de estranho naquele estúdio *(os lendários Sun Studios, em Memphis, onde Elvis Presley gravou seus primeiros clássicos)*. Os fantasmas de todos os roqueiros que já haviam gravado ali saíram das paredes para nos cumprimentar!", lembra Lux Interior.

Songs The Lord Taught Us

The Cramps

Rockabilly, psicodelia dos grupos de garagem dos anos 60 e microfonia, temperado pelo que a cultura pop já produziu de mais podre: este é o universo de Lux Interior e Poison Ivy, do Cramps.

Os dois se conheceram na Califórnia em 1972, adoravam rock primitivo, pessoas estranhas e alucinógenos. Casaram-se e se mudaram para Nova York, dispostos a montar uma banda. Ali conheceram Bryan Gregory, louco de pedra, fanático por misticismo e vodu – que mal sabia tocar guitarra. Depois, recrutaram o baterista Nick Knox. Estava formada a gangue. Os Cramps batizaram seu som de psychobilly – rockabilly psicodélico – e fizeram fama. Na Inglaterra, Stephen Morrissey (mais tarde, vocalista dos Smiths) fundou o primeiro fã-clube do grupo. Nos EUA, atraíram a atenção de Alex Chilton, líder do lendário grupo pop Big Star, que produziu *Songs The Lord Taught Us* por um cachê de fome. Chilton exigiu que a maioria das faixas fossem gravadas ao vivo no estúdio. Lux tratou as gravações como show: se jogava no chão, destruía cadeiras e pulava sobre os amplificadores.

Songs... abre com a clássica "TV Set", com sua batida marcial de bateria e um *riff* maravilhosamente imundo. "Sunglasses After Dark" tem aquela microfonia linda e um solinho new wave que só os Cramps teriam a cara-de-pau de fazer. "What's Behind The Mask" tem uma letra hilariante ("Por que você não tira essa máscara?/ É problema de pele/ Ou um olho a mais?"). "Garbageman" é obra-prima. "Zombie Dance" goza da platéia modernosa de Nova York, que ficava parada vendo a banda se matar no palco; "The Mad Daddy" é uma homenagem a Pete "Mad Daddy" Myers, um DJ de Ohio que Lux idolatrava; e "Mystery Plane" resumia a filosofia da banda na frase "Eu não consigo me identificar com este mundo, então nem tento." Incluindo covers dos Sonics, grupo de garagem dos anos 60 ("Strychnine"), do pioneiro do rockabilly Johnny Burnette ("Tear It Up") e "Fever" (a mesma gravada por Madonna), de Little Willie John, o disco não envelhece.

Os Cramps não abraçaram o passado do rock'n'roll por oportunismo, eles vivem no passado. Para Lux e Ivy, o mundo acabou em 1965. Sua missão é mostrar como ele era mais divertido e irresponsável.

André Barcinski

"Os Cramps são os herdeiros da surf music, por causa de sua capacidade de criar canções com um instrumental que lembra as boas coisas daquela época" (Dick Dale, guitarrista e lenda viva da surf music)

NEGRESCO

JUSTIÇA

TUDO

Negresco

www.nestle.com.br

Nestlé São Luiz